

HABITAR A ENCOSTA

CENTRO CRIATIVO POLIVALENTE NA ENCOSTA POENTE DA
COLINA DE SANTANA E SUA INTEGRAÇÃO NO SISTEMA DE
ESPAÇO COLETIVO

Leonardo Lopes Serradas
(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Arq. João Rafael Marques Santos
Professor Doutor Arq. António Miguel Neves da Silva Santos Leite

Júri:

Presidente: Professor Doutor Arq. Miguel Calado Baptista-Bastos
Vogal: Professor Doutor Arq. Sérgio dos Santos Barreiros Proença
Vogal: Professor Doutor Arq. João Rafael Marques Santos

Documento Definitivo

Lisboa, FA ULisboa, Dezembro, 2018

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmão,
por tornarem os meus sonhos possíveis, pelo apoio,
por toda a confiança e por toda a força que me deram,
mesmo que por vezes a distância tenha sido difícil de ultrapassar.
A vossa presença e as vossas palavras foram fundamentais.
Agradeço todo o esforço e dedicação que depositaram em mim.

À minha família,
Pelos constantes afetos e palavras de coragem.
Um agradecimento especial deste novo alfacinha que não esquece as
suas origens nem os seus.

Aos meus orientadores,
Professor João Rafael e professor António Leite, por terem aceitado o
desafio de participar neste Projeto de Final de Mestrado.
Todo este percurso só foi possível graças à constante ajuda,
disponibilidade, interesse, crítica, observação e desafio que permitiram
o enriquecimento e desenvolvimento deste trabalho.
Agradeço todo o conhecimento que me transmitiram, importante na
minha formação.

Aos meus amigos,
Pela enorme amizade, motivação, perseverança e ajuda,
que sempre estiveram presentes neste longo percurso académico.
Agradeço todas as alegrias, tristezas, conversas e noites partilhadas

À Rita,
Por ser a alfacinha a quem mais agradeço toda a amizade, ajuda,
companheirismo e principalmente as boleias, e que muitas foram.
O teu sentido crítico, as tuas palavras de força e a tua paciência
comigo foram indispensáveis.
Agradeço por tudo, pois tornou este caminho mais fácil.

RESUMO

A colina de Santana faz parte de uma das sete colinas históricas da cidade de Lisboa. Do seu passado rural, ao erguer dos conventos e palácios delineados por cercas e até aos diversos planos de expansão da cidade, esta colina sofreu uma apropriação bastante peculiar e marcada em Lisboa.

Só se entende o seu presente, percebendo como ocorreram as diferentes formas de construção do seu tecido urbano, através das suas principais características topográficas, as suas linhas de vale, de cumeada e as encostas, apropriadas primariamente aos diversos usos e costumes da cidade, emergindo assim nomes como "Corredoura", "Carreira dos Cavalos" ou "Campo do Curral".

Esta colina teve sempre um papel importante na cidade de Lisboa, desde caminho de entrada na mesma, a local religioso e até a importante centro hospitalar. É local de vários espaços de convivência e de grandes eixos viários. Foi pioneira em novos métodos de mobilidade, de hábitos sociais e de planos de expansão no centro de Lisboa. Contudo, o seu crescimento preservou sítios únicos e interessantes, que hoje se apresentam como verdadeiros espaços regeneradores do centro histórico da cidade.

Um desses espaços localiza-se na encosta poente da colina de Santana e através do conhecimento das suas origens, memórias e características, ocorre a necessidade de criar uma proposta urbana e arquitetónica que requalifique e integre este espaço com a cidade, acompanhado de uma forte vivência e uso, preservando e restaurando a sua memória, mantendo sempre uma constante relação com a sua envolvente, para que se assuma no desenvolvimento da imagem da colina e da cidade.

PALAVRAS-CHAVE

Colina de Santana | Encostas | Espaços Expectantes |
Integração Urbana | Centro Criativo

ABSTRACT

The Santana hill is one of the seven historic hills in the city of Lisbon. From its rural past, to the edification of its convents and palaces mapped out by fences, and to its various plans to expand the city, this hill has suffered a very peculiar and strong appropriation in Lisbon.

One can only understand its present by learning how the different construction forms of its urban fabric occurred, through its main topographical features, its valley and ridge lines, and its slopes, which were primarily suitable to the distinctive customs and traditions of the city, leading to names like *"Corredoura"*, *"Carreira dos Cavalos"*, or *"Campo do Curral"*.

This hill has always played an important role in the city of Lisbon, be it an entry path, a religious place, or an significant hospital center. Here is where many gathering places and big roads are located. It was a forerunner in new means of mobility, social habits, and expansion plans to the center of Lisbon. However, regardless of its growth, it has conserved some unique and interesting places, which stand today before us as genuine invigorating spots of the historic city center.

One of those spots is located in the west slope of Santana hill, and through the knowledge of its origins, memories, and features, it becomes necessary to create a urban and architectonic proposal that upgrades and integrates this space with the city, promoting its strong occupancy and usage, protecting and restoring its memory, and always keeping a permanent relation with its surroundings, so that it imposes itself in the image development of the city and the hill.

KEYWORDS

Santana hill | Slopes | Expectant spaces |
Urban Integration | Criatives Spaces

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	V
ABSTRACT	VII
ÍNDICE GERAL	VIII
ÍNDICE DE FIGURAS	XI
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS	1
1.2 METODOLOGIA	4
2 DE OLISIPO A LISBOA	7
2.1 AS VIAS ROMANAS DE LISBOA	9
3 PELAS LINHAS DE VALE	13
3.1 CORREDOURA	15
3.2 ANJOS - ARROIOS	18
3.3 OS NOVOS EIXOS	20
3.4 OS GRANDES ESPAÇOS	24
4 PELA LINHA DE CUMEADA	29
4.1 CARREIRA DOS CAVALOS	31
4.2 OS GRANDES ESPAÇOS	34
5 A OCUPAÇÃO DAS ENCOSTAS	37
5.1 PELAS CERCAS DOS CONVENTOS E DOS PALÁCIOS	40
5.2 O IMPULSO DO SÉCULO XIX	44
5.3 A MOBILIDADE DO SÉCULO XX	48

6 SÍNTESE	53
7 PROJETAR NA ENCOSTA	59
7.1 O DECLIVE E A ARQUITETURA	60
7.2 MUSEU DAS COLEÇÕES REAIS	61
7.3 PARLIAMENT OF VICTORIA MEMBERS' ANNEXE	65
7.4 TERMAS DE VALS	69
7.5 PARQUE TECNOLÓGICO DE ÓBIDOS	73
8 SÍNTESE	79
9 A PROPOSTA	83
9.1 TERRITÓRIO	85
9.2 CONCEITO	88
9.3 PROGRAMA	91
9.5 PROPOSTA URBANA	92
9.6 DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL	95
9.7 MATERIALIDADE	100
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
BIBLIOGRAFIA	109
ANEXOS	115
ANEXO I COMPLEMENTOS À INVESTIGAÇÃO	117
ANEXO II COMPLEMENTOS AO PROJETO	123
ANEXO II PROCESSO DE TRABALHO	131
ANEXO IV PROPOSTA FINAL	149

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 Planta de Lisboa com as indicação dos principais achados e caminhos da época romana. Fonte: MOITA, Irísalva (coord.). O Livro de Lisboa, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 58-59.	10
Fig. 2 Vista de Lisboa nos finais do século XVI com indicação do caminho da "Corredoura" a vermelho. Georgio Braunio. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da ilustração de Georgio Braunio, finais do séc. XVI em SILVA, António Vieira da. A cerca Fernandina de Lisboa. vol. I, 2o ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987.	15
Fig. 3 Traçado do caminho da antiga "Corredoura" e edifícios importantes construídos. Fonte: Elaborado pelo autor.	17
Fig. 4 Rua das Portas de Santo Antão, 19--. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	17
Fig. 5 Rua das Portas de Santo Antão, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	17
Fig. 6 Vista de Lisboa nos finais do século XVI com indicação do caminho do vale Anjos-Arroios. Georgio Braunio. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da ilustração de Georgio Braunio, finais do séc. XVI em SILVA, António Vieira da. A cerca Fernandina de Lisboa. vol. I, 2o ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987.	18
Fig. 7 Traçado do caminho Anjos-Arroios e edifícios importantes construídos. Fonte: Elaborado pelo autor.	18
Fig. 8 Planta de Lisboa de 1871 com as alterações efetuadas até 1910. Fonte: Elaborado pelo autor a partir de cartografia do Arquivo Municipal de Lisboa.	20
Fig. 9 Plano de alargamento a sul da rua Nova da Palma (atual Praça Martim Moniz), 1887. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	22
Fig. 10 Plano da Avenida dos Anjos, junto do Convento/Hospital do Desterro com o traçado da nova avenida a vermelho, 1896. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	22
Fig. 11 Plano da Avenida dos Anjos, junto da antiga igreja dos Anjos, com o traçado da nova avenida a vermelho, 1897. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	23
Fig. 12 Antiga igreja dos Anjos, a partir da rua dos Anjo, anterior a 1908. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	23
Fig. 13 Quarteirão do cruzamento a norte entre a rua dos Anjos (à esquerda) e a Avenida Almirante Reis (à direita), 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	23
Fig. 14 Traçado hipotético da extensão da "Corredoura" dentro de muralhas a azul. João Nunes Tinoco, 1650. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da cartografia de João Nunes Tinoco, 1650 em Arquivo Municipal de Lisboa.	24
Fig. 15 Azáfama diária no Rossio, ao fundo a estátua de D. Pedro IV e o Teatro D. Maria II, 1920. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	24
Fig. 16 Planta da reconstrução da cidade de Lisboa elaborado por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel em 1758. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	25
Fig. 17 Mercado da Praça da Figueira, 1949. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	26
Fig. 18 Demolições no Martim Moniz, ao fundo as escadinhas da Saúde e o Salão de Lisboa, 1947. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	26

Fig. 19 Início da demolição da Igreja do Socorro, 1949. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	26
Fig. 20 Demolições no Martim Moniz, à esquerda o arco do Marquês do Alegrete, após a demolição do palácio, 1947. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	26
Fig. 21 Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz de José Lamas e Carlos Duarte, 1982. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	27
Fig. 22 Vista aérea da Praça da Figueira (A), da Praça do Martim Moniz (B) e da Avenida Almirante Reis (C), 2018. Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Google Earth, 2018.	27
Fig. 23 Vista de Lisboa nos finais do século XVI com indicação da extensão do caminho da Carreira dos Cavalos pela Calçada de Santana. Georgio Braunio. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da ilustração de Georgio Braunio, finais do séc. XVI em SILVA, António Vieira da. <i>A cerca Fernandina de Lisboa</i> . vol. I, 2o ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987.	31
Fig. 24 Traçado do caminho antigo da "Carreira dos Cavalos" e edifícios importantes construídos. Fonte: Elaborado pelo autor.	33
Fig. 25 Mapa de Lisboa com indicações topográficas por I. Tomkyns, 1812. A destacado situa-se a cumeeira da colina de Santana. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da cartografia de I. Tomkyns, 1812 em Arquivo Municipal de Lisboa.	33
Fig. 26 Mapa de Lisboa. Silpa Pinto, 1911. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da cartografia de Silva Pinto, 1911 em Arquivo Municipal de Lisboa.	33
Fig. 27 Campo Sant'Ana na cartografia de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1858. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	34
Fig. 28 Campo Mártires da Pátria, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	34
Fig. 29 Largo da Cruz do Taboado na cartografia de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1858. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	35
Fig. 30 Largo da Cruz do Taboado, 1862. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	35
Fig. 31 Vista aérea do Campo Mártires da Pátria (A) e Praça José Fontana (B), 2018. Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Google Earth, 2018.	35
Fig. 32 Parte do Laço oriental da Cerca Fernandina de Lisboa sobre a colina de Santana. António Vieira da Silva, 1987. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da ilustração de António Vieira da Silva em SILVA, António Vieira da. <i>A cerca Fernandina de Lisboa</i> . vol. I, 2o ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987.	39
Fig. 33 Gravura da Feira da Ladra na Praça da Alegria, início do séc. XIX. Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga.	40
Fig. 34 Plano Geral de Lisboa. Constantino F., 1812. Fonte: Realizado pelo autor a partir da cartografia de Constantino F., 1812 em Arquivo Municipal de Lisboa.	40
Fig. 35 Igreja do convento de Sant'Ana na travessa da portaria das freiras de Sant'ana, atual rua Câmara Pestana, antes de 1897. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	41
Fig. 36 Vista panorâmica para o convento da Encarnação, séc. XIX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	41
Fig. 37 Edifícios importantes construídos na encosta poente da colina de Santana. Fonte: Elaborado pelo autor.	42
Fig. 38 Edifícios importantes construídos na encosta nascente da colina de Santana. Fonte: Elaborado pelo autor.	43
Fig. 39 Palacetes na encosta poente da colina de Santana, 2000. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	44

Fig. 40 Escadaria do Beco de S. Luís da Pena, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	44
Fig. 41 Terreno adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa (a rosa) aos terrenos do Palácio dos Condes de Povolidade, entre a calçada do Lavra e a travessa do convento das freiras de Sant'Ana (atual rua Câmara Pestana), para a construção do ascensor, 1882. Fonte: Arquivo Municipal do Arco do Cego.	45
Fig. 42 Gravura da inauguração do ascensor do Lavra, 1884. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	45
Fig. 43 Ascensor do Lavra e seus barracões, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	45
Fig. 44 Obras de demolição para a o aumento e prolongamento da Alameda de Santo António dos Capuchos, início do séc. XX Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	46
Fig. 45 Construção do Coliseu dos Recreios, em que é possível observar o terreno escavado, 1889. Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/11/coliseu-dos-recreios-de-lisboa.html	47
Fig. 46 Construção do Coliseu dos Recreios, 1889. Fonte: http://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/11/coliseu-dos-recreios-de-lisboa.html	47
Fig. 47 Planta de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1858, com as alterações presentes na planta de Lisboa de Silva Pinto de 1911. Fonte: Elaborado pelo autor a partir da cartografia de Filipe Folque, 1856-1858 em Arquivo Municipal de Lisboa.	47
Fig. 48 Panorâmica sobre a encosta poente da colina de Santana a partir do miradouro de S. Pedro de Alcântara, início do séc. XX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	48
Fig. 49 "Estudo de descongestionamento do trânsito no centro da cidade com a localização de edifícios públicos e o saneamento da zona compreendida entre o Socorro e o Rossio". Guilherme Faria da Costa, 1944. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	49
Fig. 50 "Plano de Remodelação da Baixa". Guilherme Faria da Costa, 1950. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	49
Fig. 51 "Plano de Remodelação da Baixa". Galeria e passagens subterrâneas junto da colina de Santana. Guilherme Faria da Costa, 1950. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	49
Fig. 52 "Projecto de uma ponte a ligar São Pedro de Alcântara ao Campo Santana", vista a partir dos Restauradores. Fialho de Almeida, 1906. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	50
Fig. 53 "Anteprojecto da Avenida aerea de Lisboa n'um viaducto metallico desde S. Pedro d'Alcântara por Sant'Anna á Graça". Ângelo Sarrea de Sousa Prado, 1888. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	50
Fig. 54 Estudo sobre o metropolitano de Lisboa. Carlos Buigas, 1938. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	50
Fig. 55 Proposta apresentada para possíveis extensões do Metropolitano de Lisboa, 2009. Fonte: http://lx-projectos.blogspot.com/2009/09/metro-de-lisboa-prolongamentos-em.html	51
Fig. 56 Panorâmica para a encosta poente da colina de Santana, séc. XIX. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	54
Fig. 57 Edifícios importantes construídos na colina de Santana. Fonte: Elaborado pelo autor.	56
Fig. 58 Edifícios importantes construídos na colina de Santana. (Com curvas de nível). Fonte: Elaborado pelo autor.	57
Fig. 59 Vista aérea do Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015. Fonte: http://mansilla-tunon-architects.blogspot.com/2011/10/39-royal-collections-museum-2000.html	61
Fig. 60 Perfis de encosta comparativos. (A) Perfil histórico, (B) Perfil do estado anterior, (C) Perfil do estado presente. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	61

Fig. 61 Planta do piso da cota de acesso superior. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 62 Planta da sala das carruagens. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 63 Alçado oeste. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 64 Interior do átrio de entrada. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 65 Planta da Sala de Tapetes e do sítio das muralhas árabes. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 66 Corte transversal. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 67 Alçado oeste. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 68 Detalhe construtivo da fachada oeste. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 69 Sala da muralha árabe. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	62
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 70 Panorâmica da colina do Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.	64
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos	
Fig. 71 Panorâmica para o Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	65
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 72 Desenho das vistas para a Catedral de São Patrício. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	65
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 73 Planta do piso térreo. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 74 Corte transversal. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 75 Espaço de estar interior e corredor de acesso aos escritórios. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 76 Pátio exterior. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 77 Planta do piso -1. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 78 Alçado sul. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	

Fig. 79 Espaço exterior entre o novo e o antigo edifício ao fundo a ligação através de uma ponte. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 80 Cobertura verde com passadiço. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	66
Fonte: https://www.archdaily.com/901146/parliament-of-victoria-members-annexe-peter-elliott-architecture-plus-urban-design	
Fig. 81 Vista aérea. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.	68
Fonte: https://peterelliott.com.au/projects/institutional/parliament-house	
Fig. 82 Cobertura e envolvente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	69
Fonte: https://fabrice-fouillet.divisare.pro/projects/388269-thermes-vals-at-7132-hotel	
Fig. 83 Esboços de estudo na relação com a encosta. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	69
Fonte: http://www.3d-dreaming.com/2011/11/all-pictures-u-need-of-peter-zumthor.html	
Fig. 84 Planta piso 0. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 85 Corte longitudinal A. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 86 Corte longitudinal C. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 87 Fachada nascente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: https://en.wikiarquitectura.com/building/thermas-vals/#lg=1&slide=1	
Fig. 88 Fachada nascente e norte. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: https://arquitetosdafelicidade.com.br/paralelismos-termas-de-vals-a-obra-prima-de-peter-zumthor/	
Fig. 89 Planta piso -2. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 90 Corte transversal E. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 91 Corte transversal H. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 92 Cobertura e vista para a envolvente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: https://carolinaangles.com/2015/10/29/say-no-to-style-community-oriented-architecture/	
Fig. 93 Interior com vista para o exterior. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: https://www.archdaily.com/798360/peter-zumthors-therme-vals-through-the-lens-of-fernando-guerra	
Fig. 94 Detalhe da entrada de luz zenital. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	70
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 95 Panorâmica da envolvente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.	72
Fonte: http://arquitextosblog.blogspot.com/2016/07/termas-de-vals.html	
Fig. 96 Vista aérea. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.	73
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	
Fig. 97 Esboço de estudo. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.	73
Fonte: http://habitarportugal.org/PT/projecto/edificios-centrais-do-parque-tecnologico-de-obidos/	
Fig. 98 Planta piso térreo. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.	74
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	
Fig. 99 Corte transversal A. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.	74
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	
Fig. 100 Corte transversal B. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.	74
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	
Fig. 101 Praça com vista para o "claustru flutuante". Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.	74
Fonte: http://www.komat.pt/pt/portfolio/parque-tecnologico-de-obidos/	

Fig. 102 Jardim com declives criados. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	74
Fig. 103 Planta piso 3. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	74
Fig. 104 Detalhe construtivo de compartimento de escritório. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	74
Fig. 105 Interior do compartimento de escritório. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://www.pt-obidos.com/pt/servicos-e-precos/servico-pro	74
Fig. 106 Várias materialidade presentes. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	74
Fig. 107 Corredor de acesso aos escritórios e relação de vistas. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha	74
Fig. 108 Vista da envolvente. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014. Fonte: https://obidosdiario.com/2017/10/09/parque-tecnologico-de-obidos-e-nerlei-desafiam-profissionais-das-tic-e-industriais-da-regiao-a-projetar-futuro-de-um-distrito-4-0/	76
Fig. 109 Vista panorâmica do sítio da proposta na encosta a poente da colina de Santana, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	85
Fig. 110 Vila operária Serra Fernandes, ao fundo o miradouro, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	86
Fig. 111 Vegetação do terreno, muros de delimitação presentes, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	86
Fig. 112 Rua Câmara Pestana, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	86
Fig. 113 Vista aérea do sítio da intervenção da proposta (delimitado a amarelo), 2018. Fonte: Elaborado pelo autor a partir do Google Earth, 2018.	87
Fig. 114 Esquema conceptual. Fonte: Elaborado pelo autor.	88
Fig. 115 Desenhos conceptuais. Fonte: Elaborado pelo autor.	89
Fig. 116 Maquete da proposta final. Fonte: Elaborado pelo autor.	90
Fig. 117 Planta de localização. Fonte: Elaborado pelo autor.	92
Fig. 118 Entrada para o elevador do Castelo a partir do edifício localizado na rua dos Fanqueiros, 2018. Fonte: Fotografia do autor, 2018.	93
Fig. 119 Planta da proposta urbana. Fonte: Elaborado pelo autor.	94
Fig. 120 Planta piso -2. Fonte: Elaborado pelo autor.	96
Fig. 121 Planta piso -5. Fonte: Elaborado pelo autor.	98
Fig. 122 Corte transversal. Fonte: Elaborado pelo autor.	99
Fig. 123 Desenho sobre arquitetura esterotómica e tectónica. Casa de Blas, Alberto Campo Baeza, 2000. Fonte: https://www.campobaeza.com/es/blas-house/	100
Fig. 124 Planta e corte de detalhe construtivo. Fonte: Elaborado pelo autor.	101

1 | INTRODUÇÃO

1.1 | ENQUADRAMENTO E OBJETIVOS

O presente Projeto de Final de Mestrado estuda a evolução da cidade de Lisboa, nomeadamente na colina de Santana, na relação com as diversas formas de apropriação e usos salientando o papel desempenhado pela topografia. A proposta arquitetónica apresentada é implementada na encosta a poente da colina de Santana, num espaço expectante e de acentuado declive, que atualmente permanece desocupado, desqualificado e desarticulado na cidade, compreendido a norte-sul pela calçada do Lavra e o beco de S. Luís da Pena e oeste-este pela rua das Portas de Santo Antão, rua Câmara Pestana e calçada de Santana.

Este espaço expectante apresenta um elevado potencial para a cidade de Lisboa, através da sua localização, no centro histórico e turístico e pelas suas características topográficas que oferecem vistas únicas sobre a cidade, bastante atrativas para quem habita e visita a cidade.

Ao combinar as potencialidades do espaço com o seu estado atual, a presente Projeto de Final de Mestrado apresenta uma hipótese interventiva que pretende integrar aquele espaço na cidade, evidenciando a sua presença na cidade, sem, no entanto, retirar alguns atributos que foram permanecendo ao longo dos tempos neste sítio recôndito da cidade e deste modo trazer até algumas evidências do seu passado.

A proposta urbana assenta na implantação de um conjunto de edifícios na encosta da colina, que seguem diversas referências e direções evidenciados pela sua envolvente, não edificando a totalidade da colina, mantendo espaços de abertura entre os volumes, em que a colina permanece com o declive e vegetação natural.

O Projeto propõe o reforço e a criação de novas vistas sobre a cidade, de novos pontos de ligação com a envolvente, que permaneciam fechados e a criação de vários percursos pela encosta.

Funcionando como um centro de incubadora de empresas e estudo, com diversos espaços de trabalho, estudo e apresentação, procura-se definir as condições para uma agradável vivência e uso do sítio, que permitirá não só a troca de ideias e de aprendizagem entre utilizadores, bem como um incentivo à criação e ao desenvolvimento de novos conceitos e trabalhos. A este facto, contribuem ainda as características do local afirmadas pelos diversos miradouros e pontos de vista que o edifício oferece, tornando todo este espaço atrativo no contexto urbano da cidade.

Os diversos modos de habitar as encostas e as suas articulações com os diversos espaços das cidades são dependentes das diversas culturas urbanas de cada cidade. É necessário reconhecer como neste caso específico, a cidade de Lisboa respondeu e responde às questões topográficas, para que, desta forma, se resolva da forma mais coerente e digna os problemas encontrados.

Através da questão, *"De que forma este espaço expectante pode ser integrado no contexto urbano da cidade e de que forma poder-se-á valorizar e explorar a condição topográfica como forma urbana e arquitetónica?"*, a presente proposta de final de mestrado pressupõe um conjunto de objetivos a determinar:

- Conhecer os diversos fatores que modelaram a formação morfológica da colina de Santana;
- Compreender as circunstâncias das construções, ocupações e usos deste espaço urbano e qual o seu valor para a cidade;
- Refletir e analisar os valores históricos, sociais e culturais do sítio e a sua importância na revitalização de espaços desocupados;

- Analisar os diversos equipamentos e estruturas envolventes que podem influenciar a nova utilização deste espaço;
- Investigar diversos casos de estudo com questões semelhantes de modo a obter melhores respostas;
- Equacionar a possibilidade de utilização de edificado envolvente, com vista a reintegração e abertura de pontos de ligação do sítio com a cidade;
- Criar uma linguagem no edificado e que este se relacione com as características do local e envolvente;
- Criar vários espaços no edificado que consigam albergar diversas morfologias e tipos de usos, com o máximo convívio e troca de experiências entre os diferentes utilizadores;
- Oferecer vários percursos e atravessamentos pela colina, através do espaço exterior em combinação com o interior;
- Requalificar e renovar a imagem urbana desta parte da colina de Santana;
- Vivenciar a encosta da colina, criando momentos de vistas panorâmicas sobre a cidade, numa dinâmica entre os espaços construídos e os existentes;

1.2 | METODOLOGIA

Para um conhecimento profundo do assunto estudado, a metodologia segue uma abordagem de carácter qualitativo que procura ajustar-se aos objetivos definidos, através de várias formas e técnicas de recolha e análise da informação.

O projeto de final de mestrado organiza-se nas seguintes fases:

- Entendimento e reconhecimento histórico e morfológico dos vários processos de apropriação e expansão da cidade de Lisboa, nomeadamente na colina de Santana, através das suas particularidades topográficas, as linhas de vale e cumeada. Exploram-se as várias questões destas linhas, desde as primeiras construções, às edificações ao longo dos tempos, à importância que adquiriram para a cidade, aos usos e costumes a que estavam associadas e até ao seu possível traçado atual. Estas questões serão complementadas com o estudo e reconhecimento de transformações significativas que ocorreram nestas linhas topográficas e dos grandes espaços marcantes e importantes nos costumes da cidade.

- Análise e identificação das encostas da colina de Santana, a nascente e a poente, esta última onde se insere o sítio de intervenção da proposta do projeto. Explora-se as questões que originaram as suas primeiras ocupações e usos e as grandes criações e transformações de imagem e mobilidade. Contribuindo para um reconhecimento do território na sua componente teórica a par com a componente prática do projeto, estas duas fases de investigação serão realizadas com recurso a referências bibliográficas e consultas/pesquisas através de livros, artigos, estudos, documentos históricos, cartografias, fotografias, planos urbanos e programas, complementadas com o levantamento urbano e in situ, investigação de preexistências, estudo das evoluções morfológicas ao longo dos tempos, observação direta e sobreposição de diversos mapas e elementos cartográficos.

- Investigação de casos de estudo práticos aplicados a nível nacional e internacional tendo por base a compreensão dos projetos nas suas vertentes conceptuais, programáticas e urbanas, podendo deste modo, ajudar e retirar conclusões que possam dar resposta às diversas questões do projeto prático.

- Nesta última fase, recorre-se à argumentação do projeto realizada através da composição de diversos desenhos, esquemas conceptuais, cronograma, programa, distribuição funcional e desenhos da proposta urbana e de anteprojecto. Por último, define-se as considerações finais do trabalho realizado, apresentando a proposta final arquitetónica e urbana que irá ser resultados das reflexões e conceitos apreendidos na investigação do local realizada da parte teórica.

2 | DE OLISIPO A LISBOA

2.1 | AS VIAS ROMANAS DE LISBOA

Lisboa, uma cidade com mais de dois mil anos de história, foi crescendo e ampliando-se através do contexto do sítio onde foi fundada, no intuito de responder às várias exigências da sua população, dos seus hábitos, da importância e estratégia territorial que assumia.

Com marcas de presença humana anterior aos Fenícios, é pelos Romanos que a cidade adquire estatuto, definição e um povoamento mais ordenado que o anteriormente, sobretudo na Colina do Castelo até ao esteiro do rio Tejo.

É na época da ocupação romana, que os caminhos e acessos adquirem uma expressão marcada em Olisipo. As vias romanas no interior da cidade construíram-se através das condições topográficas do sítio, podendo considerar que muitas das ruas atuais, sobrepõem-se a traçados dos caminhos que conectavam a cidade ao *oppidum* (castelo), ao *fórum* (teatro romano) e à zona ribeirinha.

A cidade não era só feita pelas suas ruas interiores, existiam ainda as vias de acesso à cidade, localizadas no exterior através da envolvente de Olisipo. Estes caminhos abriram-se principalmente nos vales, junto de linhas de água, pois devido à topografia estas permitiam menores imposições e esforços, conseguindo uma maior e melhor mobilidade.

Olisipo, apresentava duas vias principais de entrada na cidade que tinham em comum o facto de se apresentarem nos vales a nascente e a ponte da mesma colina, que viria a ser futuramente designada de colina de Santana, em que o seu traçado foi permanecendo ao longo do tempo na cidade.

A nascente, pelo denominado vale de Anjos-Arroios, existia a via, que saía do interior do *oppidum* (castelo), seguindo pelo vale para norte, passando pela antiga ponte romana da ribeira de Sacavém, conectando-se a outras cidades romanas, como *Scallabis* (Santarém), *Emerita* (Mérida) e *Bracara* (Braga).

A ponte, existia a outra via, que vinda da parte baixa da cidade, do esteiro do Rio Tejo, através de uma bifurcação que por um lado ligava ao vale Anjos-Arroios e por outro prosseguia pelo hipódromo romano, até ao denominado vale do Valverde, seguindo depois para caminhos secundários, construções e propriedades agrícolas.

*"Só ao longo das velhas estradas de Andaluz e dos Anjos-Arroios, o povoamento processa-se de forma intensa, multiplicando-se por aí, cada vez em maior número, as quintas de recreio (...) Todo o resto é campo com as suas hortas, os seus pomares, oliveis, vinhas, salpicando de longe em longe por casais e quintas".*¹

Fig. 1 | Planta de Lisboa com as indicação dos principais achados e caminhos da época romana.



¹ MOITA, Irialva (coord.). *O Livro de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 91.

É a partir de dois planos altimétricos distintos que ocorre o crescimento da cidade de Lisboa e a apropriação da colina. Um plano mais baixo pelas linhas de vale, anteriormente referidas, e um plano mais alto pela linha de cumeada. No entanto, um outro plano intermédio, situado nas encostas da colina, sem uma forte expressão no início da expansão da cidade, mas que ao longo do tempo foi ganhando algum destaque, e hoje é marcado pelos diversos espaços abertos e expectantes no centro da cidade histórica de Lisboa.

"Talvez nenhum outro pedaço de cidade de Lisboa se parecerá com um navio urbano como a Colina de Santana. Talvez por estar localizada entre duas linhas de água retilíneas e convergentes, onde atualmente se localizam duas das principais avenidas de Lisboa, a Colina sugira um enorme navio que se ergue um mar ondulado. Se a proa deste enorme navio parece querer deixar um estaleiro e aproximar-se do mar, pela foz do Tejo, a popa vai diluir-se na cidade, num limite muito mais impreciso, como se para uma viagem convocasse toda a cidade de Lisboa. Esta é, curiosamente, a única das sete colina históricas de Lisboa que não confina com o rio, mas dele, pela sua morfologia, parece querer aproximar-se." ²

2 AA. VV, *Estudo Urbano da Colina de Santana*, Lisboa: ESTAMO - Grupo Segastamo, 2013, p. 11.

3 | PELAS LINHAS DE VALE

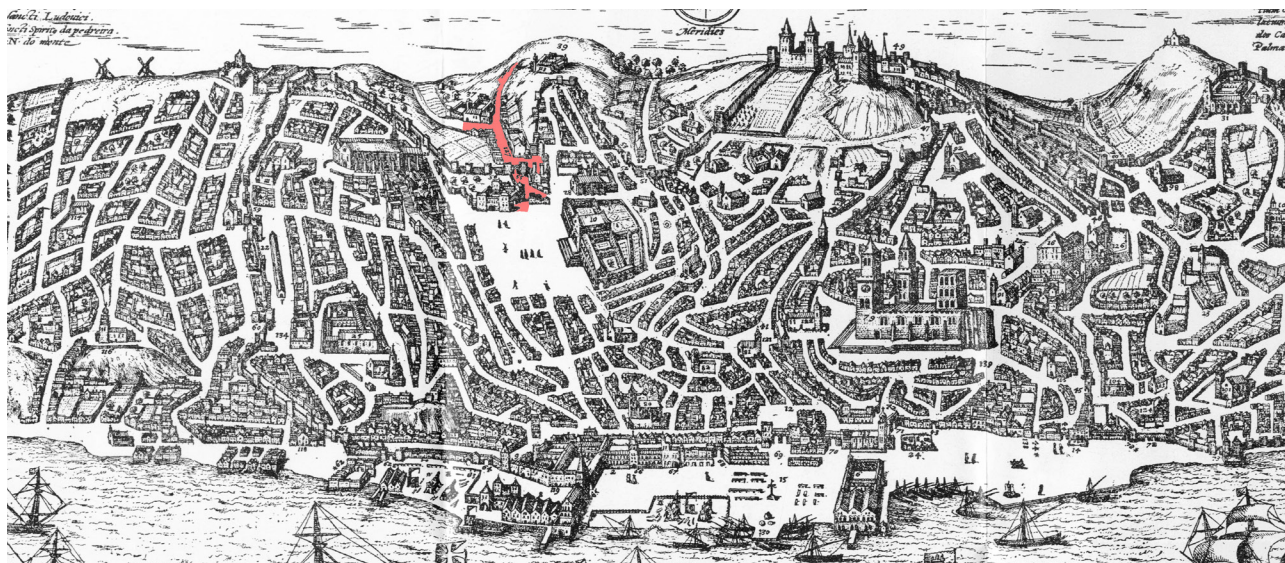


Fig. 2 | Vista de Lisboa nos finais do século XVI com indicação do caminho da "Corredoura" a vermelho. Georgio Brautio.

3.1 | CORREDOURA

Permanecendo desde a época dos romanos, a poente da colina de Santana, este caminho manteve-se como um dos principais eixos de entrada na cidade, sendo no século XIV que se conhece a sua primeira denominação, "*Corredoura*"³. Através desta designação é reconhecido assim, um dos primeiros usos e vivências deste caminho, pela prática de uma atividade localizada fora dos limites da cidade. Aliás, é por este caminho que se fixa o hipódromo romano, mais tarde, sítio do antigo Rossio de Santa Justa, o atual Rossio.

Ao longo dos tempos, a cidade vai crescendo e um novo limite é criado com a construção da Cerca Fernandina de Lisboa em 1373. É a partir daqui que se marca um novo ponto de entrada em Lisboa. O caminho é seccionado pela muralha, com a abertura da Porta de Santo Antão e a parte que fica dentro de muros já se encontrando bastante absorvida pela cidade, transfere as suas características rurais para a parte de fora das muralhas, e deste modo, a "*Corredoura*" alonga-se caminho fora pelos terrenos do vale do Valverde.

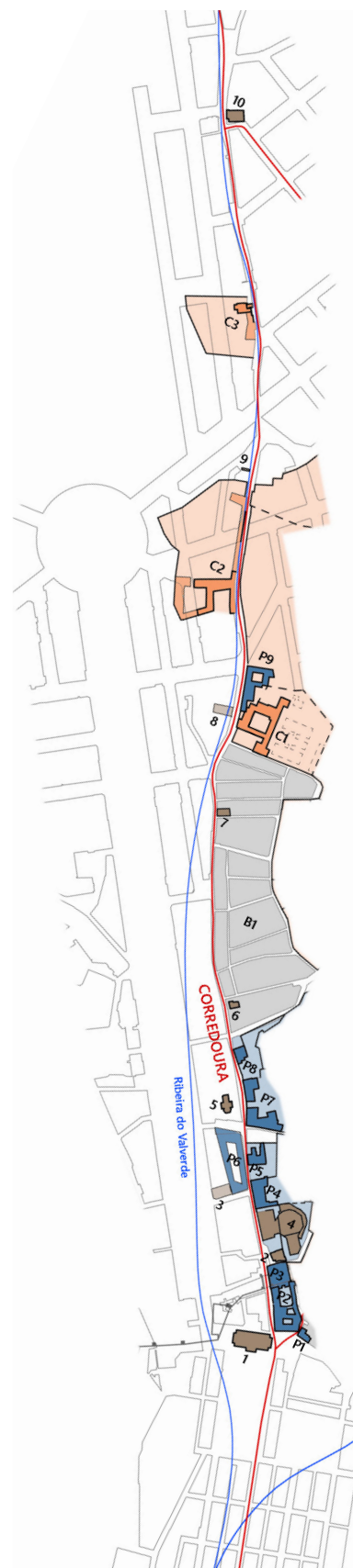
3 "*Corredouras se denominavam as estacadas para justas e carreiras equestres; o que mostra que fôra aí, em sítio plano, praso-dado de lidadores e cavaleiros*" in CASTILHO, Júlio de, **Lisboa Antiga/Bairros Orientais**, vol. II, 2ªed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939, p. 277.

Inicialmente este caminho é edificado e delimitado por construções com funções rudimentares de apoio à cidade, como o curral de porcos “*curral velho*”⁴, um matadouro animal, onde se realizavam os curtumes ou alcaçarias dos couros dos animais e dava acesso às várias hortas do vale do Valverde. Até aos planos da reconstrução da baixa, após o terramoto de 1755, este caminho permaneceu como um local insalubre da cidade de Lisboa perto das Portas de Santo Antão.

Com o contínuo crescimento e expansão da cidade, que a leva a romper os limites anteriormente estabelecidos pela Cerca Fernandina, a cidade transpõe as muralhas e este caminho, situado fora de portas, foi edificado e delimitado na sua longa extensão pelo vale. Vários foram os edifícios que se fixaram, como os Palácios dos Condes de Almada (da Independência), de Alverca, dos Condes de Povolide, dos Condes da Ericeira (dos Andrades ou da Anunciada), de Rio Maior, do Lavra (Lavre), dos Condes de Redondo; os conventos de Santa Marta, da Anunciada, de Santa Joana e de Santa Rita de Cássia; o hospício das Carmelitas; e as igrejas de S. Luís dos Franceses, de S. José da Anunciada, S. José dos Carpinteiros, antiga Coração de Jesus e S. Sebastião da Pedreira.

É por este eixo viário que se edifica um primeiro bairro, fora dos limites da cidade, subindo suavemente a encosta da colina, por pequenas ruas de traçado regular adaptadas à topografia, denominado de *Bairro de Andaluz*⁵ (ver Anexo I) e, perto deste, o chafariz de Andaluz, contruído em 1336 sendo um dos mais antigos chafarizes da cidade.

Conhecido depois como *Estrada de Andaluz*, *Estrada de Benfica*, *Estrada de Sintra*, é por aqui que entravam os viajantes de Benfica, Queluz, Sintra, Mafra e da área oeste da península de Lisboa. Das várias portas e entradas para a cidade, esta era a que possuía maior tráfego⁶, uma vez que dava acesso direto ao



4 MACEDO, L. Pastor de, *Lisboa de Lés-a-Lés*, vol. III, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1942, p. 145.

5 REVEREND, Carlos Ignácio de, *Planta Geométrica do Bairro de Andaluz*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1756

6 MOITA, Irisalva, (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 89.

Fig. 3 | Traçado do caminho da antiga "Corredoura" e edifícios importantes construídos.

Legenda:

- **Conventos**
 - 1 | Convento de Santa Marta
 - 2 | Convento de Santa Joana
 - 3 | Convento de Santa Rita de Cássia
- **Conventos/partes demolidos**
- **Cercas Conventuais**
- **Palácios**
 - 1 | Palácio Regaleira
 - 2 | Palácio dos Condes de Almada
 - 3 | Palácio Alverca
 - 4 | Palácio dos Condes de Povolide
 - 5 | Palácio Rio Maior (da Anunciada)
 - 6 | Palácio dos Condes da Ericeira (dos Andradas)
 - 7 | Palácio do Lavra
 - 8 | Palácio dos Condes de Magalhães
 - 9 | Palácio dos Condes de Redondo
- **Palácios/partes demolidos**
- **Cercas de Palácios**
- **Bairros**
 - 1 | Andaluz
- **Outros equipamentos**
 - 1 | Teatro Nacional D. Maria II
 - 2 | Igreja de S. Luís dos Franceses
 - 3 | Teatro da Rua dos Condes
 - 4 | Coliseu dos Recreios
 - 5 | Igreja de S. José da Anunciada
 - 6 | Igreja de S. José dos Carpinteiros
 - 7 | Hospício das Carmelitas
 - 8 | Antiga Igreja do Coração de Jesus
 - 9 | Chafariz de Andaluz
 - 10 | Igreja de S. Sebastião da Pedreira
- **Equipamentos Demolidos**
- **Parcelamento de cercas**
- **Anexos construídos**

Rossio de Santa Justa, um dos espaços mais utilizados na vida quotidiana da cidade, local de feiras e eventos.

Nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX parte deste eixo adquire um estatuto boémio e de diversão, central na cidade com grande movimentação e atividade, principalmente na rua das Portas de Santo Antão. A partir dos primeiros locais de diversão noturna como o Teatro do Salitre, o Teatro da Rua dos Condes e o Teatro Nacional D. Maria II, mais tarde, se acrescentam o Coliseu dos Recreios e o Teatro Politeama. No entanto, não foram só os teatros que aqui se fixaram, mas também clubes noturnos, através de uma reconversão funcional dos palácios existentes, como o Magestic no Palácio Alverca (atual Casa do Alentejo) ou o Ateneu Comercial de Lisboa no Palácio dos Condes de Povolide (ou do Conde de Burnay).

No entanto, ao longo do tempo, este eixo foi perdendo a atividade e movimentação.

Atualmente, podemos encontrar o traçado deste antigo caminho pela rua das Portas de Santo Antão, rua de São José, rua de Santa Marta, rua de São Sebastião da Pedreira e rua Dr. Nicolau Bettencourt, mas já sem a relevância de grande eixo de entrada na cidade. No entanto, nos últimos anos, parte da rua das Portas de Santo Antão voltou a ganhar destaque devido a afluência aos vários restaurantes da rua provocada pelo crescimento turístico de Lisboa.

Fig. 4 | Rua das Portas de Santo Antão, 19--.

Fig. 5 | Rua das Portas de Santo Antão, 2018.



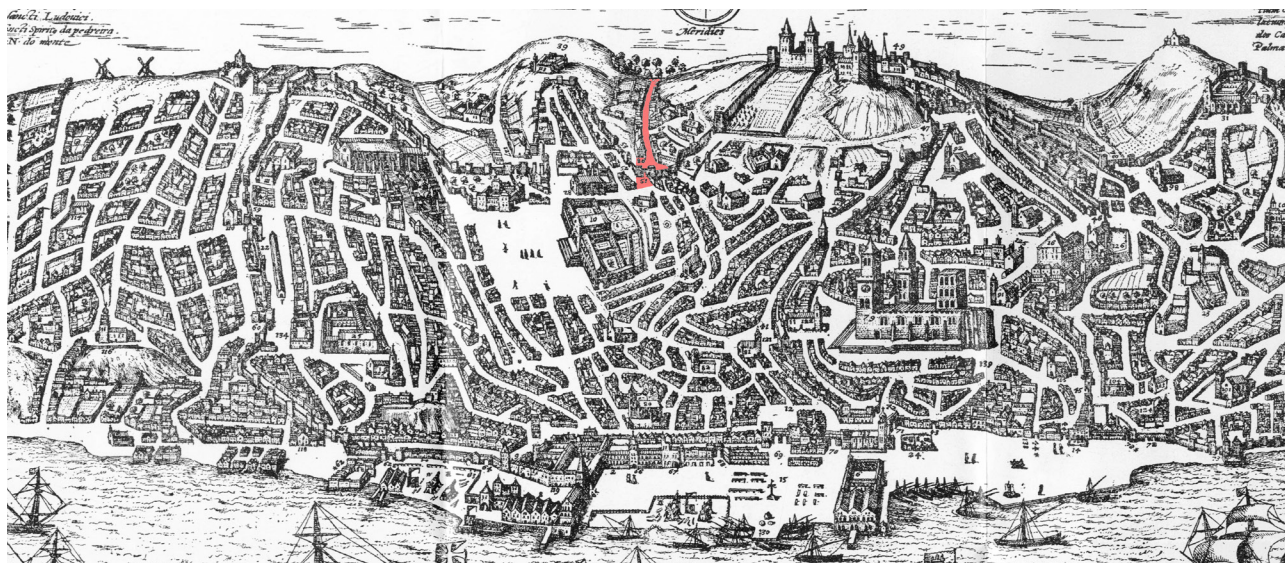


Fig. 6 | Vista de Lisboa nos finais do século XVI com indicação do caminho do vale Anjos-Arroios. Georgio Braunio.

3.2 | ANJOS - ARROIOS

Desde sempre a relação com a água esteve bastante presente em Lisboa, principalmente neste vale, pela prevalência ao longo dos tempos do curso de água proveniente de Arroios: o regueirão dos Anjos. Foi um sítio onde imperou a dificuldade em construir, porque durante muito tempo os terrenos permaneceram bastante húmidos e alagadiços.

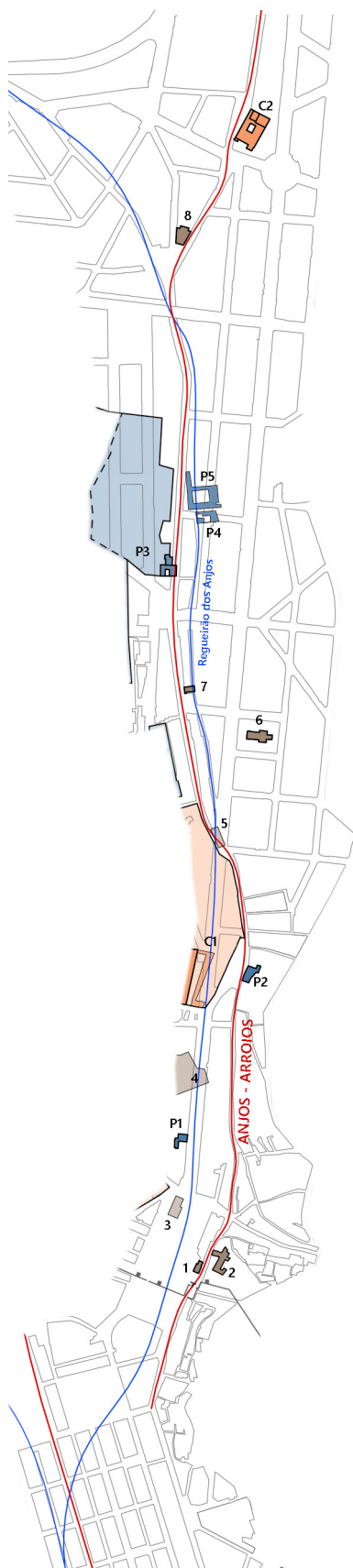
O *Colégio dos Meninos Orfãos*⁷, fundado em 1273 é a primeira construção edificada junto deste caminho e é a partir do século XIV que o bairro da Mouraria se edifica no seu vale, junto ao eixo, e onde será aberta a Porta de S. Vicente da Mouraria, ou Porta da Mouraria, da Cerca Fernandina, delineando um novo ponto de entrada na cidade. Construíram-se edifícios de comércio, banho, tendas de olarias, mais tarde transformados em habitações e locais religiosos.

Fig. 7 | Traçado do caminho Anjos-Arroios e edifícios importantes construídos.

Legenda:

- **Conventos**
 - 1 | Convento do Desterro
 - 2 | Convento de Arroios
- **Conventos/partes demolidos**
- **Cercas Conventuais**
- **Palácios**
 - 1 | Palácio Folgosa
 - 2 | Palácio do Intendente Pina Manique
 - 3 | Palácio de Inácio Lopes
 - 4 | Palacete Villa Braz Fernandes
 - 5 | Palácio dos Condes de S. Miguel
- **Palácios/partes demolidos**
- **Cercas de Palácios**
- **Outros equipamentos**
 - 1 | Igreja de Nossa Senhora da Saúde (ou S. Sebastião da Mouraria)
 - 2 | Colégio dos Meninos Orfãos
 - 3 | Igreja do Socorro
 - 4 | Gafaria de S. Lázaro
 - 5 | Antiga Igreja dos Anjos
 - 6 | Nova Igreja dos Anjos
 - 7 | Ermida do Resgate de Almas e Senhor Jesus dos Perdidos
 - 8 | Igreja de S. Jorge de Arroios
- **Equipamentos Demolidos**
- **Parcelamento de cercas**

⁷ ALMEIDA, Fernando de, (coord.). *Monumentos e edifícios notáveis de Lisboa: Concelho de Lisboa*, Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1973, p. 103.



É a partir do século XV, com a reconversão de um bairro muçulmano em bairro cristão, que este caminho volta a ter um impulso na sua edificação e expansão para norte. O convento de S. Vicente de Fora possuía neste vale da Mouraria grandes hortas e quintais, que mais tarde foram loteados e rasgados por novas ruas.

Junto deste longo percurso edificaram-se diversos edifícios com as mais variadas funções, como a ermida de S. Sebastião da Mouraria, hoje conhecida como a Igreja de Nossa Senhora da Saúde, o Palácio do Intendente Pina Manique, a Igreja Velha dos Anjos, demolida para a abertura da Avenida Almirante Reis, a Igreja Nova dos Anjos, em substituição da anterior, a Ermida do Resgate e Almas e Senhor Jesus dos Perdidos, a "*ermidinha de Santa Bárbara*"⁸, já desaparecida, o Palácio de Inácio Lopes, Palácio dos Condes de S. Miguel (Condes de Arco), Palacete de Villa Braz Fernandes e a igreja e convento dos Arroios.

Após o século XIX, este foi o local escolhido para a instalação de várias indústrias e oficinas, como a fábrica de cerâmica "*Viúva Lamego*", a fábrica da Cerveja Leão, mais tarde, a Cervejaria Portugália, a fábrica de Lanifícios de Arroios, entre outras, principalmente junto da rua de Arroios.

Foi um dos eixos importantes de entrada na cidade, para os viajantes oriundos do Lumiar, Carnide, Loures ou Odivelas. Denominada "*rua de Santa Barbara até aroios*"⁹, *Estrada de Santa Bárbara*, *Estrada de Sacavém*, atualmente, ainda se pode encontrar o seu traçado, embora seccionado e sem o anterior valor, que foi transferido para a Avenida D. Amélia (atual Avenida Almirante Reis), através da rua do Poço de Borratém, rua da Mouraria, rua do Benfornoso, Largo do Intendente Pina Manique, Rua dos Anjos, Largo de Santa Bárbara, Rua e Calçada de Arroios.

8 ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, vol. II, 2º ed. Lisboa: Vega, 1993, p. 75

9 MACEDO, L. Pastor de, *Lisboa de Lés-a-Lés*, vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1940, p. 180.

3.3 | OS NOVOS EIXOS

Avenida da Liberdade

A Avenida da Liberdade representa um forte marco na história da expansão urbana de Lisboa, criando um eixo viário de grande importância para o acesso ao centro da cidade.

Após o terramoto de 1755, por ordem de Marquês de Pombal, pelo plano da reconstrução da baixa de Lisboa é criado o *Passeio Público*, sendo o vale do Valverde o local escolhido, facilitado pelo extenso espaço hortícola, de terras húmidas, de jardins e quintais, como o Pátio das Hortas do Conde e as Hortas da Cêra, e ainda, pelo desmoronamento do Palácio dos Condes de Castelo Maior e do Palácio dos Condes da Ericeira.

Através da reconstrução do Rossio é aberta a noroeste a rua do Príncipe, atual rua 1º de Dezembro, que conectava o Rossio ao *Passeio Público*. O plano não alterou o traçado da antiga "Corredoura", apenas reconstruiu e reconfigurou algumas ruas e lotes com o eixo preexistente, como a rua dos Condes, a rua das Pretas, o Largo da Anunciada e a rua do Jardim do Regedor.

Foi pelo plano/projeto¹⁰ de expansão da cidade para norte, de Frederico Ressano Garcia, no qual se definiram novas estruturas marcantes como a Avenida da Liberdade e as Avenidas Novas, numa zona mais plana.

É a partir da largura e direção do Passeio que se estende a Avenida da Liberdade, pela demolição de campos e casas rústicas ainda existentes, afluindo na Rotunda do Marquês de Pombal de onde se desenvolveram outras quatro avenidas secundárias e onde ergueu Parque Eduardo VII no seu topo norte.

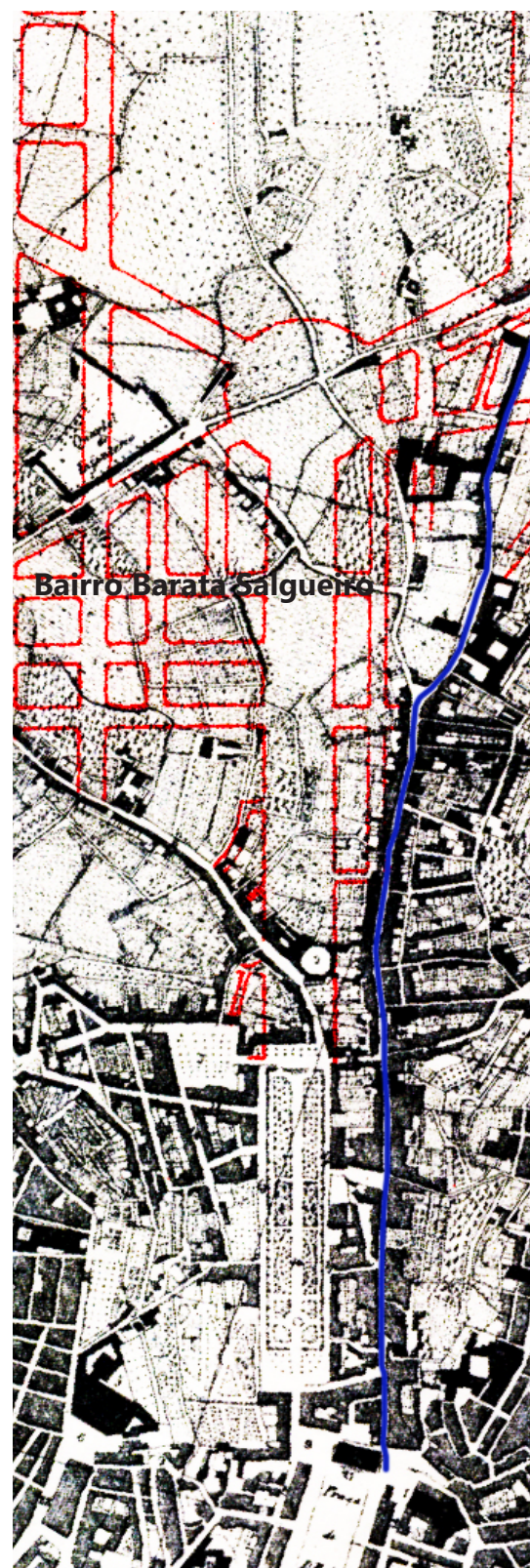
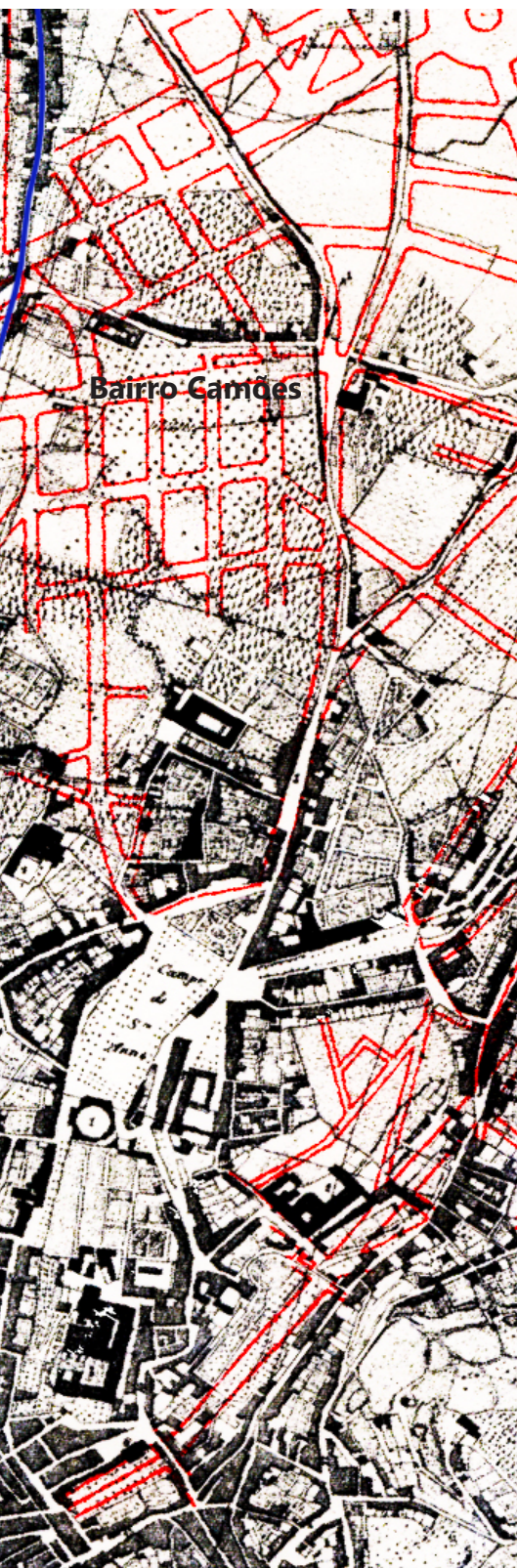


Fig. 8 | Planta de Lisboa de 1871 com as alterações efetuadas até 1910.

¹⁰ SILVA, Raquel Henriques da, *Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874-1909*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1989, p.35



Nasceram dois bairros na parte norte da Avenida da Liberdade. A nascente, o bairro Camões, junto das encostas da colina de Santana, onde foram criadas ruas que conectavam a avenida com o antigo eixo viário da *"Corredoura"*; e a poente, o bairro Barata Salgueiro, na encosta da colina de São Roque. No topo sul da avenida, em parte do anterior passeio é construída a praça e o monumento aos Restauradores.

Para a abertura da Avenida foi necessário demolir a edificação que existia a norte da Praça da Alegria de Baixo, na rua do Salitre, nomeadamente o *"Theatro-Circo de Price"* (*"Circo do Salitre"*), que ocupava o espaço da primeira praça de touros de Lisboa, *"Praça do Salitre"*; o *"Theatro das Variedades"* ou *"Theatro do Salitre"*.

O plano da Avenida da Liberdade e das Avenidas Novas, acima citado, concluído em 1888, entrou em divergência com alguns dos grandes planos que se faziam nas cidades europeias. Em Lisboa, o plano não eliminou as preexistências de alguns dos caminhos antigos, como o caso da *"Corredoura"*, conseguindo absorver e integrar estes antigos eixos na nova malha urbana e nos seus novos quarteirões. Também este plano foi caracterizado pela importância que conferia ao espaço público. Esta premissa de manter alguns traçados antigos conectando-os com as novas ruas regularizadas do plano possuía locais de conflito devido às questões altimétricas existentes, que foram vencidas através da construção de viadutos, como o caso dos cruzamentos da rua de Santa Marta com a Avenida Duque de Ávila e com a Avenida Fontes Pereira de Melo.

Mantendo a estreita e velha *"Corredoura"*, a Avenida da Liberdade passa a ganhar importância como eixo viário de entrada na cidade, retirando esse valor ao anterior acesso.

Legenda:

Vermelho: alterações até 1910
Azul - traçado da antiga *"Corredoura"*

Avenida Almirante Reis

A nascente da colina de Santana ocorreu outra profunda intervenção na expansão da cidade nos finais do século XIX e inícios do século XX, tendo contornos diferentes do plano anteriormente referido, principalmente na forma como manteve a sua relação com o caminho preexistente de entrada na cidade.

Estruturada pela abertura e prolongamento da Rua Nova da Palma, no ano de 1858, é em 1892 que se começa traçar a nova *Avenida dos Anjos*, denominada depois *Avenida Rainha D. Amélia*, permanecendo atualmente como Avenida Almirante Reis, que primariamente terminava na Praça do Chile, relacionando-se com o Plano das Avenidas Novas¹¹, de Frederico Ressano Garcia e com a *Estrada da Circunvalação*¹² de 1885. Só mais tarde, se procedeu ao seu prolongamento, até ao Areeiro (Praça Francisco Sá Carneiro), com a abertura da Avenida do Aeroporto (Avenida Almirante Gago Coutinho).

Para a abertura desta avenida, iniciada em 1856, foi necessário reestruturar grande parte do vale dos Anjos-Arroios. Demoliram-se casas rústicas, pátios, jardins e edifícios religiosos, como a Igreja Velha dos Anjos. Este plano¹³ recorreu a uma intervenção cirúrgica menos estruturada e impositiva, face ao plano das Avenidas Novas, aqui as respostas encontradas foram mais empíricas e tradicionais entre os novos lotes desenhados e as preexistências de caminhos antigos.



Fig. 9 | Plano de alargamento a sul da rua Nova da Palma (atual Praça Martim Moniz), 1887.

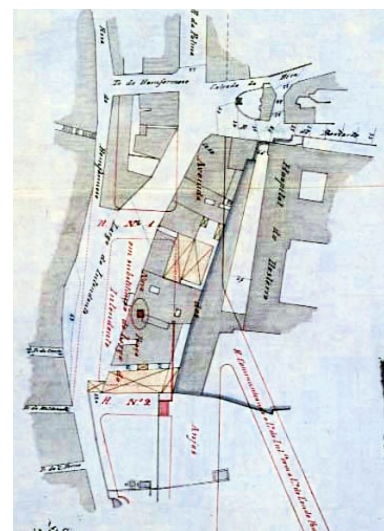


Fig. 10 | Plano da Avenida dos Anjos, junto do Convento/Hospital do Desterro com o traçado da nova avenida a vermelho, 1896.

¹¹ Ibid.

¹² Estrada da Circunvalação, sempre esteve associado aos limites da cidade de Lisboa, a primeira estrada foi concluída em 1852 desde Alcântara, Alto do Carvalhão, rua Marquês Fronteira, Av. Duques de Ávila, rua Morais Soares, Alto de S. João, Av. D Afonso III até à Rua de Cruz de Pedra e em 1885, através de uma reforma na cidade de Lisboa, a anterior é substituída pela proposta da nova estrada de Circunvalação, "Partindo da actual pelo vale de Chelas, vá entroncar com a estrada militar entre a Ameixoeira e o Lumiar, siga deste ponto a estrada militar até Benfca, e abrangendo esta povoação, e percorrendo a margem esquerda da ribeira de Algés, termine na ponte de mesmo nome", concluída em 1900. Ambas possuíam diversos postos fiscais onde se faziam a "circunscrição fiscal" abolida em 1922. In SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, *Dicionário da História de Lisboa*, Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, p. 498.

¹³ RIBEIRO, Lurdes, *O Projecto da Avenida dos Anjos - Algumas considerações gerais*, Cadernos do Arquivo Municipal, n. 5, p. 64-107, 2001, p. 104.

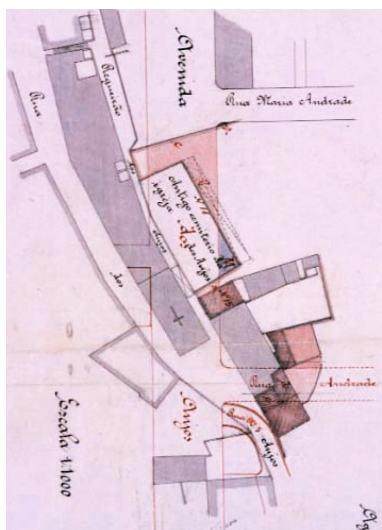


Fig. 11 | Plano da Avenida dos Anjos, junto da antiga igreja dos Anjos, com o traçado da nova avenida a vermelho, 1897.

No bairro da Mouraria abre-se uma nova rua, junto da Igreja do Socorro, em terrenos agrícolas, até à Rua Nova da Palma, demolindo a ermida da Nossa Senhora da Guia, mantendo a rua da Mouraria intacta. Ocorre depois o rasgo da avenida para norte, situando-se o caminho antigo de entrada na cidade a nascente desta. Foi necessário demolir parte do Convento/Hospital do Desterro para permitir a continuação do eixo viário.

É após o largo do Intendente, no sítio da velha igreja dos Anjos, que esta nova estrutura se cruza com o caminho ancestral, não alterando a sua configuração e direção. Aqui a nova avenida impõe-se e secciona a rua dos Anjos, originando um cruzamento que resulta num conjunto de determinadas características arquitetónicas únicas daquele local, presentes nos lotes estreitos e pontiagudos. Deste modo, o anterior eixo passa a situar-se a poente da nova avenida, seguindo quase em paralelo a esta.

Denominado “«eixo pobre» da cidade”¹⁴, é com esta nova avenida, que se erguem novos bairros pelos terrenos agrícolas existentes, como o Bairro das Colónias, da Inglaterra, dos Açores e da rua Morais Soares (Estrada da Circunvalação de Lisboa, 1852), de traça mais regular, absorvendo pequenos caminhos já preexistentes, como a rua do Forno do Tijolo.



Fig. 12 | Antiga igreja dos Anjos, a partir da rua dos Anjos, anterior a 1908.



Fig. 13 | Quarteirão do cruzamento a norte entre a rua dos Anjos (à esquerda) e a Avenida Almirante Reis (à direita), 2018.

14 MOITA, Irisalva (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 495.

3.4 | OS GRANDES ESPAÇOS

Rossio

O Rossio começou por ser um lugar fora das portas da cidade, caracterizado como um *"lugar vago, amplo e excêntrico, onde se faziam feiras e mercados"*¹⁵. Mas o seu sítio é ainda bem mais antigo, disposto no local onde existia o antigo hipódromo romano, junto da via romana que dava a acesso às portas da cidade a partir do vale do Valverde. É por este motivo que a sua configuração inicial, antes do terramoto de 1755, não era tão regular como a atual, pois seguia a direção do eixo da via com a sua orientação na diagonal oeste-este.

O *Rossio de Santa Justa* depressa se tornou um dos grandes polos da vida urbana de Lisboa, numa primeira fase delimitado por terrenos baldios, como local de feiras na venda de produtos hortícolas oriundos da *"Lisboa saloia"*¹⁶. Mais tarde, a partir de meados do século XV, ergue-se como o principal *fórum* da cidade, local das principais atividades e eventos, com a delimitação a norte do Palácio dos Estaus (mais tarde Palácio da Inquisição) e a oriental o Hospital Real de Todos-os-Santos.

É com o terramoto de 1755, a partir da reconstrução Pombalina, que se faz *"tábua rasa desse antiquíssimo acidente hidrográfico"*¹⁷, pelo plano de Eugénio dos Santos e de Carlos Mardel, em que se reconstrói a praça com um traçado ortogonal, delimitada pelo Palácio da Inquisição e edifícios de habitação.

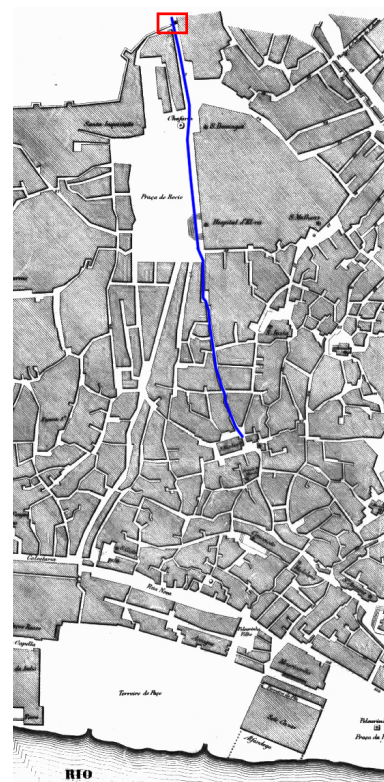


Fig. 14 | Traçado hipotético da extensão da "Corredoura" dentro de muralhas a azul. João Nunes Tinoco, 1650.

Legenda:

Quadrado vermelho: porta de Santo Antão da Cerca Fernandina de Lisboa



Fig. 15 | Azáfama diária no Rossio, ao fundo a estátua de D. Pedro IV e o Teatro D. Maria II, 1920.

15 SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo, **Dicionário da História de Lisboa**, Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994.

16 "«Acaba Lisboa, começa o reino dos saloios»- tal era, no século XIX, o denominador comum a todos os arredores. Assim mesmo: "reino de saloios". Traçando uma linha no sentido norte-sul, podemos dizer que este reino começava na Calçada de Carriche e ia dar a Mafra." In DIAS, Marina Tavares, **Lisboa desaparecida**, Lisboa: Quimera, 1992, p. 91.

17 MOITA, Irisalva (coord.), **O Livro de Lisboa**, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p. 65.

Na época do romantismo a sua imagem é alterada e melhorada pela pavimentação em calçada, no ano de 1848, sendo o primeiro local com a denominada "calçada portuguesa" fora das muralhas do Castelo de S. Jorge. Também foram colocadas árvores e fontes monumentais e construiu-se o Teatro Nacional D. Maria II, no sítio do Palácio dos Estaus, e a Estação Ferroviária do Rossio. Até os dias de hoje o Rossio ainda mantém o seu carácter central e dinâmico no centro histórico da cidade.

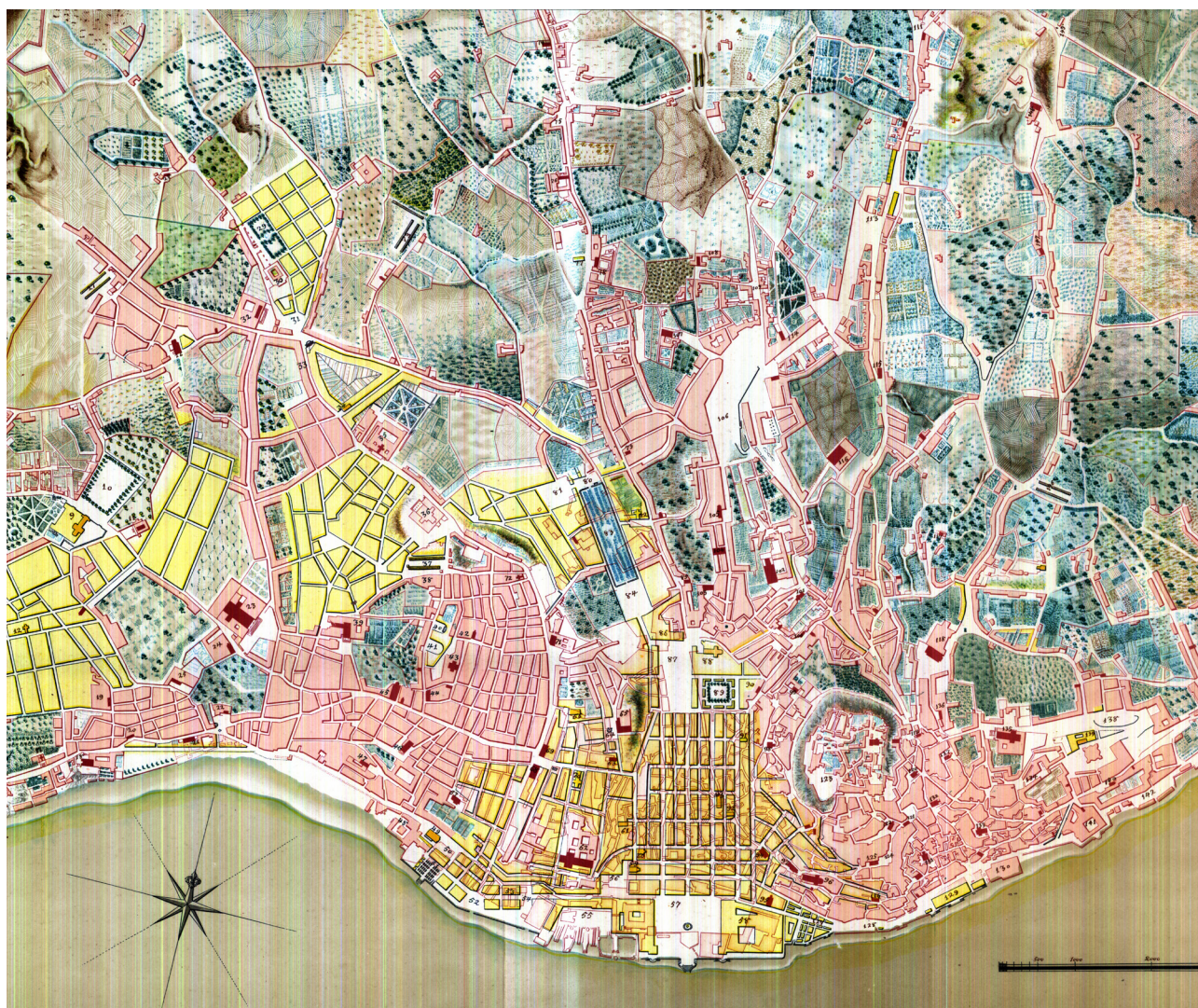
Sempre assumido como um "ímã" urbanístico a par com a ligação ao Terreiro do Paço, justifica a sua longa predominância estrutural e funcional no tempo.

Fig. 16 | Planta da reconstrução da cidade de Lisboa elaborado por Eugénio dos Santos e Carlos Mardel em 1758.

Legenda:

Amarelo: ruas e edifícios novos

Rosa: ruas e edifícios a manter



Praça da Figueira – Martim Moniz

Ao contrário do Rossio, as praças da Figueira e do Martim Moniz nasceram de intervenções urbanas em espaços anteriormente edificados, sobre ruínas, hortas e logradouros.

Por um lado, a Praça da Figueira surge como um espaço residual nos terrenos aplanados onde se encontravam as ruínas do Hospital Real de Todos-os-Santos após o terramoto. Nunca tendo sido pensado como uma praça, é aqui que surge um local de feira e mercado. Através do plano da reconstrução Pombalina, o seu traçado foi regularizado e delimitado por edifícios. Estabeleceu-se como um mercado central da cidade, *“De aterro cheio de bancadas diárias passou a verdadeira praça fixa, com bancadas arrumadas e poço próprio”*¹⁸. Mais tarde é construído o seu emblemático mercado metálico retangular, demolido em 1949. Hoje, encontra-se como um ponto de ligação entre Rossio – Martim Moniz, com a estátua equestre de D. João I.

Por outro lado, a Praça do Martim Moniz apresenta várias fases de construção, não pertencendo a único plano, mas sim a sucessivas demolições que foram ocorrendo. As primeiras intervenções iniciam-se com as demolições na baixa da Mouraria, pelo *“Plano Director de Urbanização de Lisboa – 1948”* (ver Anexo I) de Étienne de Groër. Era um sítio de casas bastante degradadas, de caminhos estreitos e sinuosos que congestionavam o trânsito viário intenso, o que levou à demolição da Igreja do Socorro e do Palácio do Marquês do Alegrete, começando-se a definir o que viria a ser o Largo do Martim Moniz.

Até à década de sessenta, várias são as intervenções que ocorrem na zona, ampliando o seu espaço aberto, nomeadamente a demolição do Arco do Marquês do Alegrete, um dos últimos arcos da Cerca Fernandina de Lisboa e o Teatro Apolo, permanecendo a capela de Nossa Senhora da Saúde intacta até os dias de hoje.



Fig. 17 | Mercado da Praça da Figueira, 1949.



Fig. 18 | Demolições no Martim Moniz, ao fundo as escadilhas da Saúde e o Salão de Lisboa, 1947.



Fig. 19 | Início da demolição da Igreja do Socorro, 1949.



Fig. 20 | Demolições no Martim Moniz, à esquerda o arco do Marquês do Alegrete, após a demolição do palácio, 1947.

¹⁸ SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo. *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994, p. 576

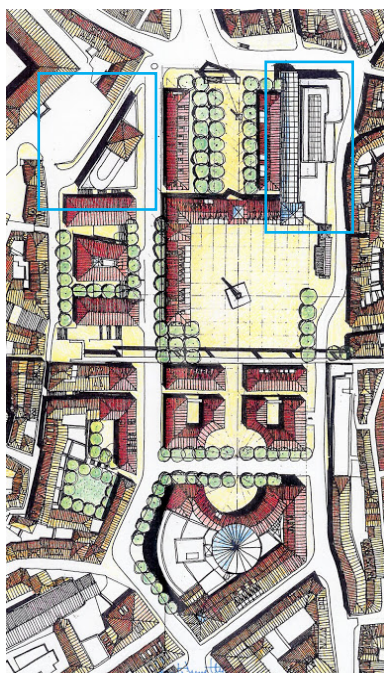


Fig. 21 | Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz de José Lamas e Carlos Duarte, 1982.

Legenda:

Quadrado azul: as construções que foram edificadas

Vários foram os projetos urbanísticos apresentados para o Largo do Martim Moniz, nomeadamente as propostas apresentadas pela Empresa Pública de Urbanização de Lisboa (EPUL) entre 1973 e 1975, que face a instabilidade política do país após o 25 de Abril de 1974 não permitiu a sua realização.

Em 1982 é apresentado o “*Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz*”, de José Lamas e Carlos Duarte, terminado em 1987 de forma incompleta do qual resultaram apenas os dois centros comerciais a nascente e a poente da praça.

Em 1997 ocorre a requalificação do largo por parte dos arquitetos Daniela Ermano, Gonçalo Ribeiro Teles e João Paulo Bessa, oficializando-o como Praça do Martim Moniz, permanecendo sem grandes alterações de imagem até os dias hoje.

Hoje, o Martim Moniz ainda é um espaço desvalorizado na cidade de Lisboa, embora se verificarem algumas alterações pontuais, mas ainda incapazes de criar uma clara organização urbana e viária na praça.



Fig. 22 | Vista aérea da Praça da Figueira (A), da Praça do Martim Moniz (B) e da Avenida Almirante Reis (C), 2018.

Legenda:

A azul: o antigo traçado do caminho pelo vale Anjos-Arroios

4 | PELA LINHA DE CUMEADA

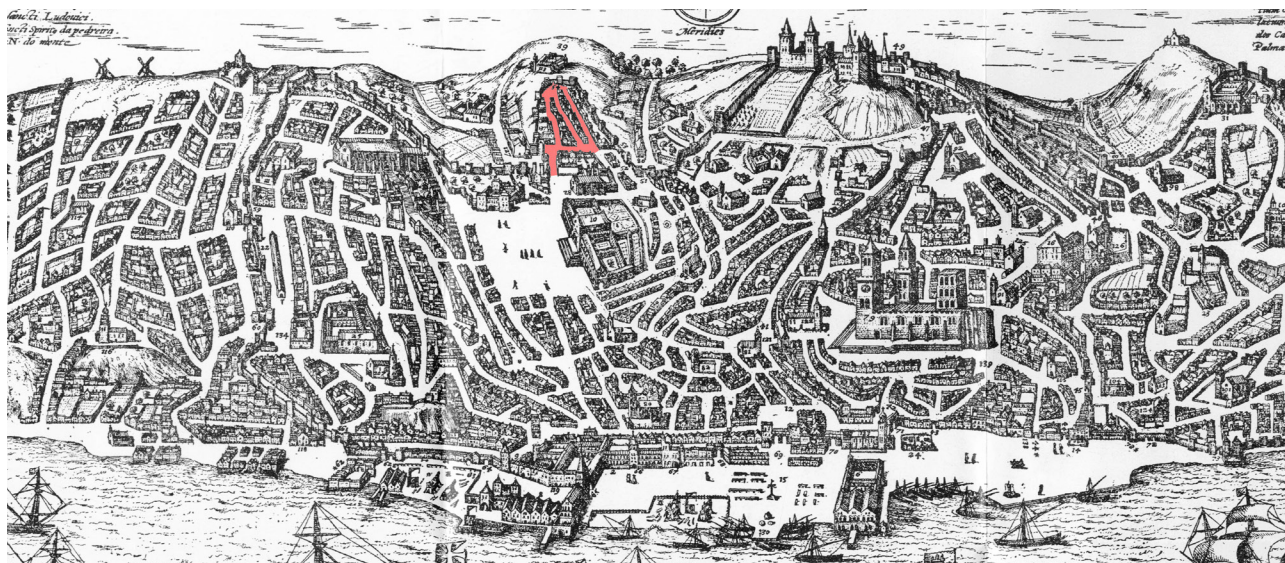


Fig. 23 | Vista de Lisboa nos finais do século XVI com indicação da extensão do caminho da Carreira dos Cavalos pela Calçada de Santana. Georgio Braunio.

4.1 | CARREIRA DOS CAVALOS

Na linha de fecho da colina de Santana, outro caminho se formou e desenvolveu com características específicas, que permitem distinguir esta colina das demais.

A partir dos retratos de Lisboa, este foi um eixo que se manteve por bastante tempo com um carácter campestre, arrabaldino e pouco urbanizado, no qual a sua denominação deriva de determinada atividade aristocrática.

*“Acabado o jantar de El-Rei, então sim, que folgaça! Ia ele com os seus familiares até à Carreira dos Cavalos (hoje crismada em Rua Gomes Freire) e levava bons cavalos, e juntava-se todas as pessoas que montavam bem, e faziam alegríssimas correrias equestres por aquele escampado”*¹⁹.

Isto torna evidente as possíveis correrias equestres da nobreza, tornando-o num picadeiro de fácil acesso aos estábulos dos animais, como é caso das Cavalariças de El-Rei, por detrás do Palácio dos Estaus. Essa marca ligada aos animais

¹⁹ CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga/Bairros Orientais*, vol. XII, 2oed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939, p.180-181

vai-se mantendo bastante presente ao longo do tempo, pela denominação de "*Campo do Curral*", "*Largo do Matadouro*" e pelos dois matadouros construídos.

Este eixo foi intercetado pela abertura do postigo de Sant'Ana da Cerca Fernandina de Lisboa e possuía pequenos bairros próximos, como a nascente o bairro do matadouro e a sul e poente o bairro da Pena. Este caminho era ainda atravessado por um pequeno caneiro, que nascia em Rilhafoles e desaguava no regueirão dos Anjos, passando pelo primeiro matadouro construído.

Edificaram-se junto do seu percurso: o Convento de N. Srª da Encarnação, a Igreja da Pena, a ermida de N. S. Jesus da Salvação e Paz e da Senhora das Dores, o Palácio do Mitelo, o Convento de Sant'Ana, a praça de touros do Campo de Sant'Ana, o Palácio Valmor, o Palácio do Patriarcado, o Palácio Mitelo, o Hospício/Recolhimento de N. Srª da Encarnação e do Carmo (Hospital de S. Bernardino), ermida de Nossa Senhora da Carreira (Hospício de Nossa Senhora da Conceição da Bemposta) e o Convento de Rilhafoles.

É através de doações e edificações dos extensos terrenos do Paço da Bemposta – Paço da Rainha, atual Academia Militar, que a *Carreira dos Cavalos* e o norte da colina vão sendo pontualmente edificados, onde surge o Intituto Agrícola, Instituto de Veterinária e a Escola de Medicina Veterinária Militar, o Liceu Camões, o Matadouro Municipal e o Hospital Dona Estefânia.

Nos finais do século XIX, com a revolução industrial, o topo da colina também foi palco de importantes edificações industriais que se fixaram próximo deste eixo, como o complexo industrial de Ramiro Leão, junto da travessa da Pena.

Deste passado industrial restam apenas alguns edifícios reconvertidos em habitações e a pequena vila operária Serra Fernandes, erguida em 1897, com o seu "*magnífico miradouro*

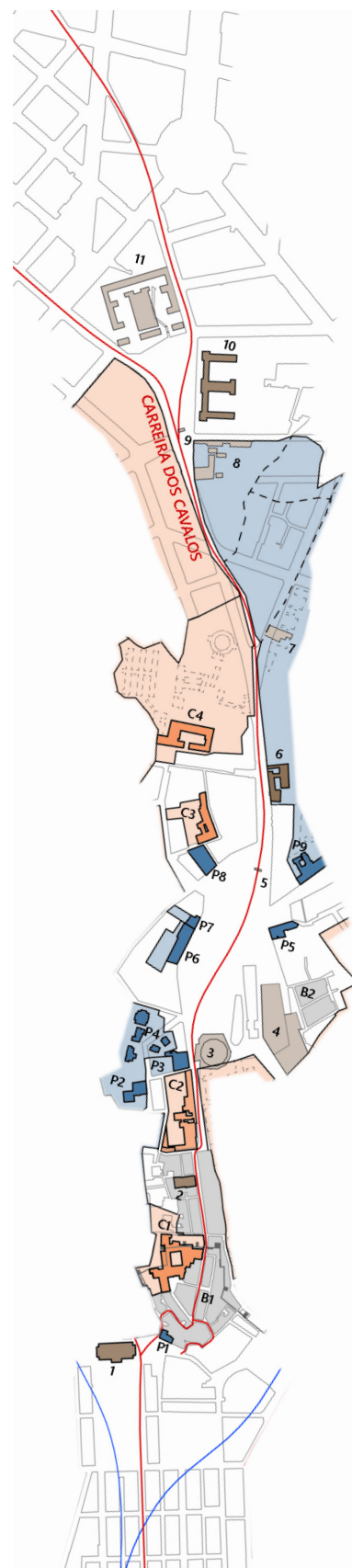


Fig. 24 | Traçado do caminho antigo da "Carreira dos Cavalos" e edifícios importantes construídos.

Legenda:

- **Conventos**
 - 1 | Convento de Nossa Sra. da Encarnação
 - 2 | Convento de Sant'Ana
 - 3 | Recolhimento da N. Sra. da Encarnação e do Carmo
 - 4 | Convento de Rilhafoles
- **Conventos demolidos**
- **Cercas Conventuais**
- **Palácios**
 - 1 | Palácio Regaleira
 - 2 | Palácio do Torel
 - 3 | Palácio Silva Amado
 - 4 | Conjunto de Palacetes do séc. XIX
 - 5 | Palácio do Mitelo
 - 6 | Palácio Valmor
 - 7 | Palácio do Patriarcado
 - 8 | Palácio Sousa Carvalho
 - 9 | Paço da Bemposta
- **Cercas de Palácios**
- **Bairros**
 - 1 | Bairro da Pena
 - 2 | Bairro do Matadouro
- **Outros equipamentos**
 - 1 | Teatro Nacional D. Maria II
 - 2 | Igreja da Pena
 - 3 | Praça de Touros do Campo Sant'Ana
 - 4 | Antigo matadouro do Campo do Curral
 - 5 | Chafariz do Campo de Sant'Ana
 - 6 | Escola Veterinária Militar e Ermida de Nossa Sra. da Carreira
 - 7 | Antigo Instituto Agrícola
 - 8 | Instituto Agrícola e Veterinária - Instituto de Agronomia e Escola de Medicina Veterinária
 - 9 | Chafariz da Cruz do Tabuado
 - 10 | Liceu Camões
 - 11 | Matadouro Municipal
- **Equipamentos Demolidos**
- **Parcelamento de cercas**
- **Anexos construídos**

Fig. 25 | Mapa de Lisboa com indicações topográficas por I. Tomkyns, 1812. A destacado situa-se a cumeeira da colina de Santana.

Legenda:

A azul: traçado pertencente à Carreira dos Cavalos

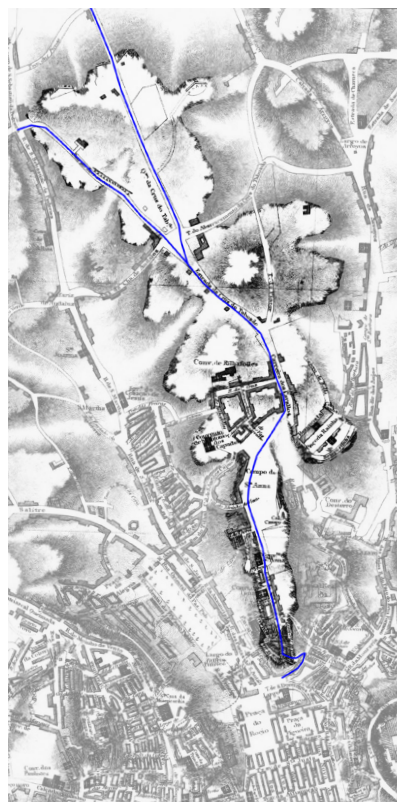
Fig. 26 | Mapa de Lisboa. Silpa Pinto, 1911.

Legenda:

A azul: traçado pertencente à Carreira dos Cavalos

semi-particular"²⁰ e pequenas habitações que seguem a mesma matriz, de apenas um único piso com quatro divisões no interior, um telhado de duas águas furtadas e um quintal nas traseiras.

Atualmente, é possível delinear parte desse caminho, pela encosta a sul da colina, no Largo de S. Domingos, não sabendo ao certo qual a rua exata do antigo traçado pelo bairro da Pena, mas num jogo de curvas e contracurvas de pequenas ruelas que vencem a topografia, até à Calçada de Santana, rua Instituto Bacteriológico, Campo Mártires da Pátria, rua Gomes Freire, Praça José Fontana, e aqui ocorre uma bifurcação, prosseguindo a poente pela rua Tomás Ribeiro, até S. Sebastião da Pedreira, onde cruza com a antiga "Corredoura" e a nascente pela rua Engenheiro Vieira da Silva e Rua de Picoas, hoje interrompido na sua continuidade pelo quarteirão do edifício Monumental.



20 ZINK, Rui, *A Palavra Mágica e outros contos*, Lisboa: Dom quixote, 2005, p. 132.

4.2 | OS GRANDES ESPAÇOS

Campo de Sant'Ana (Campo Mártires da Pátria)

Se por um lado existia em Lisboa um Rossio citadino e central, por outro, existia um Rossio rural e suburbano com a designação ancestral de “*Campo do Curral*”. Foi perto deste que se situou o hospital dos leprosos (Gafaria de S. Lázaro) e um dos primeiros matadouros abastecedores da cidade, o matadouro de S. Lázaro. Era um local bastante desprezado pela cidade, “*antes ninguém queria morar aqui (...) as pessoas tinham medo da lepra (...) o curral trouxe novos perigos, imundície, mau cheiro e os berros dos animais nos estertores da morte.*”²¹

Com o crescimento da cidade já rompendo as muralhas da Cerca Fernandina, este campo suburbano torna-se parte da cidade, com várias funções ao longo do tempo, desde local de cavaleiros e fidalgos, de mercado de vísceras de gado a hortaliças, de local da feira da Ladra a campo de procissões, de desfiles e romarias até campo de mortificação.

Designado no século XIV como “*Campo de Sant'Ana*” pela ermida e convento próximos, foi juste deste que se construiu uma praça de touros (demolida em 1889 para dar lugar à Escola Médico-Cirúrgica, atual Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa), palácios da nobreza e um chafariz alimentado pelas Galerias de Sant'Ana do Aqueduto das Águas Livres, demolido no século XX.

Atualmente é designado como Campo Mártires da Pátria, encontrando-se bastante delimitado e rodeado por outros pequenos largos de menores dimensões. A área do “*campo*” de outros tempos seria muito maior que o atual espaço aberto, contudo, a memória rural ainda perdura, principalmente no seu jardim, sendo um dos poucos locais da cidade onde se podem observar animais que destemidamente habitam no espaço.

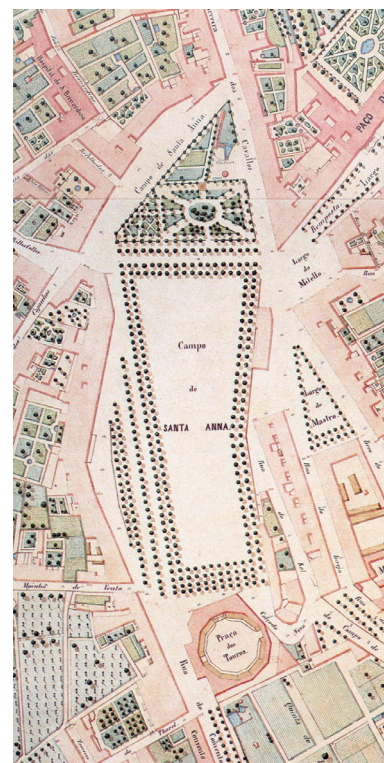


Fig. 27 | Campo Sant'Ana na cartografia de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1858.



Fig. 28 | Campo Mártires da Pátria, 2018. Ao fundo a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, à direita a estátua do Dr. Sousa Martins e um dos vários animais que habita o espaço.

21 SALTA, Ana Maria, *Rua da Inveja*, Lisboa: Edições Colibri, 2013, p. 64

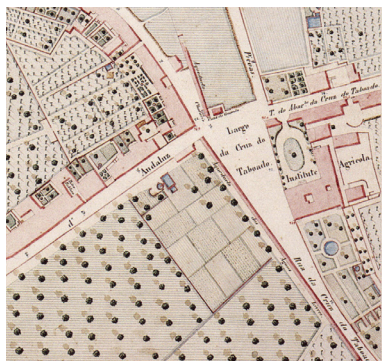


Fig. 29 | Largo da Cruz do Taboado na cartografia de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1858.



Fig. 30 | Largo da Cruz do Taboado, 1862.
À direita, o início da Carreira dos Cavalos, limitado à direita pelo muro da Cerca do Palácio dos Condes de Redondo e à esquerda pelo Instituto Agrícola, depois Instituto de Agronomia e Veterinária e em primeiro plano o chafariz da Cruz do Taboado

Cruz de Tabuado (Praça José Fontana)

A atual Praça José Fontana remonta a tempos onde a "Carreira dos Cavalos" já se localizava distante do centro da cidade, era designada como "Cruz de Tabuado"²² e resultava da bifurcação de caminhos para Picoas (estrada de Picoas) e para S. Sebastião da Pedreira, que desembocavam na Carreira.

Este largo da Cruz do Tabuado situava-se junto dos limites da cerca do Paço da Bemposta, onde foi construído o "Chafariz da Cruz do Tabuado"²³ junto do troço das Galerias de Santana do Aqueduto das Águas Livres, o Instituto Agrícola e Veterinária (dividindo-se em 1910 em duas escolas, a Escola de Medicina Veterinária e o Instituto de Agronomia, em 1989 o complexo passou a Faculdade de Medicina Veterinária) e o Liceu Camões.

No século XIX, é erguido o Matadouro Municipal, denominando o sítio de "Largo do Matadouro", que anteriormente existia junto do "Campo de Sant'Ana". Absorvido pelo Plano das Avenidas Novas, o largo é denominado em 1915 por Praça José Fontana começando assim a perder parte das memórias de um passado rural e aos animais, demolindo o Matadouro Municipal em 1970 e o complexo da antiga Faculdade de Medicina Veterinária em 2011 para dar lugar ao novo edifício da Polícia Judiciária, tornando-se uma praça de lazer onde perduram ainda alguns traços das suas ruas antigas.

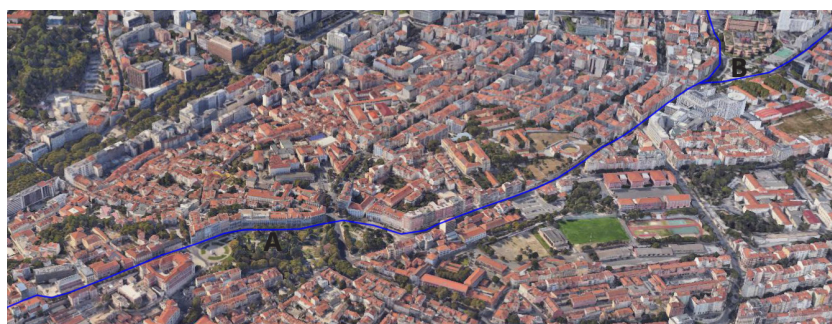


Fig. 31 | Vista aérea do Campo Mártires da Pátria (A) e Praça José Fontana (B), 2018.

Legenda:

A azul: o antigo traçado da Carreira dos Cavalos

22 ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, vol. IV, 2o ed. Lisboa: Vega, 1993, p. 57.

23 MOITA, Irisalva, D. João V e o abastecimento de água a Lisboa, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990, p. 155.

5 | A OCUPAÇÃO DAS ENCOSTAS

A primeira grande construção que se impôs nas encostas da colina de Santana foi o *laço oriental* ²⁴ da Cerca Fernandina de Lisboa. Subia a vertente a nascente desde o vale da Mouraria, no topo cruzava-se com a calçada de Santana (*Carreira dos Cavalos*) e depois descia a colina, até ao vale do Valverde. Várias foram as portas e postigos abertos no arrabalde desta colina, muitos deles já referenciados: a *Porta de S. Vicente da Mouraria* (Porta da Mouraria), a *Porta do Arco da Graça*, o *Postigo de Sant'Ana*, a *Porta de Santo Antão*, e a *Porta das Estrebaria de El-Rei*.



Fig. 32 | Parte do *laço oriental* da Cerca Fernandina de Lisboa sobre a colina de Santana. António Vieira da Silva, 1987.

24 SILVA, António Vieira da, **A cerca Fernandina de Lisboa**, 2ª ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987

5.1 | PELAS CERCAS DOS CONVENTOS E DOS PALÁCIOS

É a partir do século XV e XVI que se rompem as muralhas da Cerca Fernandina na colina de Santana. Inicialmente lugar de extensos campos agrícolas, estes foram arruados e murados pelas cercas dos conventos e palácios que se iam construindo, *"Monte de Sant'Ana – era campos de encosta, primariamente pertença de vários senhores, e, depois, cêrcas de conventos ou pedaços de quintas de casa nobres..."*²⁵

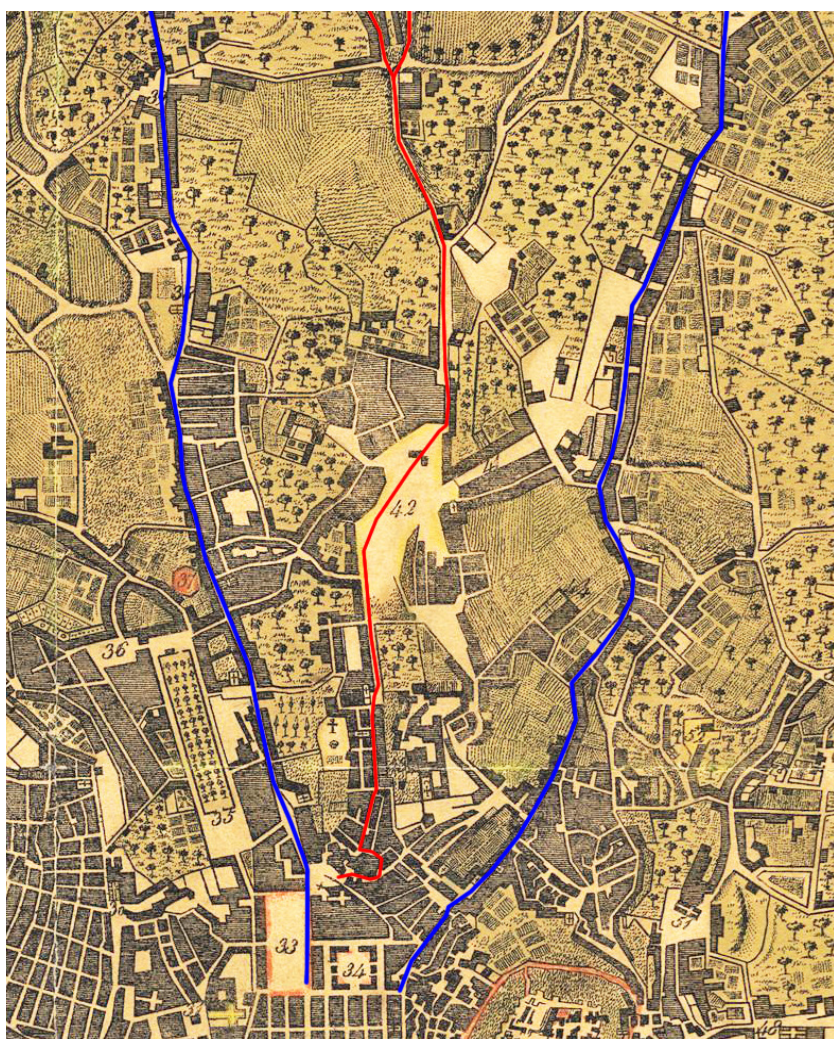


Fig. 33 | Gravura da Feira da Ladra na Praça da Alegria, início do séc. XIX.

Ao fundo é possível observar a encosta poente da colina de Santana, desde a igreja e convento de Sant'Ana (à dir.), a calçada do Lavra com muro de contenção da cerca do Palácio dos Condes de Povolide, ao centro várias cercas de palácios e convento de Santo António dos Capuchos.

Fig. 34 | Plano Geral de Lisboa. Constantino F., 1812.

É possível notar os vários parcelamentos das cercas dos conventos e palácios.

Legenda:

A azul: linhas de vale da colina de Santana, "Corredoura" (à esq.) e Anjos-Arroios (à dir.)

A vermelho: linha de cumeeira da colina de Santana, "Carreira dos Cavalos".

²⁵ ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*, vol. IV, 2ª ed. Lisboa: Vega, 1993, p. 27.



Fig. 35 | Igreja do convento de Sant'Ana na travessa da portaria das freiras de Sant'ana, atual rua Câmara Pestana, antes de 1897.

Na encosta a poente o Convento de Sant'Ana foi um dos primeiros edifícios religiosos que se ergueu, dando o seu nome à colina. Foi fundado em 1561 no lugar de uma ermida já existente e possuía uma cerca modesta. Em 1755 parte do convento foi destruído pelo terramoto, procedendo-se ao restauro em 1778, mas apenas das partes que escaparam ao desastre, acabando por diminuir a área da sua cerca. É demolido em 1897 para dar lugar ao Instituto Bacteriológico, agora pertencente à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Da memória do seu passado subsiste um corpo do convento na esquina do Campo Mártires da Pátria e da travessa do Torel e a denominação da rua da travessa do Adro, onde se localizava o adro da antiga igreja do convento.

Nos terrenos de D. Aleixo Menezes, ocorreu uma regularização e edificação na Calçada de Santana, através de uma imposição municipal, passando de um pequeno e estreito carreiro, que desce a encosta, para um traçado regular e de maiores dimensões, que ainda hoje se conserva, em conjunto com a edificação do Convento da Nossa Senhora da Encarnação nos terrenos do mesmo nobre. O edifício absorveu grande parte do traçado da Cerca Fernandina e possuía uma cerca composta por vários quintais e jardins em socacos no topo e encosta poente da colina. Mais tarde, parte da sua cerca é seccionada e loteada pela abertura da escadaria do beco de S. Luís da Pena, que fez a ligação entre as ruas das Portas de Santo Antão com a calçada de Santana.



Fig. 36 | Vista panorâmica para o convento da Encarnação, séc. XIX. Em grande plano aparece o muro da sua cerca.

Atualmente, este antigo convento é contituído por fortes muros virados para a escadaria, onde ainda é possível encontrar parte da sua cerca e dos seus jardins, como o seu característico laranjal, um espaço surpreendente em pleno centro da cidade antiga, apenas acessível pelo edifício do convento. Na parte a norte da escadaria, nos antigos terrenos da cerca do convento, ergueu-se depois o complexo industrial de Ramiro Leão.

Pela posse de terrenos de vários proprietários e através de trocas e cedências foi erguido o Convento de Santo António dos Capuchos. Com o fim das ordens religiosas, numa parte da cerca do convento é construído o Asilo da Mendicidade e a outra parte é vendida a bem do interesse do erário público para edificação. O Palácio dos Condes de Murça, um nobre solar do século XVIII, foi adquirido depois pelo Estado, que juntamente com o convento e asilo formam o complexo do Hospital de Santo António dos Capuchos, sendo notória alguma desorganização no seu complexo labiríntico pelas sucessivas intervenções desconexas, mas preservando ainda o claustro primitivo do convento.

O Hospital de Santa Marta proveniente do antigo Convento de Santa Marta, distinguiu-se dos restantes pela enorme cerca que possuía nas suas traseiras. Os seus terrenos eram vastos e subiam toda a encosta até à *Carreira dos Cavalos*, mais tarde, partes destes foram cedidos ao Palácio dos Condes de Redondo, sendo a sua cerca atual bastante reduzida face à primitiva, onde ainda é notório o claustro do convento e a igreja.

A Quinta e Convento de Rilhafoles, hoje Hospital Miguel Bombarda, manteve sempre a sua cerca e os seus terrenos, mesmo após o traçado do plano das Avenidas Novas se estabelecer junto dos seus limites, impondo a sua cerca face à nova malha, *"Manicómio Miguel Bombarda, cuja a cerca se transforma num muro contenção que deixa toda a área da antiga cerca no alto, em relação à Rua."*²⁶ Ao longo do tempo foi-se mantendo isolado do restante tecido urbano que o rodeou, possuindo casos estranhos nos seus limites. Manteve apenas uma única entrada para o complexo, que servia como segurança para eventuais fugas, pois tratava-se de um hospital psiquiátrico. É composto por vários pavilhões e edifícios isolados, que permanecem como um património menos conhecido e distante do olhar da cidade.

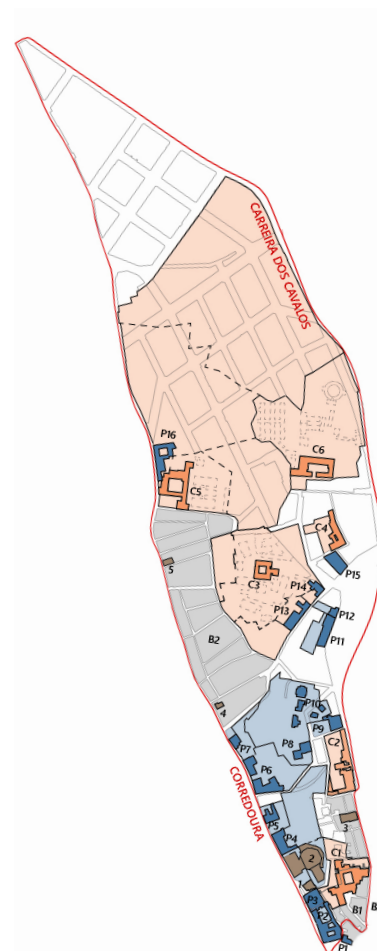


Fig. 37 | Edifícios importantes construídos na encosta poente da colina de Santana

Legenda:

Conventos

- | | |
|---|--|
| 1 Convento N. Sra. da Encarnação | 4 Recolhimento de N. Sra. da Encarnação e do Carmo |
| 2 Convento de Sant'Ana | 5 Convento de Sta. Marta |
| 3 Convento de Sto. António dos Capuchos | 6 Convento de Rilhafoles |

Conv. Demolidos
Cercas Convent.

Palácios

- | | |
|---|--|
| 1 Palácio Regaleira | 9 Palácio Silva Amado |
| 2 Palácio dos Condes de Almada | 10 Conjunto de Palácios dos Séc. XIX |
| 3 Palácio Alverca | 11 Palácio Valmor |
| 4 Palácio dos Condes de Povolide | 12 Palácio do Patriarcado |
| 5 Palácio Rio Maior (da Anunciada) | 13 Palácio dos Condes de Murça (Mello) |
| 6 Palácio dos Condes da Ericeira (dos Andradas) | 14 Palácio Centeno |
| 7 Palácio do Lavra | 15 Palácio Sousa Carvalho |
| 8 Palácio do Torel | 16 Palácio dos Condes do Redondo |

Cercas de Palácios

Bairros

- | | |
|-----------------------|--------------------|
| 1 Bairro do Andaluz | 2 Bairro da Pena |
|-----------------------|--------------------|

Outros equipamentos

- | | |
|-------------------------------------|--|
| 1 Igreja de S. Luís dos Franceses | 4 Igreja de S. José dos Carpinteiros |
| 2 Coliseu dos Recreios | 5 Hospício das Carmelitas |
| 3 Igreja da Pena | |

- Parcelamento das Cercas
--- Anexos Construídos

26 AA. VV, *Estudo Urbano da Colina de Santana*, Lisboa: ESTAMO - Grupo Segastamo, 2013, p. 64.

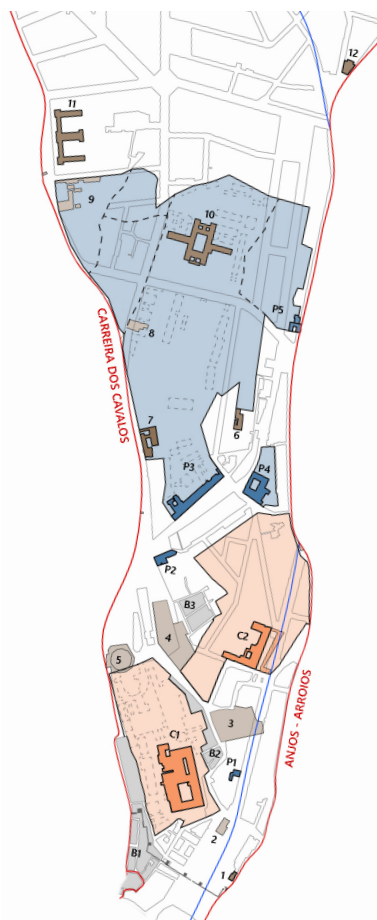


Fig. 38 | Edifícios importantes construídos na encosta nascente da colina de Santana

Legenda:

- | | |
|--|--|
| Conventos | |
| 1 Convento/Colégio de Santo-Antão-o-Novo | Conv. Demolidos |
| 2 Convento do Desterro | Cercas Convent. |
| Palácios | |
| 1 Palácio Folgosa | 5 Palácio Inácio Lopes |
| 2 Palácio do Mitelo | Palác. demolidos |
| 3 Paço da Bemposta | Cercas de Palácios |
| 4 Palácio dos Condes de Pombeiro | |
| Bairros | |
| 1 Bairro da Pena | 3 Bairro do Matadouro |
| 2 Bairro de S. Lázaro | |
| Outros equipamentos | |
| 1 Igreja N. Sra. da Saúde (S. Sebastião da Mouraria) | Carreira |
| 2 Igreja do Socorro | 8 Antigo Instituto Agrícola |
| 3 Gafaria de S. Lázaro | 9 Instituto Agrícola e Veterinária - Instituto de Agronomia e Escola de Medicina Veterinária |
| 4 Matadouro do Campo do Curral | 10 Hospital D. Estefânia |
| 5 Praça de Touros do Campo de Sant'Ana | 11 Liceu Camões |
| 6 Quartel do Cabeço da Bola | 12 Igreja de Arroios |
| 7 Escola Veterinária Militar e ermida de N. Sra. da | Equip. demolidos |
| Parcelamento de cercas | |
| Anexos Construídos | |

Na encosta a nascente da colina, já a descer para o vale dos Anjos-Arroios, ergue-se o Hospital de São José, no antigo Colégio/Convento de Santo Antão-o-Novo, nos terrenos da Quinta de S. Lázaro e parte do Campo de Santana, junto da Gafaria/Capela e bairro de S. Lázaro. Através da sua cerca, abriam-se novas ruas na encosta, como a rua Nova do Colégio, por onde passava a porta do Arco da Graça da Cerca Fernandina de Lisboa. Ainda é possível notar o claustro, a igreja, as fachadas e vários corpos edificadas do antigo convento no que é hoje o Hospital de São José.

O Convento do Desterro, hoje Hospital do Desterro foi erguido junto da linha de água que corria no vale Anjos-Arroios e a sua fachada lateral alinhada a esta. A sua cerca e parte do seu edificado de entrada foram destruídas para o atravessamento da Avenida Almirante Reis. Os seus terrenos foram absorvidos por novas edificações restando apenas o edifício do antigo convento, descaracterizado, podendo ainda ser possível identificar traços do antigo claustro, a igreja, as fachadas e os limites da sua cerca pelos desenhos dos lotes adjacentes.

Também os palácios se mostraram como um importante elemento na apropriação e densificação da malha urbana da colina de Santana. Muitos destes fixaram-se pelos eixos urbanos, já referenciados, criando frentes de ruas e delimitando grandes espaços urbanos. Algumas das cercas dos palácios resultaram das cedências de terrenos conventuais.

Um facto importante das cercas dos palácios e dos conventos, principalmente nos que se edificaram junto das linhas de fundo dos vales, como é o caso do Palácio dos Condes de Povolide (atual Ateneu Comercial de Lisboa), do Convento de Santa Marta e Palácio dos Condes de Redondo (atual Universidade Autónoma de Lisboa), foi o facto de estes se edificarem numa posição estratégica, a fim de manter o declive da encosta livre para os terrenos de cultivo e jardins, recolhendo de forma natural a água para a irrigação das terras. Pela fachada principal não era perceptível a dimensão dos terrenos que estes possuíam nas suas traseiras.

5.2 | O IMPULSO DO SÉCULO XIX

Após a extinção das ordens religiosas, em 1834, a colina de Santana volta a ter um novo impulso e destaque na cidade de Lisboa. Outrora local de conventos, a maior parte destes serão convertidos em unidades hospitalares, determinando assim uma nova integração e função desta área, no entanto, não só relacionada com a saúde, mas também com o ensino.

A partir das ideias do romantismo uma nova classe social emergia na Lisboa Liberal e esta colina volta a sofrer uma nova transformação, iniciada pelo Palácio do Torel e mais tarde pelo seu miradouro e jardim. Depressa a encosta a poente da colina, junto da antiga cerca do Convento de Sant'Ana e nas propriedades do palácio do Torel, se torna um local propício para a ocupação de vários palácios, palacetes ou “vilas palacianas”, com uma vista desafogada para o nova Avenida da Liberdade. Estes novos palácios, com os seus jardins cuidados, estabeleceram uma nova linha visual na colina de Santana, com grande impacto para a imagem da cidade, que ainda é facilmente perceptível através do miradouro de S. Pedro de Alcântara, na colina oposta.

No entanto, as condições de acesso ao topo da colina ainda permaneciam deficientes e bastante incómodas para uma mobilidade fluente que cada vez mais se intensificava. Perduravam ainda vários acessos conflituosos e íngremes e era preciso pensar numa forma de vencer o declive para uma fácil e menos penosa mobilidade.

Foi então elaborado um plano pela responsabilidade de Raoul Mesnier de Ponsard, concedido pela Câmara Municipal de Lisboa em 1882, com vista à criação de um conjunto circular de ascensores que venceriam as encostas das várias colinas de Lisboa, que resultou na construção dos ascensores da Bica, Glória, Lavra, Graça entre outros.



Fig. 39 | Palacetes na encosta poente da colina de Santana, 2000.



Fig. 40 | Escadaria do Beco de S. Luís da Pena, início do séc. XX.



Fig. 41 | Terreno adquirido pela Câmara Municipal de Lisboa (a rosa) aos terrenos do Palácio dos Condes de Povolide, entre a calçada do Lavra e a travessa do convento das freiras de Sant'Ana (atual rua Câmara Pestana), para a construção do ascensor, 1882.

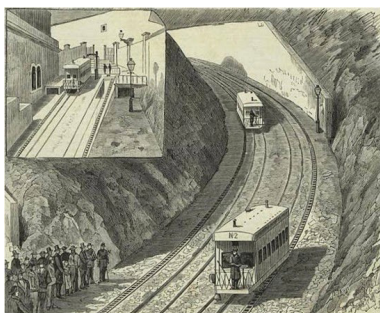


Fig. 42 | Gravura da inauguração do ascensor do Lavra, 1884.

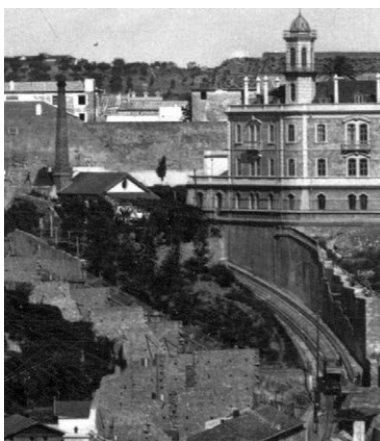


Fig. 43 | Ascensor do Lavra e seus barracões, início do séc. XX.

No caso da colina de Santana, é inserido o ascensor do Lavra em 1884, pela calçada do Lavra que vencia a encosta a poente, vinda do largo da Anunciada, até ao convento de Sant'Ana. Como a calçada possuía dois ângulos de inflexão, recorreu-se ao rasgamento de uma nova rua pela encosta, através de uma curva que seguia em canal próprio a partir do primeiro ponto de inflexão da calçada.

Esta construção só foi possível pela cedência de terrenos que pertenciam ao Palácio dos Condes de Povolide. No topo da calçada do Lavra foram construídos os barracões para os mecanismos do elevador e a estação do Lavra. Após a construção a Câmara Municipal de Lisboa vendeu os terrenos sobrantes²⁷ e deste modo a calçada foi-se edificando e parcelando pela encosta com novos edifícios de habitação, palácios e jardins.

Este ascensor, agora eletrificado, é um dos pontos principais para a chegada ao Jardim do Torel e à Faculdade de Ciências Médicas, sendo um poderoso auxiliar na mobilidade, restando ainda os pequenos barracões em estado de degradação dos seus tempos das máquinas a vapor.

Este é o século em que o carro começa a ganhar importância na cidade de Lisboa, é a partir disso que novas ruas de dimensões maiores nascem pela cidade através dos grandes planos de expansão da cidade, como os já referenciados Planos de Melhoramento de Frederico Ressano Garcia. Uma vez que a colina de Santana já se encontrava bastante consolidada no seu topo sul, é a norte desta que nascem as avenidas e as novas ruas de atravessamento pela colina, adaptadas para um maior tráfego automóvel e proporcionadas pela urbanização do Bairro de Camões construído nos terrenos da enorme propriedade dos Condes de Redondo. O seu traçado ortogonal abre não só novas ruas, como ainda, regulariza e aumenta a escala de velhos traçados. A colina de Santana passava assim a pertencer ao centro da cidade deixando de ser um limite.

27 AA. VV, *Archivo Municipal*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1883.

No entanto, é importante referir que mesmo aqui as questões topográficas foram condicionantes para o resultado do tecido urbano atual, como é supracitado no estudo de Inês Lobo sobre a colina de Santana, *"A questão topográfica era complexa e implicaram terraplanagens significativas, pelo que os trabalhos sobre os arruamentos tiveram ainda alguns percalços, como desabamentos de ruas. (...) arruamentos ainda por resolver, como as duas ruas sem saída junto a Rilhafoles, ou mais a norte, uma persistência de malha ainda com uma rua tortuosa e impasses, dentro de um quarteirão rectilíneo..."*²⁸

Já no Bairro da Estefânia, uma zona consideravelmente menos acidentada, nos terrenos da antiga cerca do Paço da Bemposta, ao contrário do realizado no bairro anterior, neste consegue-se uma melhor adaptação às preexistências, *"regularizar, sem conceitos geométricos excessivos, as artérias existentes e abrir outras."*²⁹ e com espaços públicos mais generosos, direcionado para uma pequena burguesia da altura.

Com esta expansão da cidade de Lisboa, a colina de Santana necessitava de uma reformulação das suas zonas mais antigas. Muitas das suas ruas são aumentadas e prolongadas, como o caso da Alameda de Santo António dos Capuchos e ocorrem diversos loteamentos junto dos terrenos do Convento do Desterro e do Palácio do Torel.



Fig. 44 | Obras de demolição para a o aumento e prolongamento da Alameda de Santo António dos Capuchos, início do séc. XX
Ao fundo o Campo Mártires da Pátria.

²⁸ AA. VV, **Estudo Urbano da Colina de Santana**, Lisboa: ESTAMO - Grupo Segastamo, 2013, p. 62.

²⁹ MOITA, Irisalva (coord.), **O Livro de Lisboa**, Lisboa: Livros Horizonte, 1994, p.412

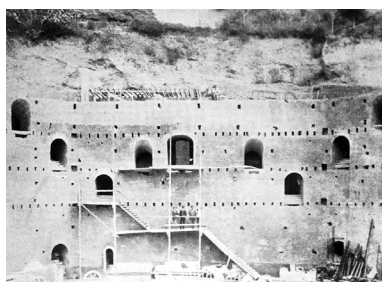


Fig. 45 | Construção do Coliseu dos Recreios, em que é possível observar o terreno escavado, 1889.

Os novos hábitos sociais que emergiram na sociedade permitiram que se aproveitassem os velhos eixos viários para novas funcionalidades, como aconteceu na rua das Portas de Santo Antão. Nesta rua, outrora caminho de entrada na cidade, as traseiras dos seus edifícios, situados na encosta serão escavados e ocupados por novos espaços, como aconteceu com a construção do Coliseu dos Recreios, erguido em 1890, nos terrenos dos sequeiros de S. Luís da Pena, "*terrenos incultos*"³⁰, delimitados pela igreja de S. Luís dos Franceses, e por parte de terrenos e edifícios do Palácio dos Condes de Povolide na altura pertencentes ao Conde Burnay.

O Coliseu estabeleceu a entrada principal pela rua das Portas de Santo Antão e dois anos mais tarde o Museu da Sociedade Geográfica de Lisboa fixou-se num edifício anexo, ambos ainda permanecem.

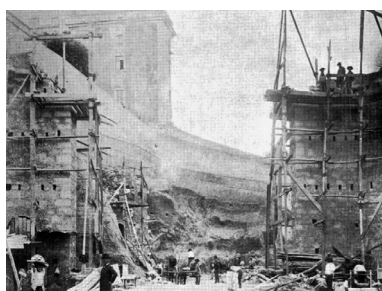


Fig. 46 | Construção do Coliseu dos Recreios, 1889.
Ao fundo a cerca e convento da Encarnação.

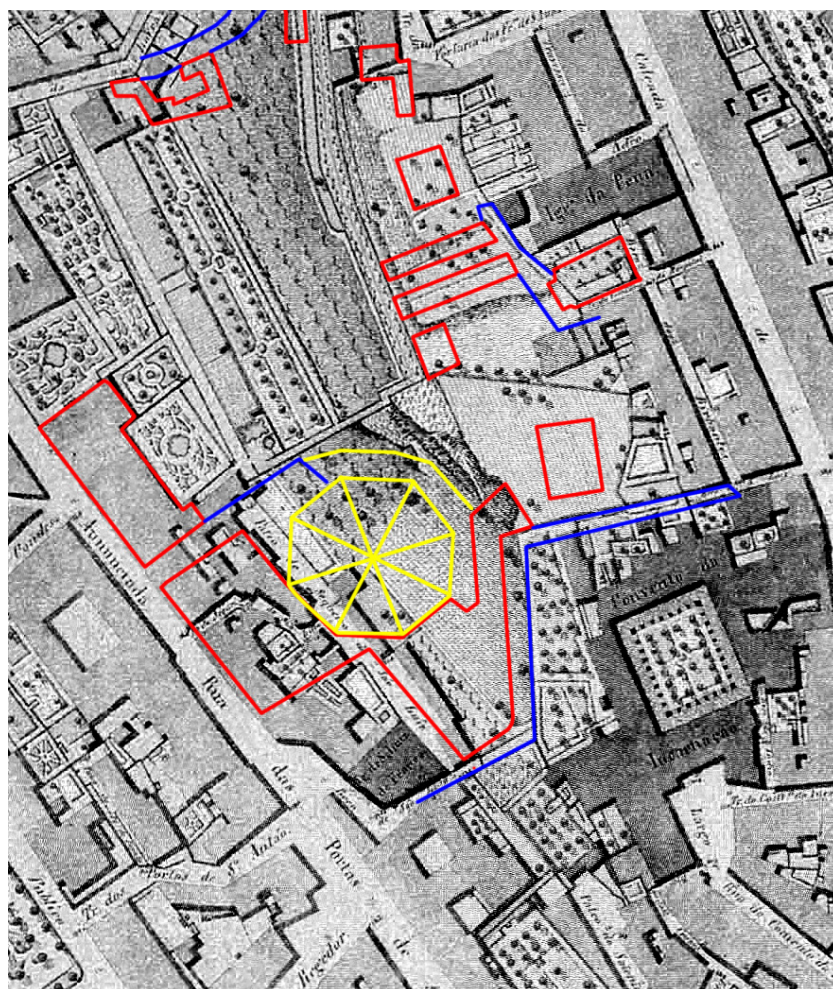


Fig. 47 | Planta de Lisboa de Filipe Folque, 1856-1858, com as alterações presentes na cartografia de Lisboa de Silva Pinto de 1911.

Legenda:

A vermelho: novas edificações
A azul: novos arruamentos
A amarelo: local do Coliseu dos Recreios



Fig. 48 | Panorâmica sobre a encosta poente da colina de Santana a partir do miradouro de S. Pedro de Alcântara, início do séc. XX.

5.3 | A MOBILIDADE DO SÉCULO XX

Enquanto no século XIX, como já foi referenciado, os ascensores respondiam as questões de acessibilidade da altura, no século XX, a mobilidade volta a dominar os grandes planos para cidade, uma vez que a cidade sofria de fortes problemas de tráfego, *“A circulação na cidade, principalmente na zona da Baixa, é considerada caótica. Apontavam-se como principais causas as deficiências dos traçados da rede de eléctricos.”*³¹

É por este motivo que vão surgir várias propostas para tentar resolver os problemas de trânsito, especialmente na Baixa, uma vez que nas novas expansões da cidade esta situação encontrava-se controlada, *“Em contraste com esta situação, na Avenida da Liberdade (inaugurada em 1886), Praça dos Restauradores e Avenidas Novas, o trânsito era relativamente fácil, por serem zonas mais recentes, onde houve o cuidado de uma planificação na rede de eléctricos e regularização do trânsito.”*³²

Por este motivo, é delineado em 1937, pela mão do então presidente da Câmara Duarte Pacheco e aprovado em 1948 (ver Anexo I) um novo Plano Director de Urbanização de Lisboa, sob a direção de Étienne de Gröer considerado um dos mais importantes no desenvolvimento de Lisboa, *“foi o mais importante instrumento de planeamento da cidade de Lisboa e que acabaria por traçar a sua expansão e desenvolvimento urbanístico durante a segunda metade do século XX.”*³³

31 BRITO, Vasco; CAMARINHAS, Catarina Teles Ferreira, Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da Cidade de Lisboa (1938), *Cadernos do Arquivo Municipal*, n. 9, p. 163–189, 2007, p. 177.

32 Ibid., p. 178.

33 Ibid., p. 165

O tráfego viário foi umas das importantes premissas a debater no plano e muitas das propostas foram colocadas em prática mesmo que depois nunca tenham sido finalizadas.

Neste plano também convergiam vários estudos e planos de pormenor para diversas áreas da cidade de Lisboa. Daqueles que interferiam com a colina de Santana, pode-se destacar:

- Proposta de descongestionamento do trânsito no centro da cidade e o saneamento da zona compreendida entre o Socorro e o Rossio de 1944, realizada por Guilherme Faria da Costa, que levou às já referidas demolições na baixa da Mouraria e do Martim Moniz. A par das preocupações de higiene, haveria as da mobilidade que seriam solucionadas com a criação de uma ligação em túnel entre os Restauradores e o largo Martim Moniz, criando assim uma circulação radial no interior da cidade histórica, que se conectaria à Avenida Almirante Reis até ao Aeroporto.



Fig. 49 | "Estudo de descongestionamento do trânsito no centro da cidade com a localização de edifícios públicos e o saneamento da zona compreendida entre o Socorro e o Rossio". Guilherme Faria da Costa, 1944.



Fig. 50 | "Plano de Remodelação da Baixa". Guilherme Faria da Costa, 1950.

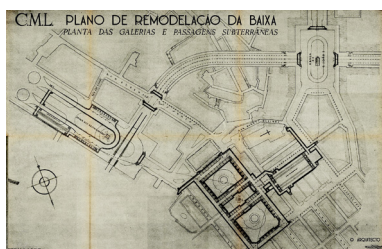


Fig. 51 | "Plano de Remodelação da Baixa" Galeria e passagens subterrâneas junto da colina de Santana. Guilherme Faria da Costa, 1950.

- Antepiano de remodelação da baixa de 1949, por Guilherme Faria da Costa, este plano servia como um melhoramento do anterior, em que seriam acrescentados mais túneis em combinação com o anterior, que perfurariam as demais colinas de Lisboa, ficando assim uma extensa coroa circular em túnel de Corpo Santo – Restauradores, Restauradores - Martim Moniz, Martim Moniz - Campo das Cebolas. Os nós desta circular seriam resolvidos através da construção de um interface de transportes subterrâneo nos Restauradores e uma rotatória de superfície no largo do Martim Moniz.

No entanto estes planos acabaram por nunca se realizar por completo, sendo as demolições do Martim Moniz as únicas marcas deixadas.

Pode-se também referir que muitas ideias utópicas também surgiam em Lisboa, permanecendo no seu imaginário urbanístico até os dias de hoje, como a *"ponte sobre os vales da Avenida e rua da Palma"*³⁴ apresentada por Fialho de Almeida que consistia na criação de um viaduto entre S. Pedro de Alcântara e o Campo Santana facilitando a circulação na cidade, esta mesma ideia vinha no seguimento de outras já apresentadas no século anterior por Miguel Pais e Ângelo Sarrea de Sousa Prado³⁵.

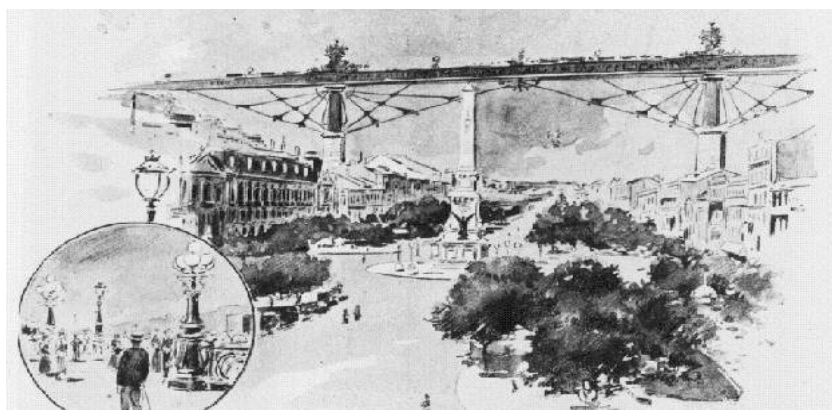


Fig. 52 | "Projecto de uma ponte a ligar São Pedro de Alcântara ao Campo Santana", vista a partir dos Restauradores. Fialho de Almeida, 1906.

Fig. 53 | "Anteprojecto da Avenida aerea de Lisboa n'um viaducto metallico desde S. Pedro d'Alcantara por Sant'Anna á Graça". Ângelo Sarrea de Sousa Prado, 1888.



Ainda no século XX, um dos grandes projetos que introduziu uma nova opção e transformação da mobilidade na capital portuguesa foi o Metropolitano de Lisboa. Inaugurando em 1959, o seu plano provém desde as primeiras ideias apresentadas em 1888.

A sua primeira linha contava com 11 estações que tinha início no Restauradores até à Rotunda (atual Estação do Marquês de Pombal) e aí bifurcava até Sete Rios (atual Estação do Jardim Zoológico) e Entre Campos, no entanto, esta nova linha repetiu os eixos viários existentes na cidade, como o caso Restauradores-Rotunda que seguia em túnel por baixo da Avenida da Liberdade e Rotunda – Entre Campos que seguia por baixo das grandes avenidas das Avenidas Novas (Avenida Fontes Pereira de Melo e Avenida da República), portanto, o Metropolitano consistiu



Fig. 54 | Estudo sobre o metropolitano de Lisboa. Carlos Buigas, 1938.

34 ALMEIDA, Fialho de, *Lisboa monumental*, Lisboa: Ilustração Portuguesa, 1906, p. 403–404.

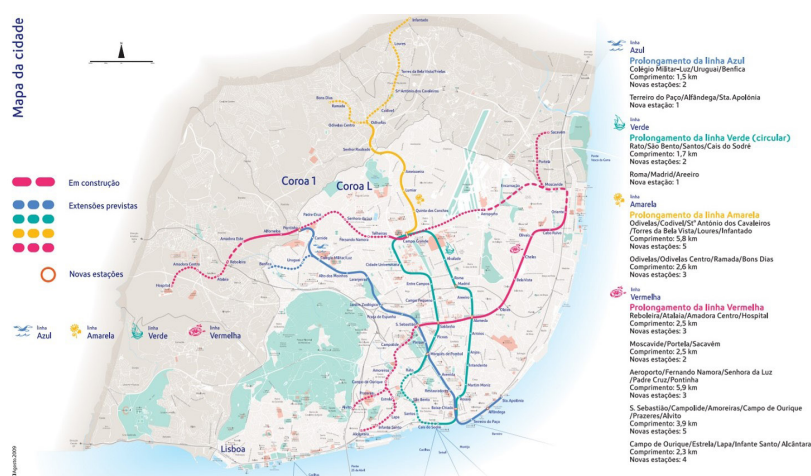
35 BARATA, Ana Cristina, Das colinas de Lisboa: as "avenidas aéreas" nunca construídas -About Lisbon hills: the never built "aerial avenues", *Cadernos do Arquivo Municipal*, n. 9, p. 125–136, 2018, p. 129–130

a início numa repetição da mesma matriz de mobilidade, mas direcionada para o transporte público.

A sua expansão continuou pela cidade de Lisboa, nos anos de 1963 até 1972 várias foram as ampliações no centro histórico da cidade, do Rossio até a Alvalade pelas diversas estações no vale Anjos-Arroios e nos finais do século XX para fora dos limites urbanos da cidade, como a Estação da Pontinha em 1977 e a nova linha até ao Oriente em 1998, impulsionada pela Exposição Mundial de 1998 que viria a criar o que é hoje o Parque das Nações.

No entanto, desde os seus planos iniciais até as previsões de possíveis expansões futuras, o Metropolitano de Lisboa deixa os topos das grandes colinas e partes das suas encostas sem qualquer ponto de acesso, como acontece nas colinas de Santana, S. Roque e Graça, sendo necessário deslocar-se até os vales para chegar às estações de Metro. É importante referir que em 2009 finalizou-se a primeira linha que não segue os principais vales da cidade, a linha vermelha, contudo, distante das colinas do centro histórico da cidade de Lisboa.

Fig. 55 | Proposta apresentada para possíveis extensões do Metropolitano de Lisboa, 2009. Os troços entre Amadora Este - Reboleira e Encarnação - Aeroporto são as últimas extensões realizadas



6 | SÍNTESE

Através de uma primeira abordagem da evolução e urbanização da colina de Santana, percebe-se que, numa primeira fase, é pelas suas linhas de vale e de cumeeira que esta se urbaniza e estrutura, estabelecendo uma relação com as encostas muito ténue, ressaltando apenas os casos do Bairro da Andaluz, da Pena e de S. Lázaro.

As encostas eram dominadas então pelos extensos terrenos que foram pertencendo às cercas de conventos e palácios e por pequenos caminhos de atravessamento pelo declive numa altura em que se evita o esforço de caminhos acidentados, em contraste com as suas linhas de vale e cumeada já bastante expressivas na mobilidade urbana da cidade.

Contudo, o tecido urbano da colina, rendilhado pelas ligações dos diferentes tempos, adaptados à topografia acidentada, não deixam de desvendar a presença de áreas desocupadas de dimensão variável, quer nos logradouros, quer pelas encostas; de diversas zonas de fronteira existentes de bairros aparentemente fechados; de pequena zonas perdidas, escondidas entre edificações e memórias de itinerários ancestrais e íngremes, como a escadaria do Beco de S. Luís da Pena.

Por último, o desvendar desta Lisboa permite-nos observar alguns "oásis" dentro da cidade histórica, pequenos a grandes espaços abertos e expectantes, com as suas determinadas características. Na colina de Santana vários são os espaços que possuem diversas oportunidades. Um dos quais dentro de um logradouro que fechou a sua conexão com a cidade, mas não a sua percepção na qualidade de um poderoso elemento para a regeneração urbana da cidade.

Em síntese, a reintegração destes espaços poderá trazer um novo destaque à encosta da colina de Santana, um novo interesse, vivência e atratividade, sem perder as suas memórias, podendo exercer um forte impulso na regeneração do centro histórico de Lisboa e deste modo, uma nova forma de habitar a encosta.

Fig. 56 | Panorâmica para a encosta poente da colina de Santana, séc. XIX.
À direita terrenos a cerca do Palácio dos Condes de Povolide (atual Ateneu Comercial de Lisboa)





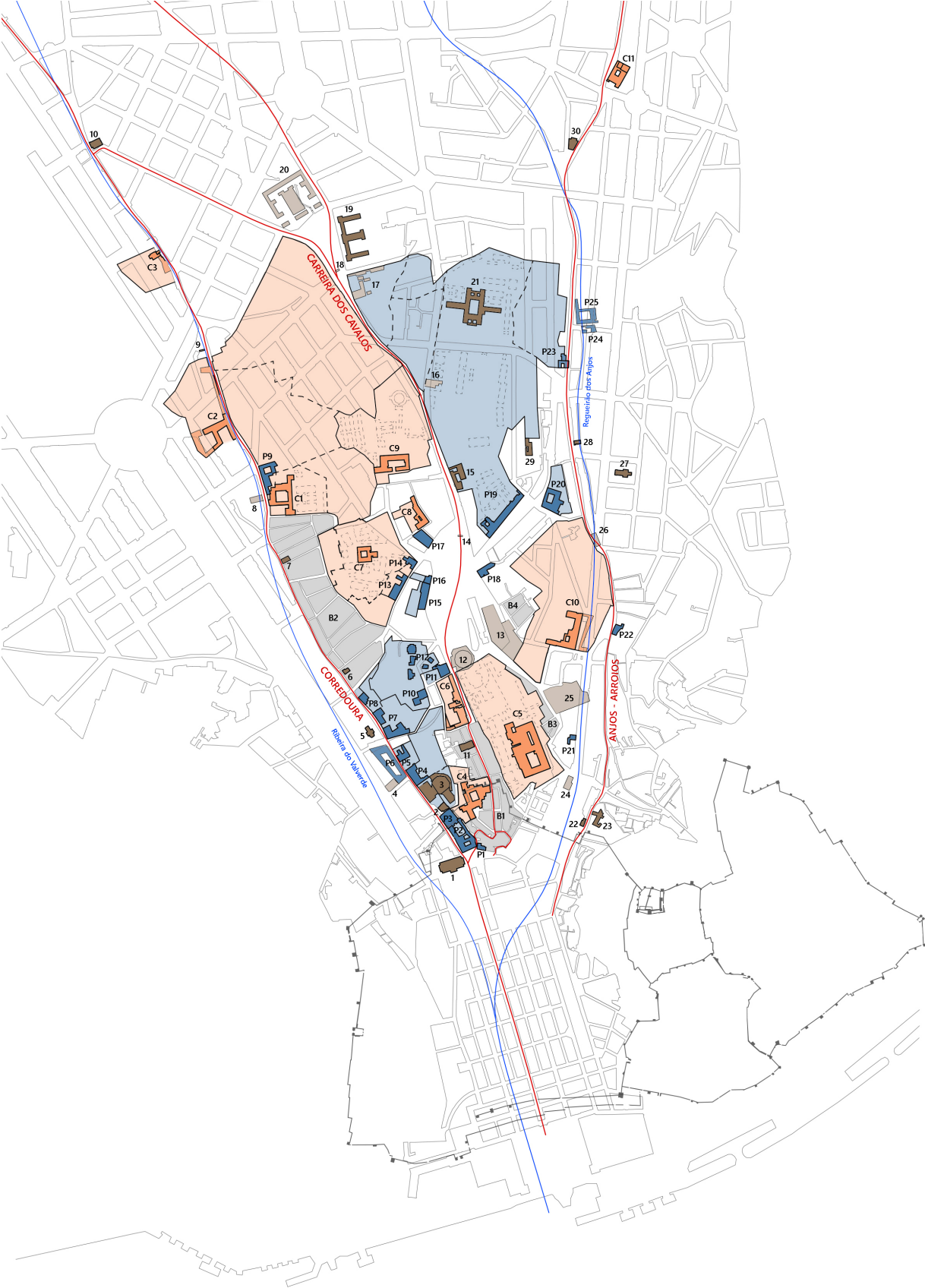


Fig. 57 e 58 | Edifícios importantes construídos na colina de Santana. Com curvas de nível na Fig.58.

Legenda:

Conventos

- | | |
|---|---|
| 1 Convento de Santa Marta | 6 Convento de Sant'Ana |
| 2 Convento de Santa Joana | 7 Convento de Santo António dos Capuchos |
| 3 Convento de Santa Rita de Cássia | 8 Hospício/Recolhimento de N. Sra. da Encarnação e do Carmo |
| 4 Convento N. Sra. da Encarnação | 9 Convento de Rilhafoles |
| 5 Colégio/Convento Santo Antão-O-Novo | 10 Convento de N. Sra do Desterro |
| | 11 Convento de Arroios |

Conventos/partes demolidos

Cercas Conventuais

Palácios

- | | |
|---|--|
| 1 Palácio Regaleira | 13 Palácio dos Condes de Murça (Mello) |
| 2 Palácio dos Condes de Almada | 14 Palácio Centeno |
| 3 Palácio Alverca | 15 Palácio Valmor |
| 4 Palácio dos Condes de Povolidé | 16 Palácio do Patriarcado |
| 5 Palácio Rio Maior (da Anunciada) | 17 Palácio Sousa Carvalho |
| 6 Palácio dos Condes da Ericeira (dos Andrades) | 18 Palácio Mitelo |
| 7 Palácio do Lavra | 19 Paço da Bemposta |
| 8 Palácio dos Condes de Magalhães | 20 Palácio dos Condes de Pombeiro |
| 9 Palácio dos Condes de Redondo | 21 Palácio Folgosa |
| 10 Palácio do Torel | 22 Palácio do Intendente Pina Manique |
| 11 Palácio Silva Amado | 23 Palácio de Inácio Lopes |
| 12 Conjunto de Palacetes do séc. XIX | 24 Palacete Villa Braz |
| | 25 Palácio dos Condes de S. Miguel |

Palácios/partes demolidos

Cercas de Palácios

Bairros

- | | |
|-----------------------|-------------------------|
| 1 Bairro da Pena | 3 Bairro de S. Lázaro |
| 2 Bairro do Andaluz | 4 Bairro do Matadouro |

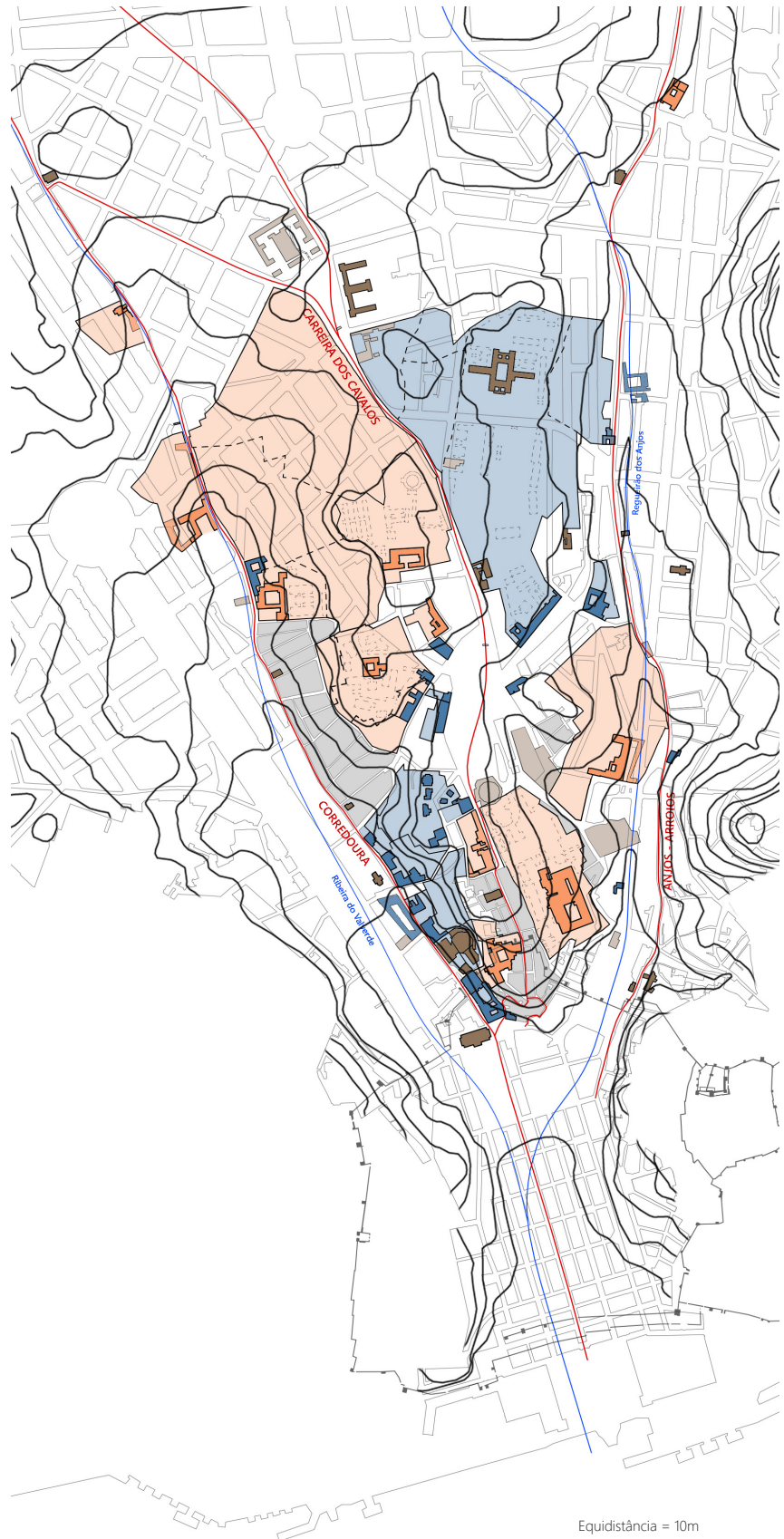
Outros equipamentos

- | | |
|---|---|
| 1 Teatro Nacional D. Maria II | 16 Antigo Instituto Agrícola |
| 2 Igreja de S. Luís dos Franceses | 17 Instituto Agrícola e Veterinária - Instituto de Agronomia e Escola de Medicina Veterinária |
| 3 Teatro da Rua dos Condes | 18 Chafariz da Cruz do Tabuado |
| 4 Coliseu dos Recreios | 19 Liceu Camões |
| 5 Igreja de S. José da Anunciada | 20 Matadouro Municipal |
| 6 Igreja de S. José dos Carpinteiros | 21 Hospital D. Estefânia |
| 7 Hospício das Carmelitas | 22 Igreja N. Sra. da Saúde (S. Sebastião da Mouraria) |
| 8 Antiga Igreja do Coração de Jesus | 23 Colégio dos Meninos Orfãos |
| 9 Chafariz do Andaluz | 24 Igreja do Socorro |
| 10 Igreja de S. Sebastião da Pedreira | 25 Gafaria de S. Lázaro |
| 11 Igreja da Pena | 26 Antiga Igreja dos Anjos |
| 12 Praça de Touros do Campo de Sant'Ana | 27 Nova Igreja dos Anjos |
| 13 Matadouro do Campo do Curral | 28 Ermida do Resgate de Almas e Senhor Jesus dos Perdidos |
| 14 Chafariz do Campo de Sant'Ana | 29 Quartel do Cabeço da Bola |
| 15 Escola Veterinária Militar e ermida de N. Sra. da Carreira | 30 Igreja de S. Jorge de Arroios |

Equipamentos Demolidos

Parcelamento de cercas

Anexos construídos



7 | PROJETAR NA ENCOSTA

7.1 | O DECLIVE E A ARQUITECTURA

Através da demonstração de diversos casos de estudo em que as condições de declive se assemelham às encontradas na encosta poente da colina de Santana pode-se aprofundar diversas respostas no ato de “projetar e habitar na encosta”.

Contudo, é enriquecedor aprofundar questões de sítios em que o declive quase não existe e através de modelações de terreno surgem novas formas de moldar e utilizar o declive como um elemento enriquecedor do projeto arquitetónico.



Fig. 59 | Vista aérea do Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

7.2 | MUSEU DAS COLEÇÕES REAIS

MADRID, ESPANHA - 2015

O Museu das Coleções Reais localiza-se na cidade de Madrid, Espanha. Foi um projeto realizado no ano de 2015 junto do Palácio Real e da Catedral de la Almudena na encosta da colina onde estes se inserem.

Projetado pelo estúdio de arquitetos Mansilla + Tuñón Arquitectos, o edifício propõe uma linguagem contemporânea, consciente do local onde está inserido e apresenta uma arquitetura austera e clara dentro de uma ordem rigorosa.

O projeto urbano foi guiado através de dois aspetos fundamentais: o edifício deveria integrar-se na paisagem natural e no conjunto monumental do Palácio Real e, por outro, era necessário manter a natureza da Praça de La Almunena, preservando as vistas sob os jardins e parques a poente da encosta, através da ocupação de espaço subterrâneo, ficando invisível através da praça.

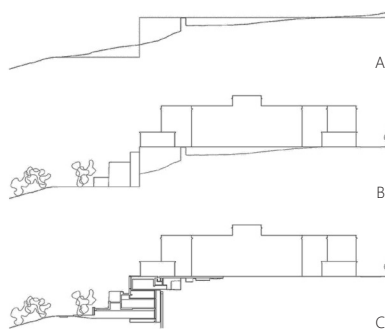


Fig. 60 | Perfis de encosta comparativos. (A) Perfil histórico, (B) Perfil do estado anterior, (C) Perfil do estado presente. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

O projeto surgiu na necessidade de criação de grandes espaços com grandes alturas e áreas para acolher e exibir as várias coleções reais, por isso, a sua concretização foi assente numa estrutura de composição estrutural muito semelhante aos grandes edifícios contemporâneos.

Este projeto conseguiu oferecer uma qualidade espacial pela sua solidez, funcionalidade e escala arquitetónica através da adoção de um forte realismo pragmático evitando diversos exageros de forma desnecessários, *"O Museu na sua estrutura linear, torna-se um muro de contenção habitado, reduzindo assim o impacto objetivo (físico) e subjetivo (subconsciente coletivo) na posição monumental do Palácio Real."*³⁶

36 ALVAREZ, Emilio Tuñón; MANSILLA, Luis M., (39) ROYAL COLLECTIONS MUSEUM. 2000-..., MANSILLA+TUÑÓN ARCHITECTS, disponível em: <<http://mansilla-tunon-architects.blogspot.com/2011/10/39-royal-collections-museum-2000.html>>, acesso em: 20 set. 2018. Trad. livre do autor: *"The Museum, in its linear structure becomes an inhabited retaining wall, thus reducing the objective (physical) and subjective (collective subconscious) impact on the monumental plinth of the Royal Palace."*

A sua estrutura linear segue as linhas do Palácio Real, assume grande importância nos diversos espaços do museu, através da repetição de um conjunto de pórticos de betão branco, nos quais a marcação da estrutura é clara e repetitiva, permitindo a qualificação do espaço, *"a estrutura, a iluminação, as vistas e o espaço esfumaçam suas fronteiras e intercambiam seus atributos tornando o conjunto uma peça única."*³⁷

O museu encontra-se ladeado por restos da muralha árabe a nascente, inseridas dentro do edifício, pelo qual é possível visitá-las e possui uma grande estrutura de pilares maciços de granito a poente, que pelas suas disposições permitem vistas sobre os jardins da cidade.

No seu piso superior, à cota da praça de La Almudena, o edifício funciona como uma extensão e miradouro da praça. Desta forma, permite uma vista desimpedida e sobressai apenas na lateral da Catedral de la Almudena. Depois organiza-se em quatro pisos que descem a encosta, até à sua base. Há ainda alguns acessos pela fachada feitos através de rampas.

No seu interior é adotada uma postura contemporânea, através de uma tipologia linear com um percurso descendente (do topo até à base da colina), algo muito característico nos diversos museus urbanos atuais. Deste modo, permite-se um fácil trajeto por todas as coleções, existindo depois outros pequenos percursos complementares para algumas coleções ou peças que necessitem de um carácter mais autónomo e privado.

Cada grande espaço funciona como um armazém de cento e cinquenta por vinte metros.

O seu atributo impositivo e claro na paisagem só é possível pelo uso de materialidades leves e pesadas em simultâneo, estabelecendo uma relação com o Palácio Real através da utilização dos mesmos materiais, numa nova tipologia

(página seguinte)

à esquerda, de cima para baixo:

Fig. 61 | Planta do piso da cota de acesso superior. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

Fig. 62 | Planta da sala das carruagens. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

Fig. 63 | Alçado oeste. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

Fig. 64 | Interior do átrio de entrada. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

à direita, de cima para baixo:

Fig. 65 | Planta da Sala de Tapetes e do sítio das muralhas árabes. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

Fig. 66 | Corte transversal. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

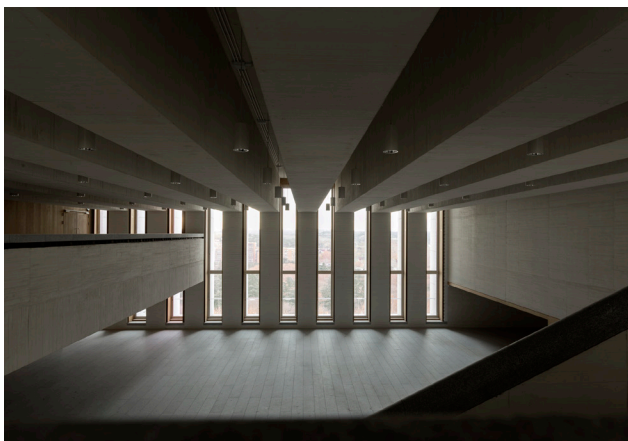
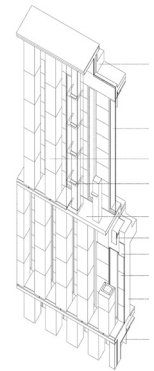
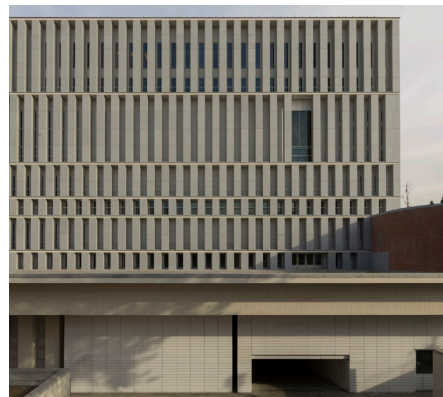
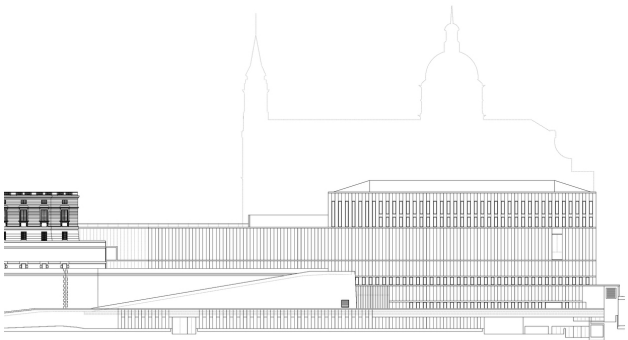
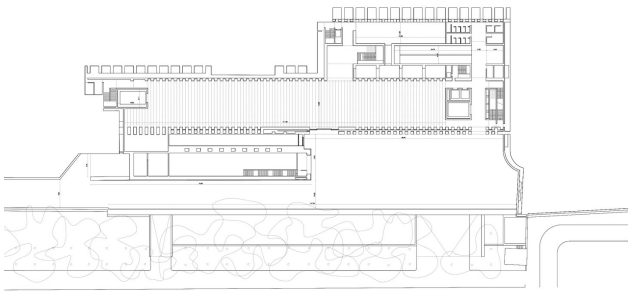
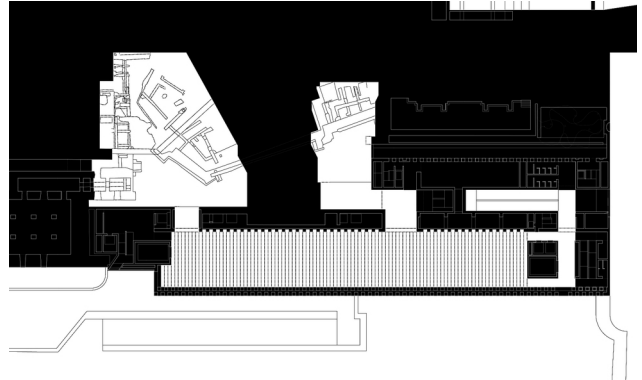
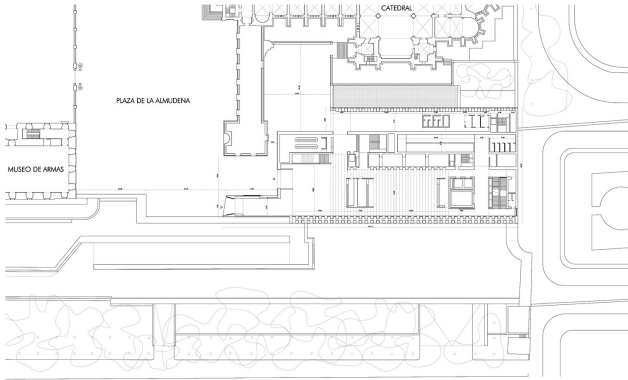
Fig. 67 | Alçado oeste. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

Fig. 68 | Detalhe construtivo da fachada oeste. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

Fig. 69 | Sala da muralha árabe. Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.

37 SBEGHEN, Camilla, *Museu das Coleções Reais / Mansilla + Tuñón Arquitectos*, ArchDaily, disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos>>, acesso em: 26 set. 2018.

CENTRO CRIATIVO POLIVALENTE NA ENCOSTA POENTE DA COLINA DE SANTANA
E SUA INTEGRAÇÃO NO SISTEMA DE ESPAÇO COLETIVO



que consegue ser leve e pesada, opaca e transparente, *"O Museu das Coleções Reais é um pedestal para o palácio visto de fora; uma moldura para as vistas dos jardins e para as características interiores do edifício. As coisas mais importantes já existem; O nosso trabalho é torná-las visíveis"*.³⁸

Este projeto apresenta-se como um importante caso de estudo a ter conta, desde logo, pela sua localização, pelas suas condições topográficas, pela forma como os vários conceitos foram aplicados, pela forma de integração de um edifício contemporâneo num local com uma grande linha de tempo, pela imagem e o desenho das fachadas na sua relação com a envolvente e pelo uso da estrutura como um elemento qualificador do projeto.

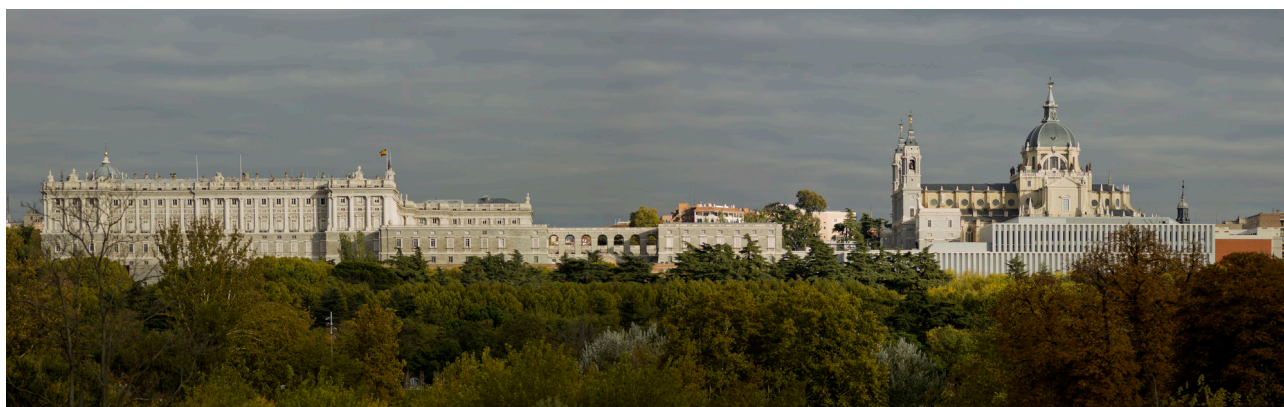


Fig. 70 | Panorâmica da colina do Museu das Coleções Reais de Madrid, Mansilla + Tuñón Arquitectos, 2015.
À esquerda o Palácio Real e à direita a Catedral de la Almudena

38 ALVAREZ, Emilio Tuñón; MANSILLA, Luis M., (39) ROYAL COLLECTIONS MUSEUM. 2000-..., MANSILLA+TUÑÓN ARCHITECTS, disponível em: <<http://mansilla-tunon-architects.blogspot.com/2011/10/39-royal-collections-museum-2000.html>>, Trad. livre do autor: *"The Royal Collections Museum is a plinth for the Palace from the outside; a frame for views of the gardens and the interior features from the inside. The most important things already exist; our job is to make them visible."*



Fig. 71 | Panorâmica para o Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

7.3 | PARLIAMENT OF VICTORIA MEMBERS' ANNEXE

MELBOURNE, AUSTRÁLIA - 2018

O Parlamento de Victoria localiza-se na cidade de Melbourne, Austrália e recentemente sofreu obras de acrescimento, terminando os trabalhos em 2018.

O projeto elaborado pelo arquiteto Peter Elliot surgiu da necessidade de ampliação de escritórios que o antigo edifício não conseguia suportar, ficando a arquitetura paisagista a cargo do atelier Taylor Cullity Lethlean.

O edifício principal de estilo arquitetônico neoclássico foi contruído em 1855. No ano de 1856 são concluídos os jardins que circundavam a Casa do Parlamento, no entanto, o projeto nunca foi completamente acabado, como se pode observar pelas fachadas laterais e traseiras.

O novo edifício foi projetado como um elemento autónomo e separado do Parlamento, localizado nos jardins a oriente do antigo edifício e ligado a este por meio de uma ponte, túnel e conexões viárias. O novo projeto tinha como principal objetivo não criar linhas de ruturas nos espaços verdes, daí a totalidade da sua área construída ser composta por coberturas verdes e jardins, como referido Perry Lethleand da T.C.L., *"A abordagem do desenho paisagista serviu para suavizar os limites do novo edifício e criar um limite dinâmico de jardins entre o novo e o antigo"*.³⁹

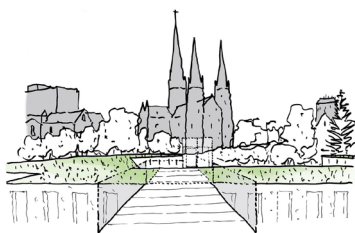


Fig. 72 | Desenho das vistas para a Catedral de São Patrício. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

O desenho do projeto é influenciado através da tentativa de manter árvores já existentes, daí assumir uma forma de pinça de três lados irregulares que se abrem para este no eixo com a Catedral de São Patrício, havendo apenas a fachada a oeste alinhada com o Parlamento.

39 CHENG, Linda, *New Victorian parliament offices embraced by landscape*, ArchitectureAU, disponível em: <<https://architectureau.com/articles/new-victorian-parliament-offices-embraced-by-landscape/>>, acesso em: 15 set. 2018. Trad. livre do autor: *"The landscape design approach was to soften the edges of the new building and create a dynamic garden threshold between the new and the old,"*

O projeto foi parcialmente enterrado no solo para proteger as vistas e integrá-lo com a sua envolvente, estabelecendo fortes relações visuais para o jardim, para a Catedral de S. Patrício, Igreja de S. Pedro e para a antiga fachada este do Parlamento que assume o seu lugar de imponência permanecendo fiel à sua visão original.

Através da forma do novo edifício composto por dois pisos é criado um pátio, assumindo a forma de um claustro de quatro lados irregulares, permitindo a entrada de luz natural para o interior, proporcionando alguma privacidade, criando um novo ambiente de relações entre as pessoas e permitindo que este se integre no jardim envolvente como um grande espaço fluente. No pátio os dois pisos encontram-se ao descoberto nas fachadas viradas para o exterior existe um piso parcialmente enterrado.

Este novo jardim proporciona uma nova biodiversidade dentro do contexto urbano onde se insere, funciona também como isolamento térmico para o edifício e cria espaços icónicos de contemplação e eventos.

Na cobertura verde do novo edifício é introduzida uma referência aos prados australianos, com um percurso por toda a cobertura do edifício. E através deste caminho, com os diversos arbustos nativos, gramíneas e flores silvestres que se proporciona uma forte e nova imagem da relação entre o edifício novo e o do século XIX.

Quanto ao desenho de fachadas, foram adotadas duas linguagens distintas, como refere o arquiteto Peter Elliot, *"Uma [das linguagens] é uma parede exterior com um muro de basalto situada nos jardins existentes; a outra é uma grelha formal de janelas de escritórios envolvendo o pátio central."*⁴⁰

40 The new garden that is transforming Victoria's Parliament House, Architecture and Design, disponível em: <<https://www.architectureanddesign.com.au/news/the-new-garden-that-is-transforming-victoria-s-par>>, acesso em: 15 set. 2018. Trad. livre do autor: *"One [of these languages] is a ramparted bluestone outer wall nestled into the existing gardens, the other a more formal grid of office windows wrapping the central courtyard."*

(página seguinte)

à esquerda, de cima para baixo:

Fig. 73 | Planta do piso térreo. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

Fig. 74 | Corte transversal. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

Fig. 75 | Espaço de estar interior e corredor de acesso aos escritórios. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

Fig. 76 | Pátio exterior. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

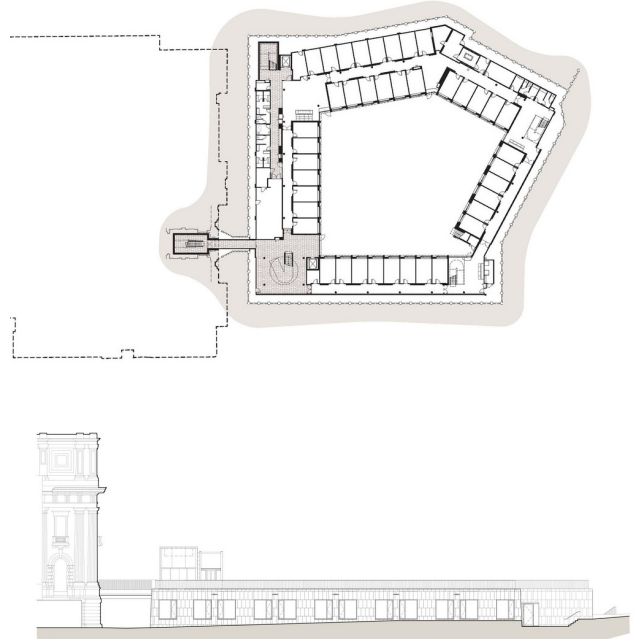
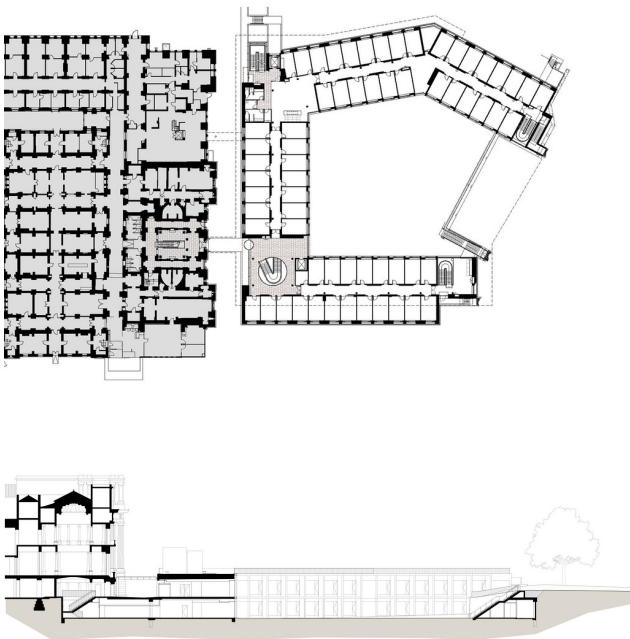
à direita, de cima para baixo:

Fig. 77 | Planta do piso -1. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

Fig. 78 | Alçado sul. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

Fig. 79 | Espaço exterior entre o novo e o antigo edifício ao fundo a ligação através de uma ponte. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.

Fig. 80 | Cobertura verde com passadiço. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.



Por último, através das coberturas verdes o edifício tem um bom impacto ambiental. No seu interior os escritórios são organizados em pequenas divisões, com a mesma métrica, separados por salas de reuniões, permitindo assim que não haja um excesso de escritórios em qualquer uma das quatro alas. Quanto aos acessos estes foram localizados nos quatro cantos do projeto para maximizar o aproveitamento e a conexão do espaço.

Pelos vários conceitos que este projeto apresentou nomeadamente na relação entre dois tempos, no posicionamento no interior da cidade, da relação do jardim com o edifício e com a envolvente, das coberturas ajardinadas, da materialidade, do seu programa funcional e das suas relações entre pontos de vistas, este projeto é uma boa referência para as várias premissas que possam surgir.

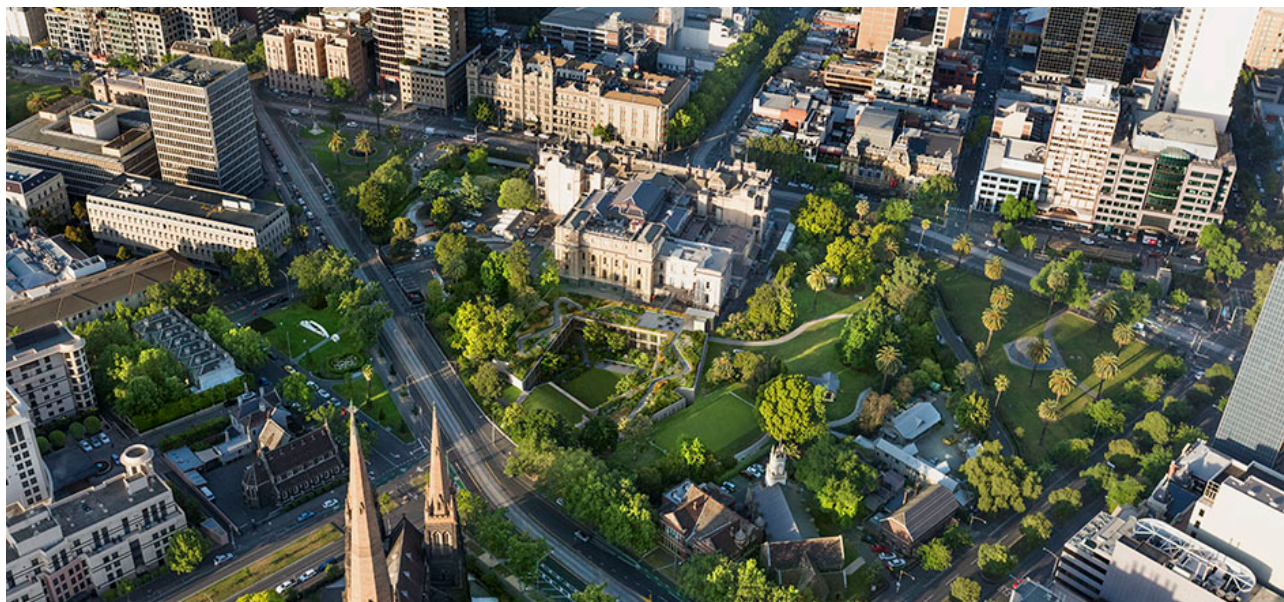


Fig. 81 | Vista aérea. Parliament of Victoria Members' Annexe, Peter Elliot, 2018.



Fig. 82 | Cobertura e envolvente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

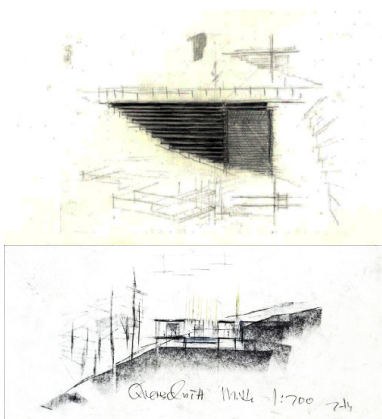


Fig. 83 | Esboços de estudo na relação com a encosta. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

7.4 | TERMAS DE VALS

VALS, SUIÇA - 1996

O edifício das termas de Vals é um dos projetos mais conhecidos e reconhecidos a nível mundial, foi projetado em 1996 pelo arquiteto Peter Zumthor na localidade de Therme na Suíça. Edificado sobre as fontes de águas termais o edifício serve como espaço de SPA/saunas e está integrado num complexo de alojamento temporário.

Um dos principais conceitos que Peter Zumthor aplicou nas termas foi a criação de uma estrutura em forma de caverna ou pedra inserida na colina, como o arquiteto refere, *"...criar um edifício, uma estrutura na encosta com uma atitude arquitetónica e uma aura mais antiga do que qualquer coisa já construída, construindo um edifício que poderia ter sempre lá estado, um edifício que se relaciona com a topografia e a geologia do local, que responde às massas de pedra do Vale de Vals, comprimidas, com falhas, dobradas e às vezes em pedaços."*⁴¹

Desta forma, parte do edifício encontra-se enterrado na colina e outra parte sobressai desta, constituindo uma forte combinação topográfica auxiliada pelas coberturas verdes, que por sua vez, permitem uma continuação do plano inclinado verde da encosta. O acesso para as termas é feito através de um túnel a partir do hotel que funciona como uma transição entre os dois espaços, de modo que, os visitantes se mostrem mais consciencializado da experiência arquitetónica.

Outros dos aspetos bastante presentes no projeto das termas são as várias combinações entre a luz e a sombra, espaços abertos e fechados e elementos lineares que permitem criar em todo o espaço uma forte experiência sensitiva muito importante neste tipo de edifícios.

41 HAUSER, Sigrid; ZUMTHOR, Peter, **Peter Zumthor: Therme Vals**, Zurique: Verlag Scheidegger und Spiess, 2007, p. 23. Trad. livre do autor: *"creating a building, a structure set into the slope with an architectural attitude and aura older than anything already built around it, inventing a building that could somehow always have been there, a building that relates to the topography and geology of the location, that responds to the stone masses of Vals Valley, pressed, faulted, folded and sometimes broken into thousands of plates"*

A luz assume-se como um dos principais agentes qualificadores do espaço através das técnicas criadas, como os rasgos zenitais definidos pelos vários elementos interiores que estão escavados e estrategicamente posicionados com outros elementos modelares. Embora os rasgos possuam espessuras mínimas (6cm) o grande objetivo dos mesmos é permitir que a luz ao entrar dentro do edifício deslize pelas paredes interiores evidenciando os vários aspetos do seu revestimento em pedra, ao invés de trazerem grandes quantidades de iluminação.

As fachadas são constituídas por uma alternância de cheios e vazios que apontam os métodos construtivos do edifício e permitem uma visão controlada, num jogo de vistas impedidas e desimpedidas para o exterior. Os vãos são um conjunto de paralelepípedos simples, mas todos diferentes entre si e dos mais variados tamanhos. É através destes, que a sensação de interior da caverna se torna evidente, pois são a única conexão com o exterior.

A cobertura não é um elemento contínuo, apresentando vários rasgos, num jogo tridimensional entre a laje de piso, a laje de cobertura e os elementos verticais, numa máxima relação com a encosta da colina, *"Escavar a montanha é a ideia original do edifício. Tu podes fazer um sistema de cavernas na montanha e elas permanecerão em blocos ou bases ou algo assim. Tu podes fazer isso horizontalmente, como fizemos, e as cavernas são escavadas pela abertura, na encosta da montanha. (...) E depois tu crias os elementos que faltam, elementos surpreendentes como a estrutura, janelas enormes, luz e assim por diante..."*. Aliás, todo o projeto é assumido através de uma técnica ordenada, por uma estrutura arquitetónica que evita assim uma forma mais naturalista" ⁴²

42 Excerto de entrevista feita a Peter Zumthor inserida na revista SPIER, Steven, Place, authorship and the concrete: three conversations with Peter Zumthor, ARQ - Architectural Research Quarterly, vol. 5, n. 1, 2001, p. 33. Tradução livre do autor: "Carving into the mountains is the original image of this building. You can make a system of caverns in the mountain and they'll remain blocks or plinths or something. You can do this horizontally as we did, and the caverns are hollowed out to the open, to the slope side of the mountain (...) and then you'd lack elements, surprising elements like tension, huge windows, light, and so on"

(página seguinte)

à esquerda, de cima para baixo:

Fig. 84 | Planta piso 0. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 85 | Corte longitudinal A. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 86 | Corte longitudinal C. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 87 | Fachada nascente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 88 | Fachada nascente e norte. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

à direita, de cima para baixo:

Fig. 89 | Planta piso -2. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 90 | Corte transversal E. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

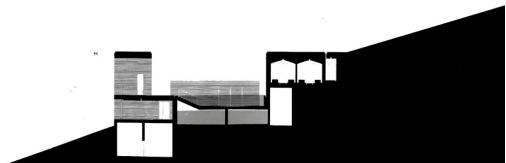
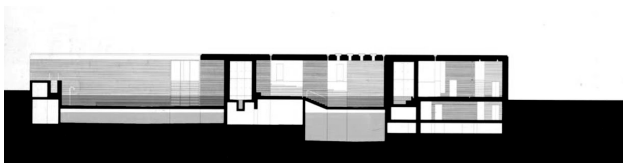
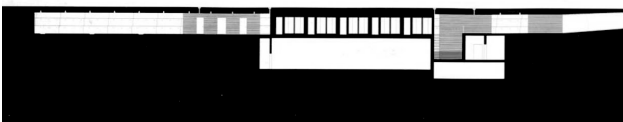
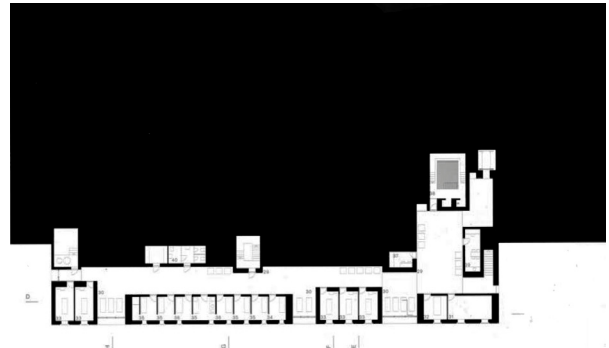
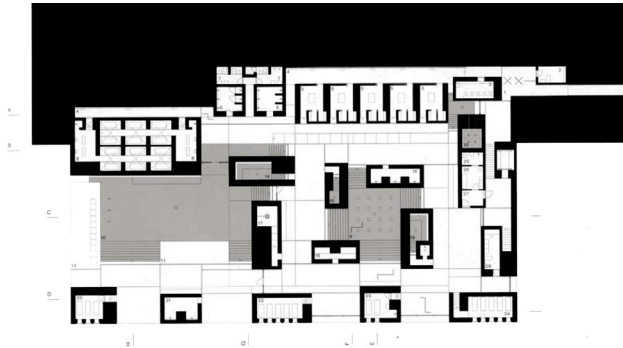
Fig. 91 | Corte transversal H. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 92 | Cobertura e vista para a envolvente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

Fig. 93 | Interior com vista para o exterior. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996

Fig. 94 | Detalhe da entrada de luz zenital. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

CENTRO CRIATIVO POLIVALENTE NA ENCOSTA POENTE DA COLINA DE SANTANA
E SUA INTEGRAÇÃO NO SISTEMA DE ESPAÇO COLETIVO



Quanto à materialidade, o edifício é constituído por camadas de quartzito da região, que foram utilizados em grande escala em todo o projeto, Peter Zumthor refere as três linhas que guiaram todo o seu processo na escola dos diferentes materiais *"Montanha, pedra, água - construindo na pedra, construindo com a pedra, dentro da montanha, fora da montanha, estando dentro da montanha..."*⁴³

As termas de Vals apresentam-se como um caso de referência a considerar desde logo pela sua relação entre o projeto e o sítio em encosta onde se insere, a sua materialidade, as suas relações de espaço interior e exterior, as formas de iluminação zenital e os conceitos aplicados no desenho da fachada.



Fig. 95 | Panorâmica da envolvente. Termas de Vals, Peter Zumthor, 1996.

⁴³ The Therme Vals / Peter Zumthor, ArchDaily, disponível em: <<https://www.archdaily.com/13358/the-therme-vals>>, acesso em: 20 set. 2018. Tradução livre do autor: *"Mountain, stone, water – building in the stone, building with the stone, into the mountain, building out of the mountain, being inside the mountain"*

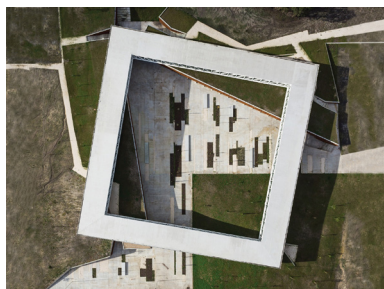


Fig. 96 | Vista aérea. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

7.5 | PARQUE TECNOLÓGICO DE ÓBIDOS

ÓBIDOS, PORTUGAL - 2014

A partir do lançamento de um concurso internacional de arquitetura elaborado pela Associação Óbidos Ciência e Tecnologia – OBITEC em parceria com Câmara Municipal de Óbidos em 2010, localizado na periferia da vila de Óbidos, numa zona agrícola, é proposta a criação de um Parque Tecnológico, destinado ao acolhimento de várias empresas criativas, do tipo "start-up" e "cowork", em que deveria haver uma praça central.

O projeto vencedor realizado pelo arquiteto Jorge Mealha, tinha como estratégia principal: o aumento da área verde, revertendo o processo de pavimentação quase aleatória e muito irregular destes sítios agrícolas e a possibilidade de recriar um sítio onde a paisagem assumia o papel principal e determinante no espaço. Como referido pelo arquiteto, "*mais que num edifício, foi fazer um lugar*"⁴⁴.

O conceito do projeto baseia-se na procura de novos espaços públicos alternativos, através do conceito de "Terreiros", pequenas praças que existem em várias cidades de Portugal, onde o espaço e as relações e convivência assumem mais importância do que a geometria, ao contrário das grandes praças das cidades

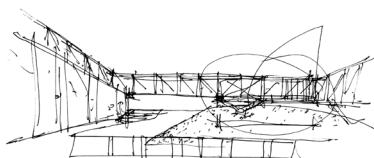


Fig. 97 | Esboço de estudo. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Mantendo as bases do proposto pelo concurso, o projeto assume uma relação bastante fluída com a sua envolvente e funciona como complemento da paisagem. Através da pesquisa relacionada com as características que se encontram nos terrenos envolventes, como as quintas, mosteiros e conventos, concluiu-se que estes apresentam uma grande marca e presença na imagem do território. Da mesma forma o projeto procura marcar a sua presença e imponência na paisagem, numa fina linha horizontal como se uma parede longa e contínua se tratasse.

44 Arquitetura da ilusão em Óbidos candidata ao prémio Mies van der Rohe 2015, Jornal i, 27 de Jan. de 2015, disponível em: <<https://ionline.sapo.pt/268786>>, acesso em: 18 ago. 2018.

Outro dos conceitos mais marcados no projeto está relacionado com os claustros dos conventos e pela forte relação visual e de comunicação destes, sendo características indispensáveis para as estruturas de empresas "start-up" e criativas.

No exterior, onde se encontra a "praça", parte do seu terreno é pavimentado, com vários pontos que permitam a permeabilidade do solo, rodeado por duas longas paredes que sustentam o monte de terra que foi criado a sudeste e onde se insere todo o programa térreo do projeto. Por cima, surge um *claustro* em forma de quadrado, como refere Jorge Mealha, "*um objecto geométrico puro, que parece flutuar no terreno assente em betão, não disfarçado*" ⁴⁵, criando uma praça vazia enorme, em que o edifício apenas se encontra apoiado por seis pontos delimitando o espaço e as relações visuais entre o interior e exterior da praça.

A ideia de criar uma parte enterrada surgiu com o intuito de aumentar as superfícies verdes no terreno, diminuir a necessidade de gastos energéticos e a criação de uma colina. Aqui encontram-se todos os espaços comuns, de apoio, salas de reuniões, sala multifuncional, sala "coworking", restaurante, auditório, lojas e áreas técnicas. No "*claustro flutuante*" ⁴⁶ de dois mil metros quadrados é onde estão inseridos todos os espaços de escritórios e alguns laboratórios. Nestes espaços o projeto apresenta uma estrutura modular que se adapta conforme as necessidades de divisão do espaço através de painéis.

Em relação à materialidade, no piso térreo, o vidro, o aço e o betão assumem-se como os elementos principais. No interior, as paredes são de betão com alguns detalhes em madeira (painéis) e elementos pintados a preto, como mesas, tetos falsos e escadas. O exterior é composto pelo vidro das janelas (vidro térmico duplo de caixilho de alumínio), betão e aço corten oxidado em algumas paredes.

45 Ibid.

46 DELAQUA, Victor, **Parque Tecnológico em Óbidos**, ArchDaily, disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-bidos-jorge-mealha>>, acesso em: 14 ago. 2018.

(página seguinte)

à esquerda, de cima para baixo:

Fig. 98 | Planta piso térreo. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 99 | Corte transversal A. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 100 | Corte transversal B. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 101 | Praça com vista para o "*claustro flutuante*". Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 102 | Jardim com declives criados. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

à direita, de cima para baixo:

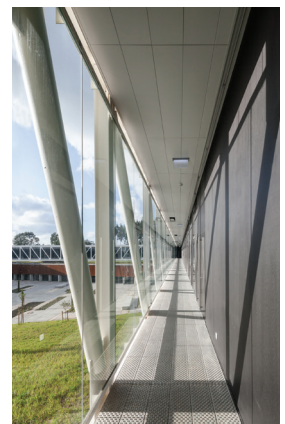
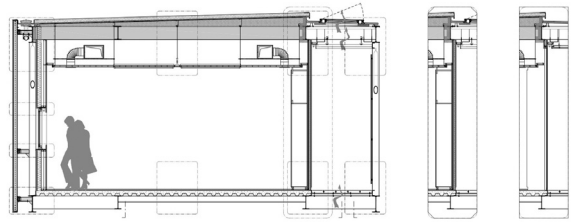
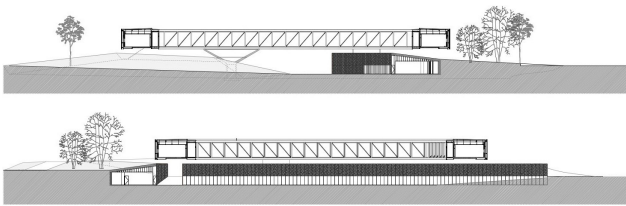
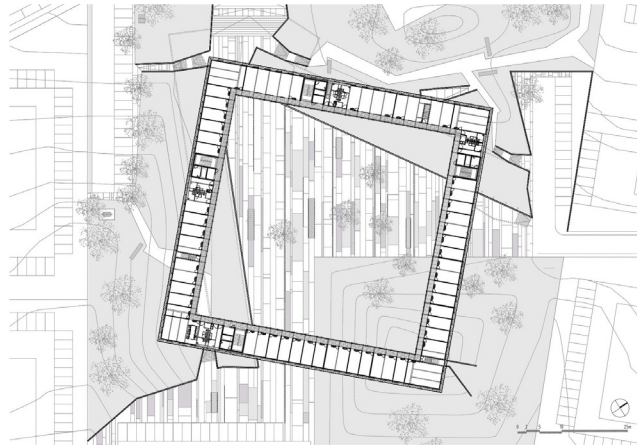
Fig. 103 | Planta piso 3. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 104 | Detalhe construtivo de compartimento de escritório. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 105 | Interior do compartimento de escritório. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 106 | Várias materialidade presentes. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

Fig. 107 | Corredor de acesso aos escritórios e relação de vistas. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.



No piso quadrangular suspenso existe uma circulação interior que é naturalmente ventilada e protegida por uma grande superfície em vidro, composta por vários módulos de escritórios em que as paredes exteriores são constituídas por painéis isolantes e as paredes que os dividem constituídas por painéis leves em gesso. O teto falso é feito por folhas de alumínio e a fachada exterior constituída por uma unidade de andaimes de aço perfurado branco vernizado, que permitem uma visão translúcida e transparente para o exterior. Os núcleos de acessos encontram-se dentro da métrica dos módulos em vários pontos do “claustro” e permitem a ligação com o piso térreo através de escadas e elevadores. Existem ainda outros pontos de acesso menores que servem como escadas de emergência com comunicação direta ao exterior.

Quanto aos módulos dos escritórios, estes dividem-se por vários tipos: direcionados para ateliers, pequenas empresas ou “start-up” com módulos de 20m²; segundo tipo de módulos por 30, 40, 50, 60, 80, 90, 100 e 120 m² em que o seu interior é livre com apenas um armário junto da porta de entrada.

Muito dos conceitos que o arquiteto apresenta sobre as questões do “claustro”, da convivência de espaços para empresas criativas, questões programáticas, a diversidade e dimensionamento dos diferentes módulos de compartimentação, os pontos de acesso, o estudo das fechadas e da sua relação com o exterior, fazem parte dos principais critérios de escolha deste projeto como um dos casos de estudo.



Fig. 108 | Vista da envolvente. Parque Tecnológico de Óbidos, Jorge Mealha, 2014.

8 | SÍNTESE

A escolha de cada um dos caso de estudo permitiu que se conseguisse estudar diversas formas de resposta entre as suas componentes teóricas e práticas, partindo dos vários conceitos, hipóteses e soluções que os mesmos apresentaram até chegar ao seu resultado final.

A encosta da colina de Santana apresenta vários aspetos a reter, desde logo, a partir dos vários espaços expectantes pontuados pela encosta, estes possuem uma forte relação com a envolvente e um enorme destaque para a imagem da cidade. São locais que se apresentam como pontos estratégicos de contemplação da cidade, um aspeto indispensável ao pensamento de projeto.

Cada projeto escolhido apresenta as suas particularidades, e a partir da análise dos mesmos, é possível retirar as várias respostas e aplicá-las como forma de amostras para auxiliar uma resposta mais coesa e interessante da proposta do projeto final.

Os conceitos a abordar tiveram como base vários parâmetros, desde logo a relação entre o construído e o local onde se insere, neste caso, as encostas e a cidade. Tanto no caso do Museu das Coleções como do Parlamento de Victoria ambos localizam-se no centro da cidade; por sua vez, as Termas de Vals e o Parque Tecnológico de Óbidos situam-se fora do meio urbano, numa zona amplamente rural.

Nas Termas há um verdadeiro perfurar da encosta, um confronto entre o volume que emerge do interior da mesma; no caso de Madrid, o edifício, surge como uma frente nova de encosta, que percorre todo o declive desde a base ao topo da colina. No primeiro caso várias são as abordagens de aproveitamento dessa perfuração, como a dinâmica de volumes e as entradas de luz zenitais; no segundo caso é a fachada que toma o destaque principal, ficando as coberturas em segundo plano.

Se por um lado o Parlamento de Vitoria e o Museu das Coleções Reais estão inseridos junto de edifícios de um tempo já distante e conseguem através da sua materialidade, estrutura e forma, manter fortes relações com os antepassados, por outro as Termas de Vals e o Parque Tecnológico de Óbidos, inseridos em meios não urbanos, estabelecem uma diferente relação com a ampla paisagem rural e natural.

Em todos os projetos está bem presente a interação entre o interior/exterior e de vistas. Os interiores mais controlados que permitem dignificar os espaços e permitir vistas suavizadas para o exterior, recorrendo muitas vezes a diferentes técnicas de desenho de fachadas. Todos os projetos apresentam bastantes relações entre a materialidade, estrutura, a envolvente e o programa funcional.

A nível programático o Parque Tecnológico de Óbidos é uma das melhores referências no que diz respeito à organização do espaço e dos conceitos nele aplicados. Também o Parlamento de Vitoria destaca estas questões, ficando-se na máxima vivência e interação do espaço.

Assim, nesta multiplicidade de respostas que se complementam entre si, será possível compreender a proposta urbana e arquitetónica, auxiliando o seu desenvolvimento em todo o seu contexto de sítio, forma, programa e material, e deste modo, uma melhor resposta no habitar a encosta.

9 | A PROPOSTA

9.1 | TERRITÓRIO

A partir da análise da colina de Santana através da sua evolução e modos de ocupação, foi possível entender vários aspetos interessantes da evolução morfológica daquele espaço. Através disso percebeu-se a origem de alguns dos espaços abertos que se pontuam pela colina e de como estes podem ser grandes proporcionadores de uma eficiente requalificação urbana.

Denominados espaços expectantes, “... áreas urbanas cuja evidência de «vazio» decorre de algum tipo de ausência, sobretudo quando confrontadas com a matriz ou matrizes sócio-urbanas da cidade em que se inserem. São áreas que, por alguma razão, desde sempre permaneceram sem propósito e sem vida própria, ou são áreas que, por qualquer outra razão, deixaram de ter propósito ou vida próprias. Existem residuais - latentes ou expectantes - na sua inconsequência”⁴⁷, o projeto assume-se num sítio onde este conceito pode ser aplicado, localizado na encosta a poente da colina de Santana, numa zona que permanece perdida pelo tempo, rodeada por quarteirões edificados, desconexa da cidade, que embora esquecida, está bastante presente na imagem da cidade, nomeadamente a partir do Miradouro de S. Pedro de Alcântara, que possui uma vista privilegiada para este lugar.

Fig. 109 | Vista panorâmica do sítio da proposta na encosta a poente da colina de Santana, 2018.



47 DAVID, Ana (coord.), *Vazios urbanos/Urban voids*, Lisboa: Caleidoscópio, 2007, p. 21.

Localizado no centro histórico da cidade de Lisboa, este local pertencia a cercas de conventos, nomeadamente do Convento da Encarnação e do Convento de Sant'Ana, e da cerca do palácio dos Condes de Povolide. Devido às características da sua topografia era usado como terreno de cultivo e jardins, não tendo atualmente qualquer uso e aproveitamento.

Encontra-se numa posição estratégica e privilegiada da cidade e é delimitado a sul (junto da linha de vale) por edifícios de habitação, pelo Palácio Rio Maior, pelo Ateneu Comercial de Lisboa e pelo Coliseu dos Recreios situados na rua das Portas de Santo Antão; a nascente possui edifícios de habitação alojados na majestosa escadaria do beco de S. Luís da Pena, próximo do Convento da Encarnação e do traçado antigo da Cerca Fernandina de Lisboa; a norte (junto da linha de cumeeira) é limitado por edifícios de habitação do bairro da Pena, incluindo a vila operária Serra Fernandes, a igreja da Pena, o hotel Torel Palace e a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa; e a poente a calçada do Lavra com o seu ascensor histórico e edifícios de habitação.

É através desta delimitação que o espaço permanece contido, onde não há qualquer ligação com as ruas envolventes, pois ou se encontram edificadas ou com muros de suporte que não permitem a sua ligação direta.

Apresenta dois aspetos topográficos bastantes distintos, um deles menos acentuado com vegetação de várias espécies e alturas que evidenciam um passado remoto aos jardins, pertencentes ao Palácio dos Condes de Povolide (atual Ateneu Comercial de Lisboa) e um segundo com um declive bastante acentuado, resultado das modelações para a construção do Coliseu dos Recreios, com uma vegetação rasteira e sem qualquer controlo ou manutenção.



Fig. 110 | Vila operária Serra Fernandes, ao fundo o miradouro, 2018.



Fig. 111 | Vegetação do terreno, muros de delimitação presentes, 2018.
À esquerda edifícios do beco de São Luís da Pena e Convento da Encarnação.



Fig. 112 | Rua Câmara Pestana, 2018.
À esquerda Faculdade de Ciências Médicas da U. Nova de Lisboa, ao centro entrada para o Torel Palace e à esquerda estação do ascensor do Lavra.

O sítio apresenta ainda bastantes elementos históricos do seu uso e delimitações. Há a presença de muro de suportes degradados que delimitam as propriedades, de várias escadas rudimentares de pequena escala que venciam o declive topográfico, instalações de um antigo complexo de piscinas e campo de futebol, pertencentes ao Ateneu Comercial de Lisboa, e de um jardim abandonado virado para a calçada de Santana de pertença ao palacete localizado a norte.

Toda esta envolvente é importante na caracterização do espaço e nas possíveis integrações do mesmo para a revitalização daquele território. Várias são as intervenções a decorrer nas proximidades, tais como: a reconversão do Palácio Rio Maior em hotel, a construção de novos edifícios pertencentes ao Torel Palace; ou a proposta futura da possível transformação do Ateneu Comercial de Lisboa em unidade hoteleira.

Em suma, todas estes aspetos do território e da sua envolvente são importantes para as diferentes medidas a tomar na concretização da proposta urbana e arquitetónica de forma a potencializar as respostas às questões apresentadas.

Fig. 113 | Vista aérea do sítio da intervenção da proposta (delimitado a amarelo), 2018.



9.2 | CONCEITO

O equipamento que poderá ser o motor renegador deste espaço expectante na colina de Santana pretende integrar este local com a cidade e aproveitar ao máximo as suas qualidades e características urbanas, promovendo uma nova vivência na encosta.

A proposta apresenta como principal linha conceptual o habitar do espaço enquanto acidente topográfico. Procura-se assumir o declive na relação com os diversos volumes da proposta arquitetónica, permitindo preservar vários pontos de vista sobre a cidade e a criação de vários percursos pela encosta numa constante relação entre o edificado e a topografia, preservando parte da sua configuração, vegetação e altimetria.

Outra das linhas conceptuais consiste no estabelecer ligações com a envolvente e consequentemente com a cidade, tirando partido da preexistência do sítio e das suas condições. Há a intenção de criar um ponto de abertura no quarteirão que rodeia o terreno, como local estratégico de contemplação e entrada.



Fig. 114 | Esquema conceptual.

Legenda:

Tracejado vermelho - ligações/percursos entre as envolventes
Verde - encosta em declive
Castanho - socos
Cinza Escuro - edifícios a intervir

A memória do espaço, que até então se encontrava opaca à cidade, volta a tomar novas formas através do aproveitamento de construções existentes e da criação de espaços e infraestruturas que relembrem os usos do passado.

A proposta arquitetônica tem por base a máxima convivência e tentativa de interação dos utilizadores nos diversos espaços, fundamentais em locais de empresas e espaços de trabalho criativos.

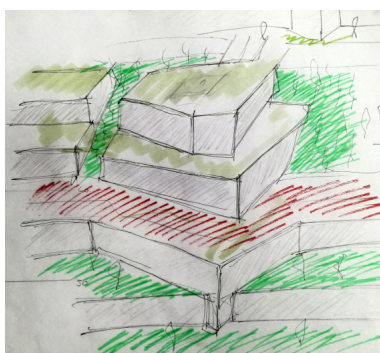
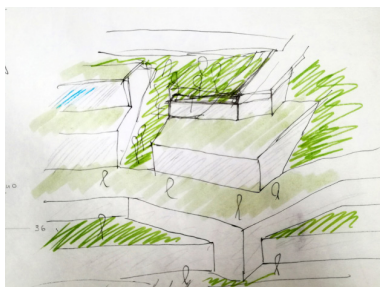


Fig. 115 | Desenhos conceptuais.

Como se pode observar a partir da análise dos casos de estudo, nomeadamente os realizados em encostas, estes assumiram sempre uma constante analogia entre o declive, a forma e o seu programa. Em todos eles a relação entre o exterior e interior estava sempre implícita e clara, era a própria forma e estrutura do edifício que controlavam e definiam as vistas possíveis a partir do interior dos volumes.

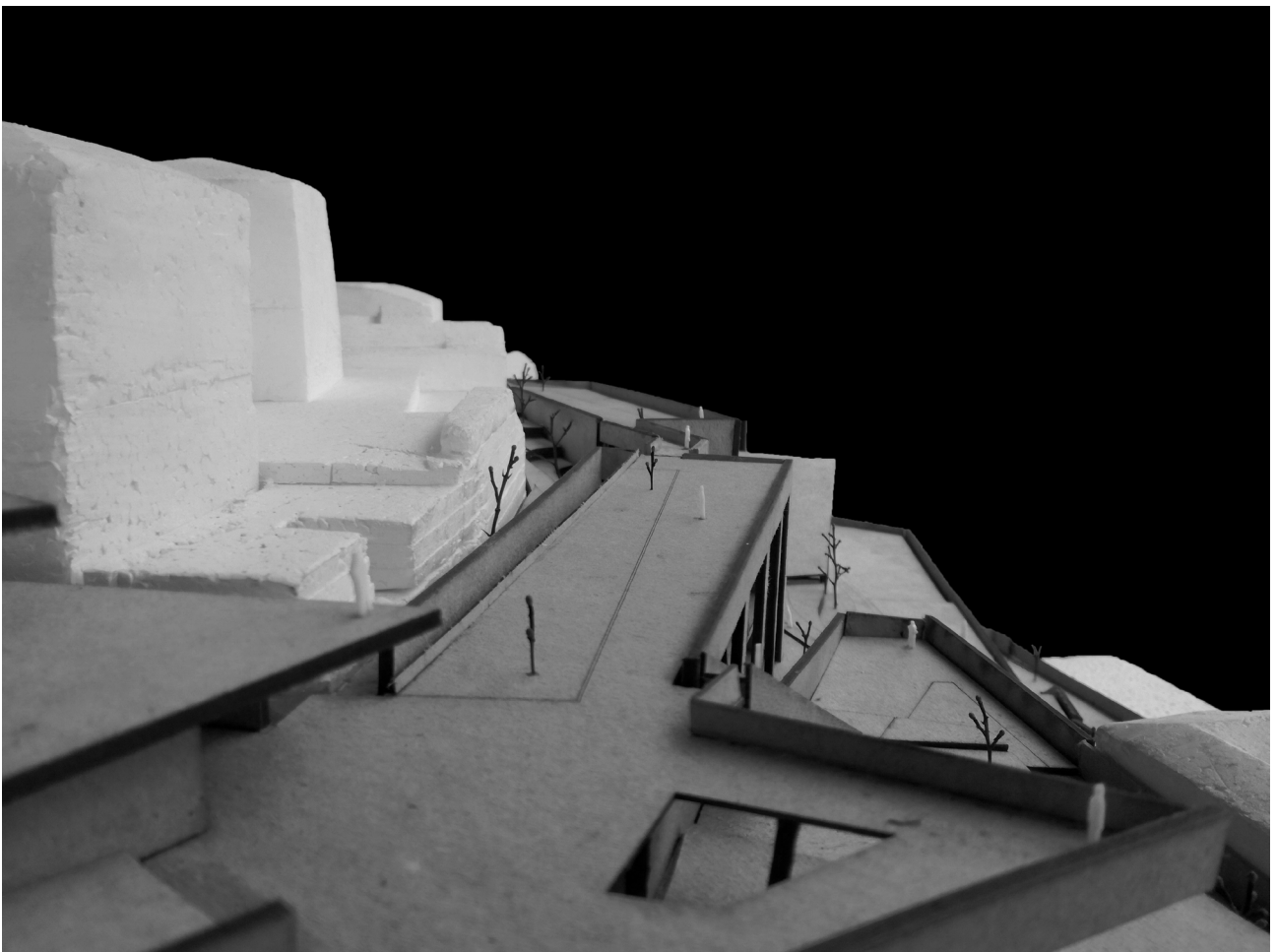
Tendo em conta a envolvente e principalmente as orientações e direções do edificado a poente da colina de Santana, os volumes emergem da encosta, numa posição inferior da cota mais alta da envolvente, assumindo assim uma posição de proteção de vistas. Os volumes apresentam direções e formas que seguem orientações bastante presentes e marcadas no lugar, possuindo pontos de rutura de onde emerge a colina e a vegetação.

As direções e linhas tomadas pela forma, como que emergem a partir de um ponto de fuga distante do interior da colina e abrem-se para a cidade. Também assim funcionam os vários acessos de escadas e rampas, em que à medida que se desce estes vão se abrindo, afunilando sempre na sua parte mais alta, permitindo ao utilizador uma sensação de paisagens e vistas muito mais interessantes.

Os vários miradouros assumem-se no local, através das formas desenhadas e funcionam como pontos de referência na contemplação da paisagem. Estes miradouros são oferecidos pelos volumes do próprio edifício e pelos socacos da encosta.

Assim, através de um equipamento que permita as várias formas de interação, permanência, vivência pretende-se a regeneração urbana da colina de Santana e a integração deste espaço nos hábitos e no sistema de espaços coletivos da cidade de Lisboa.

Fig. 116 | Maquete da proposta final.



9.3 | PROGRAMA

A partir do estudo das possibilidades programáticas para este espaço na sua relação com o sítio, o conceito de “cidade criativa”, surge como uma eficaz forma de resposta, *“É uma cidade que consegue reunir em si condições necessárias para o estímulo e a existência de múltiplas actividades criativas, sinergicamente relacionadas e de uma forma continuada e sustentável. (...) É uma plataforma aberta, livre e flexível para a criatividade que se desenvolve, por definição, em paisagens urbanas elaboradas e complexas, preferencialmente cosmopolitas e mistas, como o são as cidades.”*⁴⁸

O programa é destinado à criação de um edifício que albergue pequenas e médias empresas, do género “start-ups”, empresas criativas, com espaços de “coworking”, de trabalho e estudo. Não funcionando única e exclusivamente como incubadora de empresas, este programa pretende ser mais que isso, pretende ser um espaço de convivência, de troca de experiências nas suas diferentes formas e níveis. Além de funcionar como um lugar de escritórios, pretende-se que possa acolher desde um único estudante a um grupo de profissionais para uma conferência.

Pretende-se uma maior afluência e utilização diurna para manter uma utilização noturna mais pacífica, uma vez que o núcleo habitacional ao redor é preponderante.

Outra das características do programa relaciona-se com o seu interior e com a história do sítio. Pretende-se que o espaço interior não seja impositivo na configuração de espaços, podendo o seu programa ser completamente alterado sem a necessidade de recorrer a grandes intervenções.

48 Excerto de entrevista feita a Guta Moura Soares inserida na revista: GIL, Filipe, As Indústrias Criativas trazem mais-valias sociais, económicas e culturais para o contexto onde se inserem”, **Cidades Criativas**, n. 3, 2009, p. 47.

O programa distribui-se por sete pisos onde combinam diversos módulos de escritórios, receções, salas polivalentes, salas de reuniões, refetório, área social, áreas de descanso e lazer, espaços de trabalho em regime "open space", bar e auditório. Já no exterior há a construção de um reservatório de água e o aproveitamento de vários terrenos em socacos para o cultivo de hortas e hortos comunitários.

Em suma, o programa tenta assim constituir uma *"oportunidade de regeneração dos centros das cidades e de reforço enquanto espaço de produção"*⁴⁹, associado aos espaços/cidades criativas. Surge também como uma oportunidade de resposta ao projeto camarário para o encerramento dos hospitais da colina de Santana⁵⁰, pelo que é necessário encontrar novas soluções para as diversas atividades no sítio que dependem destes grandes equipamentos.

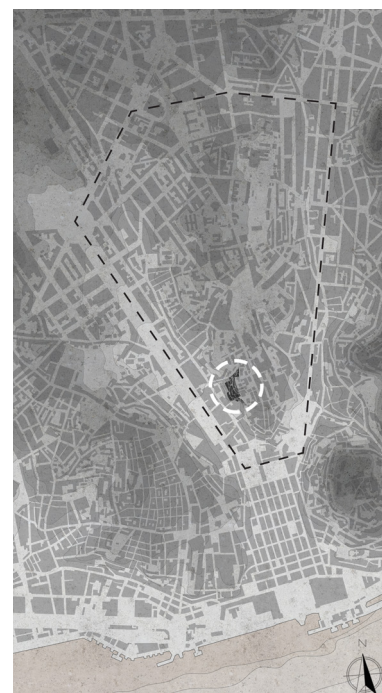


Fig. 117 | Planta de localização.

Legenda:

Tracejado preto - colina de Santana

Tracejado branco - localização da proposta

9.4 | PROPOSTA URBANA

A partir de uma conexão entre os planos horizontais e verticais, associados aos conceitos delineados e à relação com o sítio e com a sua memória, a proposta urbana pretende ser um elemento bastante forte na vivência e regeneração deste espaço.

A proposta tem como principal objetivo a criação de percursos e vistas sobre a cidade pela encosta, quer no seu plano vertical de subida e descida, quer num plano horizontal de percursos/atravessamentos à mesma cota pela encosta.

49 MARTINS, Juliana, Projectar a "Cidade Criativa": A urbanização do parque tecnológico no projecto one-north, em Singapura - Zaha Hadid, **Cidades Criativas**, n. 3, 2009, p. 50.

50 LUSA, Lisboa: Fecho de hospitais na Colina de Santana é "oportunidade de regeneração", Jonal Publico, 27 de Fev. de 2014, disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/02/27/local/noticia/lisboa-fecho-de-hospitais-na-colina-de-santana-e-oportunidade-de-regeneracao-1626390>>, acesso em: 12 jun. 2018.

Num plano vertical, a partir da rutura do quarteirão a norte, é criada uma praça/miradouro, pela rua Câmara Pestana, que funciona como uma extensão da rua, permitindo criar assim um momento em que é possível, entrar no logradouro e ter uma visão sobre a cidade. Parte desta praça é coberta, emergindo dois acessos verticais para o uso de cargas e descargas do edifício e duas claraboias que permitem a entrada de luz para o interior do edifício e funcionam como dois elementos escultóricos do equipamento urbano.

A partir do miradouro/praça existe o acesso através de uma rampa para um patamar inferior, situado na cobertura do edifício. Neste patamar há a entrada para o interior do complexo pela receção principal e uma ligação direta com a estação do ascensor da calçada do Lavra. Através deste patamar é possível percorrer a colina num plano horizontal pela cobertura do edifício até ao ponto de acessos verticais para a vila operária Serra Fernandes, pela reconstrução de uma casa em ruínas desta vila. É possível ainda descer até ao jardim onde se situa a esplanada do refeitório e área social, com vista para a calçada do Lavra. Todos estes percursos são realizados através de coberturas verdes, com vegetação rasteira e passeios definidos.

Já num patamar inferior acontece o grande atravessamento horizontal da colina, onde se situa a cota de entrada dos pisos inferiores do edifício, espaço com bar/esplanada e jardim. Aqui surge a criação de um longo percurso que liga a calçada do Lavra ao beco de S. Luís da Pena, em que os prédios que fazem fronteira entre a rua e o logradouro são alvo de intervenções permitindo que o utilizador entre por eles e tenha acesso direto ao percurso. Deste modo há a integração do edificado na nova proposta sem grandes modificações, possibilitando um maior controlo de horário de fecho e abertura do espaço.

Esta aplicação vem no decorrer do que acontece nas intervenções contemporâneas da cidade, em que o acesso para um sítio de maior destaque ou para logradouros é feito através da entrada em edifícios preexistentes, como acontece por exemplo numa das entradas do Lx Factory e do elevador do Castelo.



Fig. 118 | Entrada para o elevador do Castelo a partir do edifício localizado na rua dos Fanqueiros, 2018.

Este percurso horizontal apresenta duas tipologias diferentes: a primeira desde a calçada de Santana até ao muro de contenção perto do Coliseu dos Recreios, realizado através de um socalco, proporcionando um longo miradouro sobre a cidade em que por baixo se situa o reservatório de água; e uma segunda tipologia através de um passadiço aéreo até à entrada do edifício do beco de S. Luís da Pena.

Já nos socalcos inferiores do sítio, há o aproveitamento de dois patamares para terrenos de cultivo comunitários, com acessos feitos por novas escadarias e por aproveitamento das preexistentes.

A proposta urbana propõe ainda manter não só alguma vegetação e árvores existentes, como também, criar novos tapetes de vegetação relacionados com o sítio, permitir vários pontos de entrada pela cidade e manter sempre uma vista livre sobre a cidade a partir de várias alturas.

Fig. 119 | Planta da proposta urbana.



9.5 | DISTRIBUIÇÃO FUNCIONAL

Para um melhor entendimento da proposta apresentada, denomina-se por blocos os dois volumes, situados a este e a oeste, com a seguinte distribuição funcional por pisos:

Piso 0

Definido como piso à cota da praça/miradouro localizado na rua Câmara Pestana. A partir daqui permite-se o acesso à entrada do edifício no bloco oeste, pela rampa exterior até ao piso -1. Neste piso situam-se os núcleos de acessos verticais de serviço para cargas e descargas emergindo do piso inferior, na parte coberta do miradouro/praça. Existe ainda um núcleo de acessos na casa reconstruída da vila operária Serra Fernandes que permite o acesso ao patamar de cobertura e interior do bloco este do edifício.

Piso -1

Bloco Oeste: Situa-se a entrada e receção principal do edifício, com os núcleos verticais de acesso públicos e uma parte de serviços onde se localizam arrumos, espaços técnicos e de serviços e compartimento dos lixos. É o piso que tem acesso direto para a estação do ascensor do Lavra e como tal é onde está localizado um compartimento para os funcionários da Carris, que anteriormente já existia, com espaço de arrumos e instalações sanitárias.

Piso -2

Bloco oeste: situa-se o refeitório/área social, um grande átrio de duplo pé direito composto por mesanines e clarabóias, esplanada. É o espaço proposto para a grande convivência e interação que o programa necessita. É composto pela zona de serviços onde se encontra a cozinha do refeitório, as despensas/arrumos, instalações e vestiários de funcionários.

Na zona pública há instalações sanitárias, um acesso direto ao jardim na encosta e um corredor que dá acesso aos compartimentos de escritórios e ao bloco este a partir de um passadiço que passa sobre a encosta da colina preservada.

Neste bloco os compartimentos de escritórios são destinados a pequenas empresas e o seu compartimento é previamente escolhido através da colocação de painéis. Existe uma primeira matriz de compartimentação que é definida pela estrutura do edifício e uma segunda compartimentação secundária que corresponde à metade da matriz principal, podendo existir assim uma multiplicidade de escolhas de áreas de espaços.

Bloco este: situa-se uma pequena receção para os acessos a partir da vila Serra Fernandes, uma entrada para o jardim na encosta da colina, um núcleo de acessos públicos, um corredor que dá acesso ao bloco oeste e aos escritórios. Aqui estes compartimentos são destinados a médias e grandes empresas, em que a sua compartimentação é apenas definida pela estrutura, se necessário, e as áreas são maiores do que no bloco oeste.

Fig. 120 | Planta Piso -2



Piso -3

Bloco oeste: situa-se a continuação do refeitório/área social, com uma área menor, um pequeno café/bar e espaços de trabalho com a mesma configuração do piso superior. Aqui, a partir dos conceitos de percurso pelo interior da colina há a mudança de acessos verticais, onde deixam de existir os núcleos de acesso à recepção, mais recuados, para existirem novos mais próximos do espaço de trabalho.

Bloco este: ocorre a mesma configuração do piso acima, acrescentando apenas umas escadas de emergência com acesso ao exterior.

Piso -4

É a partir deste piso que emergem dois novos volumes, com apenas dois pisos, separados dos anteriores por um poço de luz.

Bloco este: deixa de existir compartimentação e passa a existir um grande espaço amplo, "open-space", onde co-habitam os espaços de "coworking", trabalho, estudo e lazer ligado ao novo volume através de um corredor, e aqui situa-se os acesso para a recepção e um espaço de lazer e estudo em mezanine.

Bloco oeste: volta-se a repetir a compartimentação do piso acima, e no novo volume que emerge, situa-se o auditório de duplo pé direito, com cobertura inclinada, e uma grande sala de reuniões e conferências.

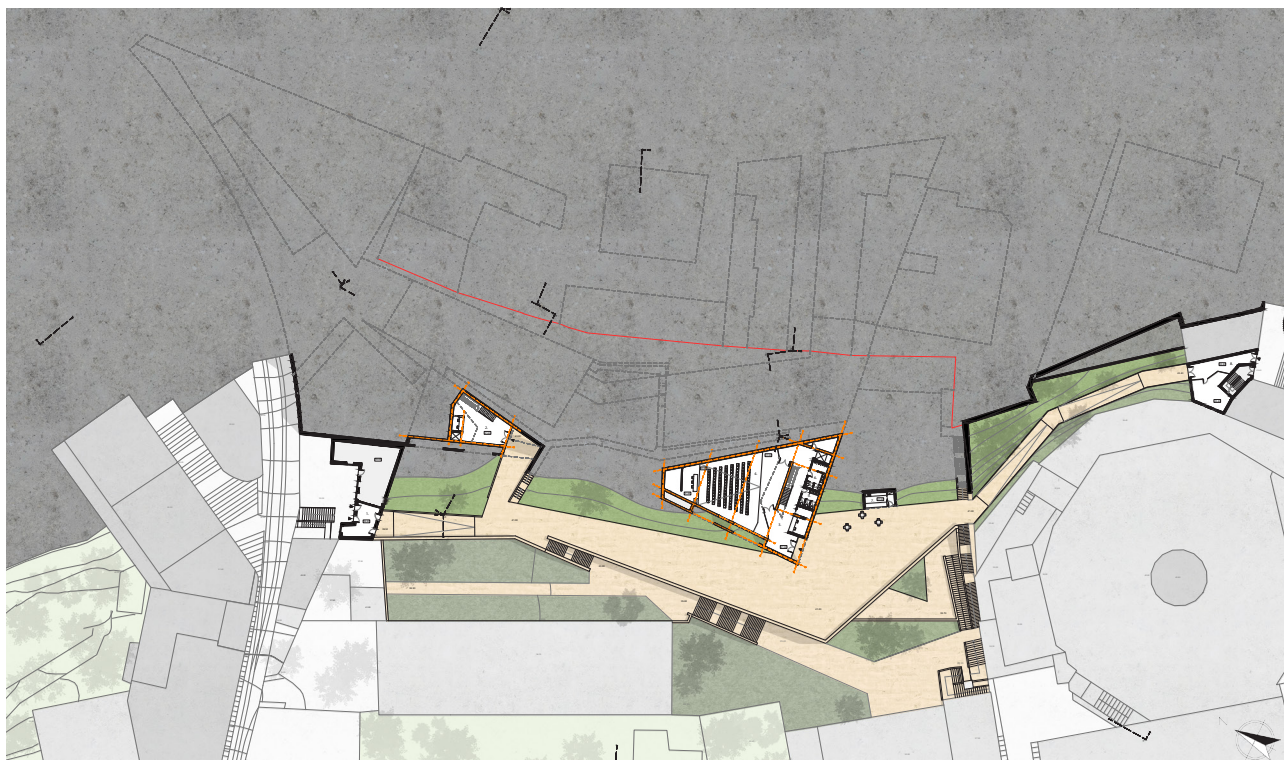
Piso -5

Neste piso, deixam de existir os volumes mais recuados passando apenas a existir os que se situam mais afastados do interior da encosta.

Bloco este: pequeno átrio de entrada com receção e acessos verticais.

Bloco oeste: espaço de entrada e receção, dando acesso direto ao auditório/sala polivalente, com instalações sanitárias e acessos verticais.

Fig. 121 | Planta Piso -5



Reservatório

Já numa cota inferior à cota de soleira do edifício, surge o reservatório, um espaço que além de aproveitar as águas da colina, para depois as reaproveitar no edifício e nos campos de cultivo, funciona também como um espaço onde é possível a realização de conferências e diversos tipos de eventos e exposições. No seu interior há diversos patamares e escadas, de cotas diferentes, que percorrem o interior do reservatório.

É possível ainda acrescentar que os diversos volumes são constituídos por diversas entradas de luz zenital, proporcionadas pela topografia e por diversos muros de contenção. Estas entradas permitem que através da materialidade e forma das paredes interiores do edifício, a luz escorregue até os pisos inferiores.

Há ainda o rasgo dos blocos através da criação de poços de luz que fazem a transição entre os dois volumes de três e dois pisos. Estes não servem só como pontos de entrada de luz, mas também, como espaços de interação e vivência, assim como a referência dos “claustros” citada pelo projeto do Parque Tecnológico de Óbidos.

Fig. 122 | Corte transversal



9.6 | MATERIALIDADE

Através dos vários conceitos apresentados na relação do edifício com a colina e com a sua envolvente, a materialidade assume aqui um lugar de destaque pelo auxílio na clareza de respostas aos diversos conceitos.

Em toda a proposta arquitetónica e urbana, a pedra lioz é o principal material utilizado, uma vez que é a pedra da região, muito marcada nos miradouros próximos, como o miradouro de S. Pedro de Alcântara e o miradouro do Jardim do Torel.

A imagem exterior, nomeadamente nas fachadas, vem no decorrer da análise da arquitetura estereotómica, "...aquela em que a gravidade se transmite de uma forma contínua, através de um sistema estrutural contínuo onde a continuidade constructiva é completa. É a arquitectura maciça, pétrea, pesada. A que assenta sobre a terra como se dela nascesse. É a arquitectura que procura a luz, que perfura as paredes para que a luz penetre." ⁵¹ com a arquitetura tectónica "...aquela em que a gravidade se transmite de uma forma descontínua, num sistema estrutural com nós onde a construção é sincopada. É a arquitectura óssea, lenhosa, leve que repousa sobre a terra, como que erguendo-se em pontas. É a arquitectura que se defende da luz, que tem de velar os seus vãos para controlar a luz que a inunda." ⁵² conceitos apresentados por Alberto Campo Baeza.

Deste modo a fachada estereotómica que reveste todo o edifício é composta por pilares estruturais que protege e sobrepõe-se a uma fachada tectónica mais recuada de vidro que cria uma fonteira entre o interior e exterior do edifício. A partir da fachada em vidro é possível oferecer ao interior do edifício as vistas para a cidade.

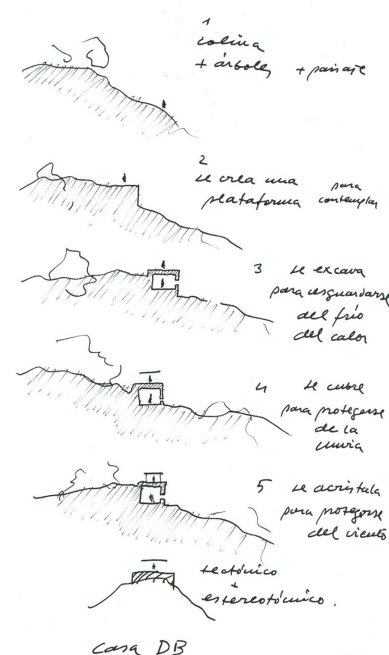


Fig. 123 | Desenho sobre arquitetura estereotómica e tectónica. Casa de Blas, Alberto Campo Baeza, 2000.

⁵¹ BAEZA, Alberto Campo, *A ideia construída*, Lisboa: Caleidoscópio, 2011, p. 65.

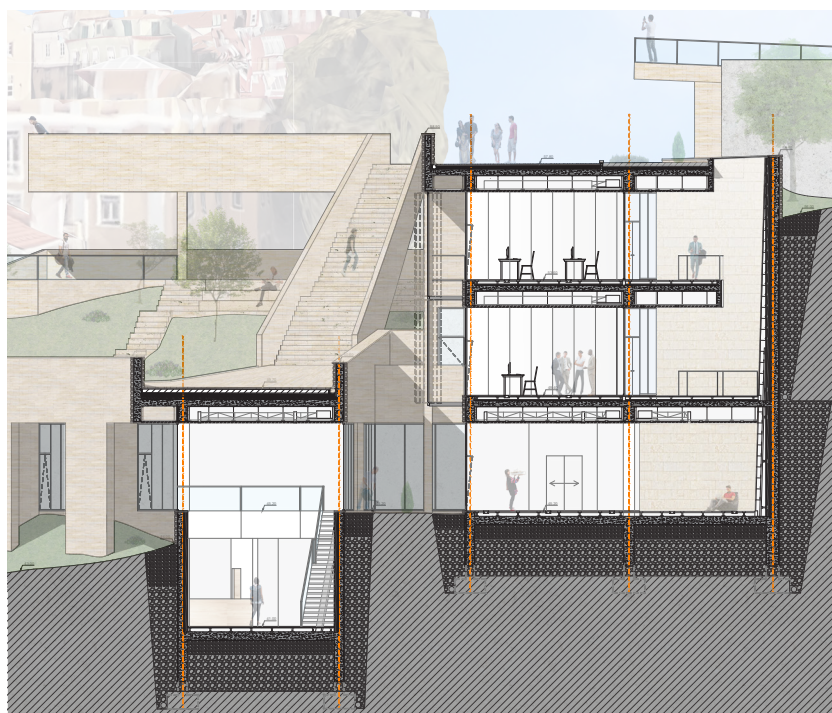
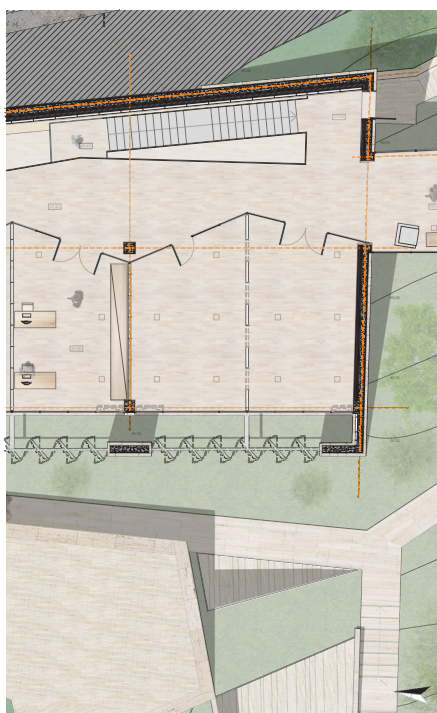
⁵² Ibid., p. 66.

No entanto, as vistas e a luz direta para o interior são controladas pelas fachadas esterotômicas, que aqui assumem bastante importância, uma vez que estão orientadas a poente e a entrada da luz é direta, necessitando de algum controle e sombreamento. Por isso, as fachadas são compostas por painéis metálicos, em que é possível a sua rotação.

No interior, as paredes que servem de muro de contenção são compostas por pedra lioz, que pela sua clareza e pureza conseguem transmitir a luz até aos pisos inferiores. As divisórias do espaço de trabalho amovíveis são compostas por painéis acústicos em aglomerado de partículas de madeira, revestidos de cor neutras, em tubos de aço e perfis de alumínio.

O controlo da imagem para a cidade é preponderante na leitura entre o sítio, a memória e a sua envolvente. Reconhecer o espaço enquanto encosta, o seu passado e perceber o novo edifício como parte integrante da cidade e do sítio, são as sensações que se pretende suscitar a quem habita e visita o espaço, impulsionadas pelos diversos materiais construtivos, percursos, formas, declives topográficos, jardins, vegetação, reaproveitamento de preexistências e das novas aberturas sobre e para a cidade.

Fig. 124 | Planta e corte de detalhe construtivo



10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir do desenvolvimento das vias romanas que davam acesso a Olisipo, a cidade romana de Lisboa, que se começou a desenhar e a erguer o que viria a ser o centro histórico da cidade. Era através de duas linhas de vale que se fazia a entrada em Lisboa, que convergiam na Baixa da cidade e eram separadas pelo mesmo acidente topográfico, a colina de Santana.

Nomeadamente pela *"Corredoura"* um caminho rural, situado no vale do Valverde, que ao longo do tempo foi edificado por diversos edifícios, sendo os palácios aqueles que tiveram maior presença neste eixo. Ao longo dos tempos, esta vai ser a principal estrada de entrada na cidade, dando acesso direto ao Rossio. Contudo, esta importância foi depois transferida para a Avenida da Liberdade, que desenhada a partir dos Planos de expansão da cidade de Ressano Garcia ganha importância no vale do Valverde. No entanto, o antigo caminho regenera-se e a partir de costumes da cidade da época, torna-se local de diversões noturno, a partir dos seus teatros, clubes e coliseu.

No vale a nascente, outro importante caminho se desenvolveu, servindo também de entrada na cidade, a linha dos Anjos-Arroios, também este rural, marca-se na cidade a partir da edificação da Baixa da Mouraria, mas nunca conseguindo adquirir uma importância significativa na cidade. Tomado sempre em segundo plano, onde várias foram as construções rurais e edifícios degradados que foram permanecendo ao longo do tempo é com a construção da atual Avenida Almirante Reis e da praça do Martim Moniz que se modifica grande parte da estrutura deste vale, tornando-o num importante ponto de chegada ao centro da cidade.

Outro caminho importante se desenvolveu na colina de Santana, na sua linha de cumeeira, a denominada *"Carreira dos Cavalos"* que associada a divertimentos aristocráticos, permaneceu durante muito tempo relacionada com os animais.

Junto deste eixo fixou-se um matadouro, a escola de Veterinária, um campo de venda de gado e a praça de Touros. É por aqui que se abre o *Campo de Santana*, atual Campo Mártires da Pátria, que funcionava como um importante "*Rossio campestre*" da cidade.

Entre estas linhas de vale e cumeada, situavam-se as encostas da colina, que inicialmente pertenciam aos terrenos de várias cercas de conventos e palácios. Ao longo do tempo abriram-se caminhos que venciam o declive e as encostas foram-se edificando, quer pelas divisões e loteamentos das cercas, quer pelos planos de expansão e melhoramento da cidade de Lisboa que se desenvolveram.

Estas encostas permaneceram bastante tempo como locais onde a mobilidade era extremamente penosa. Surgindo no século XIX os grandes mecanismos para vencer o acentuado declive, como o ascensor do Lavra. Foi neste século, influenciados pelos costumes que imperavam na sociedade, que nasceu uma nova imagem na encosta a poente da colina de Santana, pela construção de diversos palacetes e do Jardim do Torel.

No século XX, a mobilidade na cidade volta a fazer parte dos grandes planos propostos, mas aqui o principal beneficiador foi o automóvel, no entanto a grande revolução nos transportes públicos aconteceu com a abertura do metropolitano de Lisboa, contudo, a parte antiga da colina de Santana ficou de fora destes planos.

Vários são os espaços que se foram mantendo presentes na encosta, espaços de oportunidade, espaços expectantes, que outrora tinham uma função associada e hoje permanecem desligados da cidade, sem qualquer função importante e servem como poderosos reabilitadores urbanos do centro histórico da cidade.

A proposta de intervenção urbana e arquitetônica procura aproveitar as qualidades de um desses espaços que permanece na encosta a poente da colina de Santana. A partir de uma proposta em que o seu conteúdo programático se baseia nos conceitos de cidade criativa, dispondo de locais de trabalho, de incubadoras de empresas, um espaço com uma forte convivência e dinâmica de espaços, com o objetivo de trazer o máximo possível de envolvimento dos utilizadores que habitam e visitam a cidade.

A partir do seu declive, da sua memória, das suas relações com a envolvente a proposta visa explorar o que de melhor este espaço tem para oferecer associado a uma nova imagem na cidade e uma nova forma de habitar a encosta.

Afirma-se assim, que através da proposta este novo sítio se integra na cidade e nos seus sistemas de espaços coletivos, relacionando-se com a sua envolvente, numa linguagem que projete com a topografia, servindo como um potencial motor na regeneração e reabilitação urbana para a colina de Santana

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

AA. VV, **Estudo Urbano da Colina de Santana**. Lisboa: ESTAMO - Grupo Segastamo, 2013.

ALMEIDA, Fernando de (coord). **Monumentos e edifícios notáveis de Lisboa: Concelho de Lisboa**. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1973.

ALMEIDA, Fialho de. **Lisboa monumental**. Lisboa: Ilustração Portuguesa, 1906.

ARAÚJO, Norberto de. **Peregrinações em Lisboa**. vol.s IV, XIV 2o ed., Lisboa: Vega, 1993.

ARCHIVO Municipal. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1883.

BAEZA, Alberto Campo. **A ideia construída**. Lisboa: Caleidoscópio, 2011.

BARATA, Ana Cristina. Das colinas de Lisboa: as "avenidas aéreas" nunca construídas -About Lisbon hills: the never built "aerial avenues". **Cadernos do Arquivo Municipal**, n. 9, p. 125–136, 2018.

BRITO, Vasco; CAMARINHAS, Catarina Teles Ferreira. Elementos para o estudo do Plano de Urbanização da Cidade de Lisboa (1938). **Cadernos do Arquivo Municipal**, n. 9, p. 163–189, 2007.

CASTILHO, Júlio de. **Lisboa Antiga/Bairros Orientais**. Vol.s II, XII, 2o ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.

DAVID, Ana (coord.). **Vazios urbanos/Urban voids**. Trad. Alberto Montoya, Ana Dória; Diego Molina. Lisboa: Caleidoscópio, 2007.

DIAS, Marina Tavares. **Lisboa desaparecida**. Lisboa: Quimera, 1992.

GIL, Filipe. "As Indústrias Criativas trazem mais-valias sociais, económicas e culturais para o contexto onde se inserem". **Cidades Criativas**, n. 3, 2009.

GÓIS, Damião. **Descrição da cidade de Lisboa**. Trad. José da Felicidade Alves. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

HAUSER, Sigrid; ZUMTHOR, Peter. **Peter Zumthor: Therme Vals**. Zurique: Verlag Scheidegger und Spiess, 2007.

MACEDO, L. Pastor de. **Lisboa de Lés-a-Lés**. Vol. I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1940.

MACEDO, L. Pastor de. **Lisboa de Lés-a-Lés**. Vol. II. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1942.

MARTINS, Juliana. Projectar a “Cidade Criativa”: A urbanização do parque tecnológico no projecto one-north, em Singapura - Zaha Hadid. **Cidades Criativas**, n. 3, 2009.

MOITA, Irisalva (coord). **D. João V e o abastecimento de água a Lisboa**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1990.

MOITA, Irisalva (coord). **O Livro de Lisboa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1994.

REVEREND, Carlos Ignácio de. **Planta Geométrica do Bairro de Andaluz**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1756

RIBEIRO, Lurdes. O Projecto da Avenida dos Anjos - Algumas considerações gerais. **Cadernos do Arquivo Municipal**, n. 5, p. 64–107, 2001.

SALTA, Ana Maria. **Rua da Inveja**. Lisboa: Edições Colibri, 2013.

SANTANA, Francisco; SUCENA, Eduardo. **Dicionário da História de Lisboa**. Lisboa: Carlos Quintas & Associados, 1994.

SILVA, António Vieira da. **A cerca Fernandina de Lisboa**. vol. I, 2o ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987.

SILVA, Raquel Henriques da. **Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874-1909**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1989.

SPIER, Steven. Place, authorship and the concrete: three conversations with Peter Zumthor. **ARQ - Architectural Research Quarterly**, vol. 5, n. 1, 2001.

ZINK, Rui. **A Palavra Mágica e outros contos**. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

WEBGRAFIA

ARQUITECTURA da ilusão em Óbidos candidata ao prémio Mies van der Rohe 2015. Jornal i, 27 de Jan. de 2015. Disponível em: <<https://online.sapo.pt/268786>>. Acesso em: 18 ago. 2018.

ALVAREZ, Emilio Tuñón; MANSILLA, Luis M. (39) **ROYAL COLLECTIONS MUSEUM. 2000-... MANSILLA+TUÑÓN ARCHITECTS.** Disponível em: <<http://mansilla-tunon-architects.blogspot.com/2011/10/39-royal-collections-museum-2000.html>>. Acesso em: 20 set. 2018.

CHENG, Linda. **New Victorian parliament offices embraced by landscape.** ArchitectureAU. Disponível em: <<https://architectureau.com/articles/new-victorian-parliament-offices-embraced-by-landscape/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

DELAQUA, Victor. **Parque Tecnológico em Óbidos.** ArchDaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/762507/parque-tecnologico-em-obidos-jorge-mealha>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

LUSA. **Lisboa: Fecho de hospitais na Colina de Santana é “oportunidade de regeneração”.** Jornal Público, 27 de Fev. de 2014. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2014/02/27/local/noticia/lisboa-fecho-de-hospitais-na-colina-de-santana-e-oportunidade-de-regeneracao-1626390>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SBEGHEN, Camilla. **Museu das Coleções Reais / Mansilla + Tuñón Arquitectos.** ArchDaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/798781/museu-das-colecoes-reais-mansilla-plus-tunon-arquitectos>>. Acesso em: 26 set. 2018.

THE new garden that is transforming Victoria’s Parliament House. Architecture and Design. Disponível em: <<https://www.architectureanddesign.com.au/news/the-new-garden-that-is-transforming-victoria-s-par>>. Acesso em: 15 set. 2018.

THE Therme Vals / Peter Zumthor. ArchDaily. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/13358/the-therme-vals>>. Acesso em: 20 set. 2018.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AA. VV. **Contractos**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1882.

ALMEIDA, Fernando de. **Monumentos e edifícios notáveis de Lisboa: Concelho de Lisboa**. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1973.

BUSQUETS, Joan; CORREA, Felipe. **Cities X Lines: A New Lens for the Urbanistic Project**. Cambridge: Graduate School of Design, Harvard University, 2006.

CAEIRO, Baltasar Matos. **Os Conventos de Lisboa**. Lisboa: Distri Editora, 1989.

CAETANO, Joaquim Oliveira. **Chafarizes de Lisboa**. Lisboa: Distri Editora, 1991.

CARRILHO DA GRAÇA, João Luís. **Carrilho da Graça: Lisboa**. Lisboa: Dafne, 2015.

COSTA, A. Celestino da. **A evolução de uma cidade: Lisboa**. 2ª ed. Lisboa: Câmara Municipal, 1962.

FERNANDES, José Manuel. **Lisboa, Arquitectura e Património**. Lisboa: Livros Horizonte, 1989

FRANÇA, José Augusto. **Lisboa: História física e moral**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009

FRANÇA, José Augusto. **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1997

HINSE, Ton. **The Morphology of the Times. European Cities and their Historical Growth**. Berlim: DOM Publishers, 2014.

LAMAS, José; DUARTE, Carlos. **Plano de Renovação Urbana da Área do Martim Moniz. Lisboa**. Lisboa: E.P.U.L. – Empresa Pública de Urbanização de Lisboa, 1982.

LOURENÇO, Nuno; SALGADO, Manuel. **Atlas Urbanístico de Lisboa**. Lisbon Urban Atlas. Lisboa: Argumentum, 2006

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1999.

RAMOS, Courinha. Sant'Ana. *In: Bairros Populares de Lisboa*. Lisboa: RTP, 1900.

ROSSA, Walter. *Além da Baixa: Indícios de Planemaneto urbano na Lisboa Setecentista*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998.

RUBY, Andreas; RUBY, Ilka. *Groundscapes: el reencuentro con el suelo en la arquitectura contemporánea ; the rediscovery of the ground in contemporary architecture*. Vol.5. Barcelona: Gustavo Gili, 2006

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Terrain Vague in territorios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

SILVA, A. Vieira da. *A cerca Fernandina de Lisboa*. 2ª ed., Vol I. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987.

ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, S.A., 2006

ANEXOS

ANEXO I | COMPLEMENTOS À INVESTIGAÇÃO

Cartografias históricas
Planos da cidade de Lisboa
Imagens e panorâmicas

ANEXO II | COMPLEMENTOS AO PROJETO

Ortofotomapas
Registo fotográfico
Outras referências

ANEXO III | PROCESSO DE TRABALHO

Esboços e desenhos
Maquetes de estudo
Maquete final da proposta

ANEXO IV | PROPOSTA FINAL

1. Planta de localização | Escala: 1/5 000
2. Planta de implantação / Proposta urbana | Escala: 1/500
3. Planta do Piso 0 | Escala: 1/200
4. Planta do Piso -1 | Escala: 1/200
5. Planta do Piso -2 | Escala: 1/200
6. Planta do Piso -3 | Escala: 1/200
7. Planta do Piso -4 | Escala: 1/200
8. Planta do Piso -5 | Escala: 1/200
9. Planta do Reservatório de água | Escala: 1/200
10. Cortes AB, JL e FI | Escala: 1/200
11. Cortes CE e MP | Escala: 1/200
12. Corte QS e Alçado poente | Escala: 1/200
13. Planta e corte de detalhe construtivo | Escala: 1/50

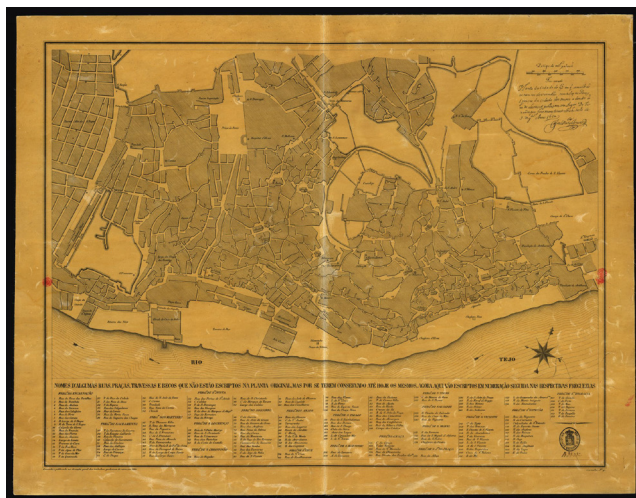
ANEXO I | COMPLEMENTOS À INVESTIGAÇÃO

Cartografias históricas

Planos da cidade de Lisboa

Imagens e panorâmicas

CARTOGRAFIA HISTÓRICAS



Cartografia de Lisboa - João Tinoco, 1650.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital de Portugal



Planta de Lisboa, com indicação da Cerca Moura e Cerca Fernandina - Guilherme de Menezes, 1761.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta da cidade de Lisboa- José Luís Mendes, 1855.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta de Lisboa - Duarte Fava, 1807.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta da cidade de Lisboa com os diferentes melhoramentos introduzidos e projectados - M. Grima, 1888.

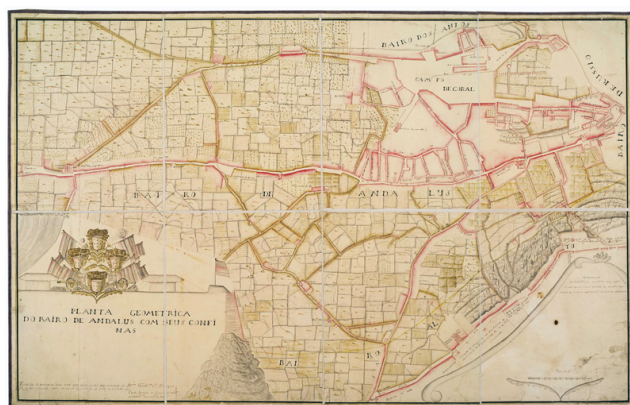
Fonte: Biblioteca Nacional Digital de Portugal



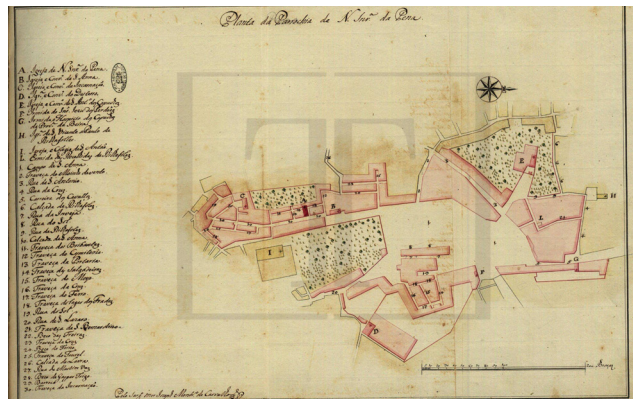
Planta de Lisboa com destaque na colina de Santana - Filipe Folque, 1856-1858.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Planta de Lisboa com destaque na colina de Santana - Silva Pinto, 1911.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

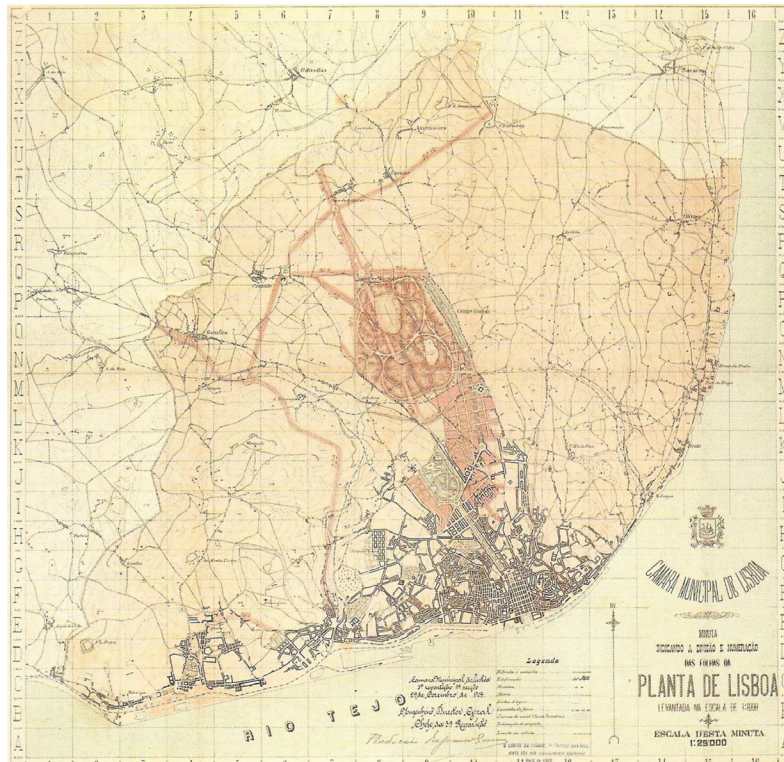


Planta geométrica do Bairro do Andaluz - Carlos Ignácio de Reverend, 1756.
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



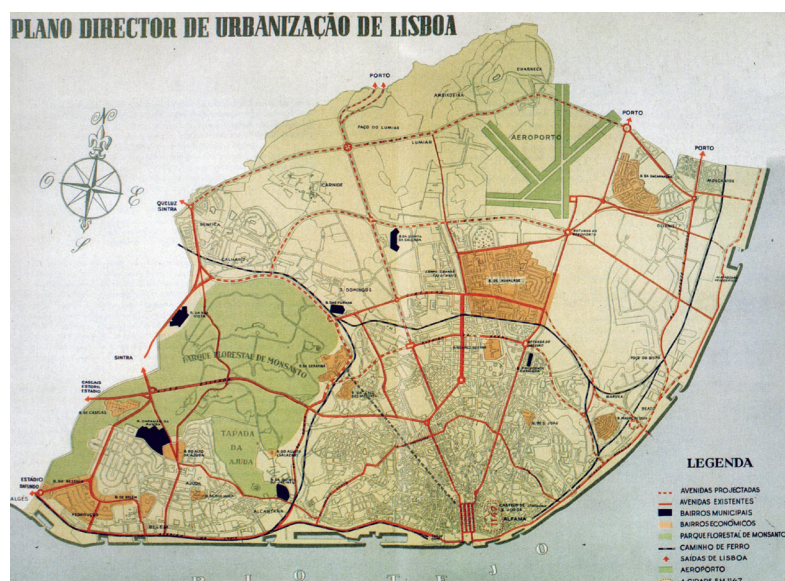
Planta da freguesia de N. Sra. da Pena- José Monteiro de Carvalho 1756-1768.
Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

PLANOS DA CIDADE DE LISBOA



Planta geral de melhoramentos da cidade de Lisboa - Frederico Ressano Garcia, 1901-1904.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



"Plano director de urbanização de Lisboa" - Étienne de Groër, 1948.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

IMAGENS E PANORÂMICAS HISTÓRICAS



Igreja do Convento de Santana, porta lateral para a antiga rua do Convento de Santana, finais do séc. XIX.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Panorâmica sobre a rua dos Anjos no vale Anjos- Arroios, séc. XIX.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Instituto Bacteriológico, após a demolição do Convento de Sant'Ana, 1906.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Panorâmica para o Coliseu dos recreios e vale do Valverde, séc. XIX-XX.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Cruzamento do Campo Mártires da Pátria com a rua Gomes Freire ("Carreira dos Cavalos"), séc. XX.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Panorâmica para os jardins do Torel e pacaletes, séc. XX.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Calçada do Lavra, a partir do largo da Anunciada, séc. XX.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Calçada de Santana, 1903.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



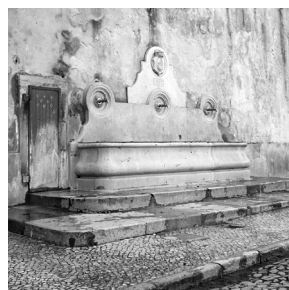
Panorâmica para a encosta nascente da colina de Santana, à esquerda a praça de Touros do Campo Sant'Ana, em baixo à direita o Hospital/Convento do Desterro, séc. XIX

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Pequena habitação no Campo Mártires da Pátria, 1964.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Chafariz do Campo de Sant'Ana, 194-.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



"Canos da Mouraria", ruas e edifícios demolidos, onde hoje existe a Praça Martim Moniz, 1946.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Panorâmica para a Avenida D. Amélia (Av. Almirante Reis) em que é possível ver os extensos campos rurais que a delimitavam, 1908.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Matadouro Municipal no Largo do Matadouro, 1944.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Panorâmica para o Coliseu dos Recreios e Baixa, 1950.

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

ANEXO II | COMPLEMENTOS AO PROJETO

Ortofotomapas

Registro fotográfico

Outras referências

ORTOFOTOMAPAS

Fonte: Google Earth, 2018



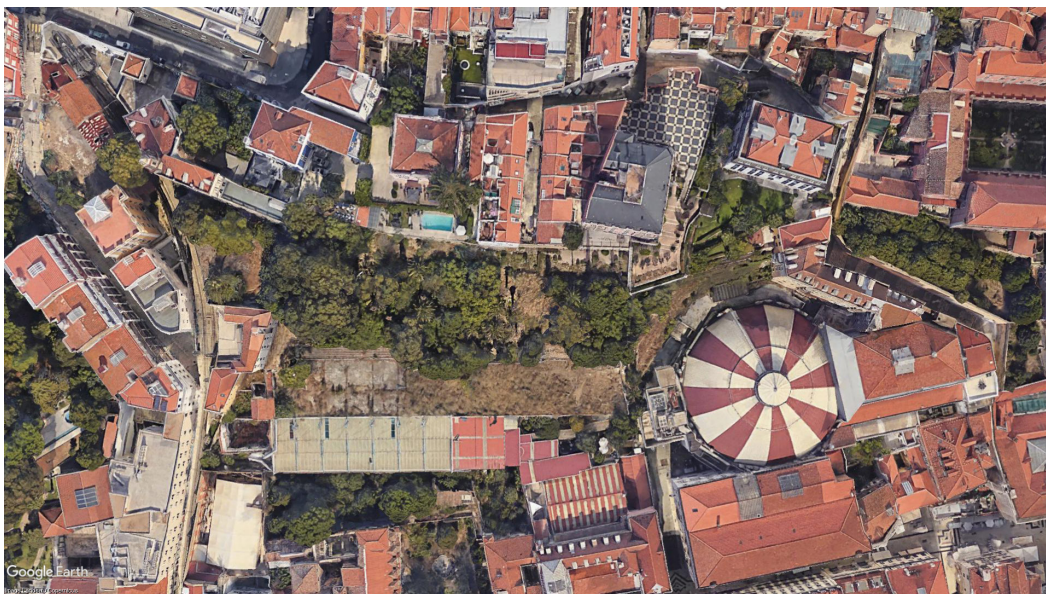
Área Metropolitana de Lisboa.



Centro histórico de Lisboa.



Colina de Santana.



Área de intervenção.

REGISTO FOTOGRÁFICO

Fotos do autor, 2018



Ascensor do Lavra.



Calçada do Lavra.



Estação do ascensor Lavra.



Edifício a intervir na calçada do Lavra



Rua Câmara Pestana, à esquerda entrada para Torel palace, centro edifício do Torel Palace Hotel e à direita terreno sem utilização.



Terreno a intervir, situado entre a calçada do Lavra e o Torel Palace Hotel.



Interior dos barracões do ascensor do Lavra



Perspetiva de entrada do Torel Palace Hotel, ao fundo a rua Câmara Pestana



Vista sobre a cidade a partir do Torel Palace Hotel.



Torel Palace Hotel.



Bairro da Pena



Antiga engomaria, à esquerda, e palacete, ao centro, de Ramiro Leão



Vila operária Serra Fernandes, rua Joaquina. Ao centro o miradouro.



Vila operária Serra Fernandes, rua Joaquina. Ao centro as traseiras da igreja, centro paroquial da Pena.



Casa devoluta na vila operária Serra Fernandes



Vista para a Baixa a partir do miradouro da Vila operária Serra Fernandes.



Antiga fábrica de Ramiro Leão, à direita, ao centro o Convento da Encarnação



Escadas do Beco de S. Luís da Pena, à esquerda o muro de contenção da cerca do Convento da Encarnação



Escadas do Beco de S. Luís da Pena, ao fundo edifício a intervir.



À direita Igreja de S. Luís dos Franceses, ao centro a rua das Portas de Sto. Antão.



Entrada do Coliseu dos Recreios



Rua de acesso entre o Coliseu dos Recreios e o Ateneu Comercial de Lisboa.



Ateneu Comercial de Lisboa (.

OUTRAS REFERÊNCIAS

LA GRANJA ESCALATORS

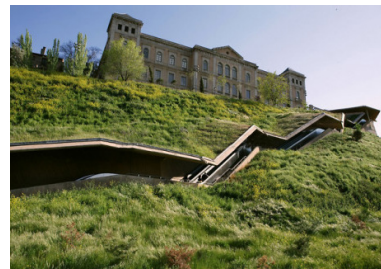
TOLEDO, ESPANHA - 2000

Foi elaborado pela dupla de arquitetos, José Antonio Martínez Lapena e Elias Torres e trata-se um projeto relevante para a colina de Santana, pois traz de uma forma eficaz um modo de acessibilidade numa vertente com grande declive. Através da integração de escadas de rolantes embutidas na encosta.



La Granja Escalators. José Antonio Martínez e Elias Torres, 2000.

Fonte: <https://miesarch.com/work/2634>



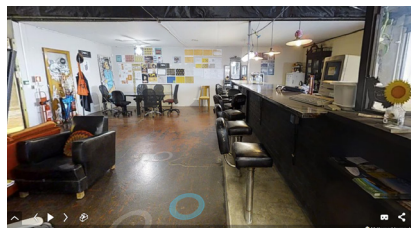
La Granja Escalators. José Antonio Martínez e Elias Torres, 2000.

Fonte: <http://www.jamlet.net/>

LX FACTORY

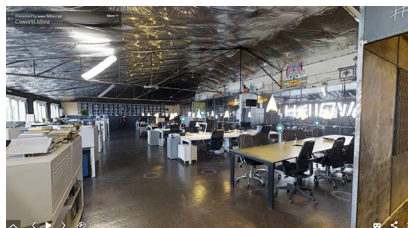
LISBOA, PORTUGAL - 2007

Elaborado pelos arquitetos João Alves e Ana Alves em antigos edifícios industriais. O LX Factory é interessante na forma como podem ser aproveitados e organizados vários espaços, num extenso centro criativo que albergue desde pequenas a médias empresas, a espaços de "cowork" e lazer, numa máxima interactividade entre os utilizadores.



LX Factory. João Alves e Ana Alves, 2007

Fonte: <https://coworklisboa.pt/>



LX Factory. João Alves e Ana Alves, 2007

Fonte: <https://www.insidelisbon.com/pt/package/guia-de-lisboa-parques-e-atracoes-lx-factory/>



LX Factory. João Alves e Ana Alves, 2007

Fonte: <https://lxfactory.com/>



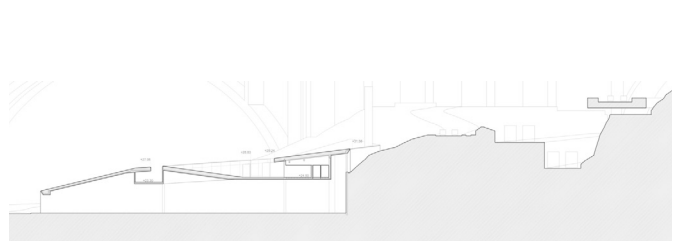
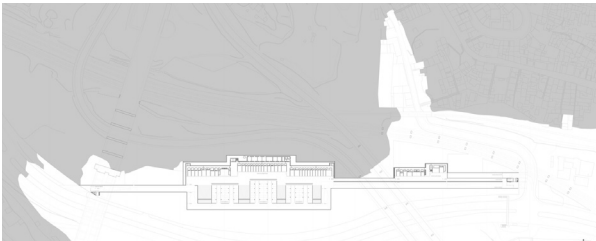
Etar Alcântara, Manuel Aires Mateus, Frederico Valsassina, João Nunes, 2011.

Fonte: <http://www.proap.pt/pt-pt/projecto/etar-de-alcantara/>

ETAR ALCÂNTARA

LISBOA, PORTUGAL- 2011

Foi elaborado pelos arquitetos Manuel Aires Mateus, Frederico Valsassina, João Nunes em 2011. Uma das características mais importantes e úteis deste projeto são as enormes coberturas verdes e as suas configurações, que se relacionam com as encostas do vale de Alcântara, trazendo importante referências de construção, imagem e materialidades.



Planta e corte. Etar Alcântara, Manuel Aires Mateus, Frederico Valsassina, João Nunes, 2011.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-171056/requalificacao-da-etar-de-alcantara-slash-manuel-aires-mateus-frederico-valsassina-joao-nunes>



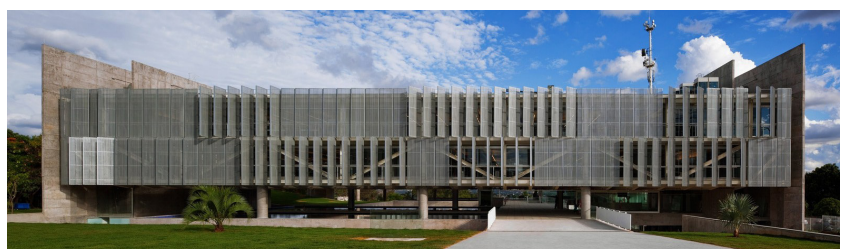
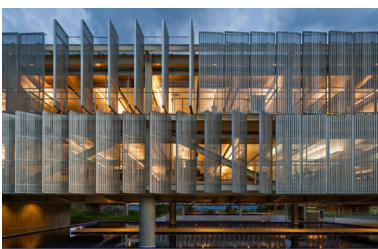
Sede SEBRAE. Gruposp + Luciano Margotto, 2010.

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-402/sede-do-sebrae-gruposp>

SEDE DA SEBRAE

BRASÍLIA, BRASIL- 2010

Realizado pelos arquitetos Alvaro Puntoni, Luciano Margotto, João Sodré, Jonathan Davies. Este projeto de escritórios apresenta uma fachada composta por diversos painéis metálicos que garantem algum conforto térmico para o interior, estando perfeitamente integrados no conjunto. A distribuição funcional e as características das fachadas são importantes referências a reter.



Sede SEBRAE. Gruposp + Luciano Margotto, 2010.

Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-402/sede-do-sebrae-gruposp>

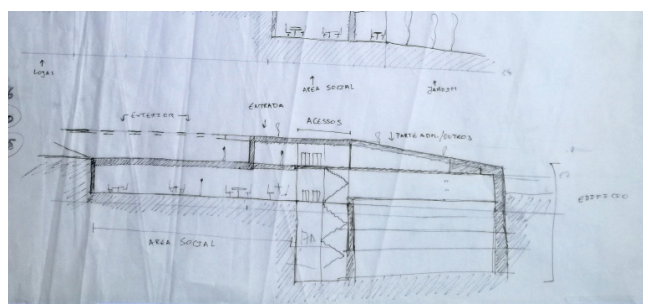
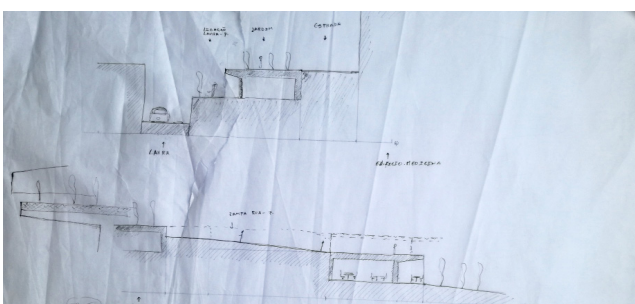
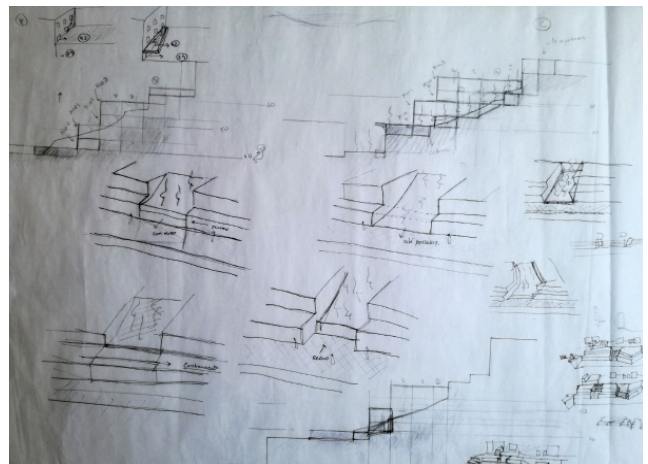
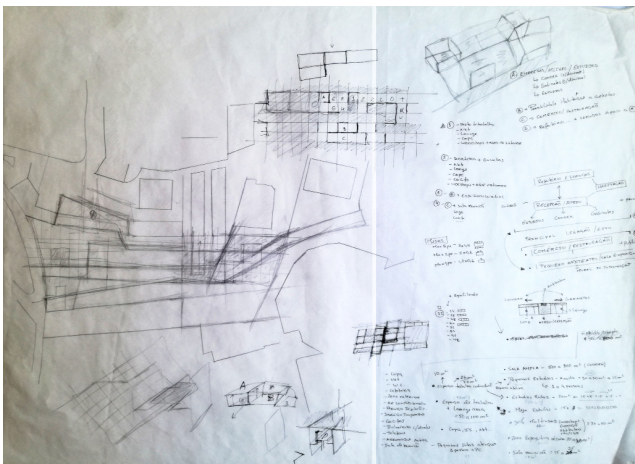
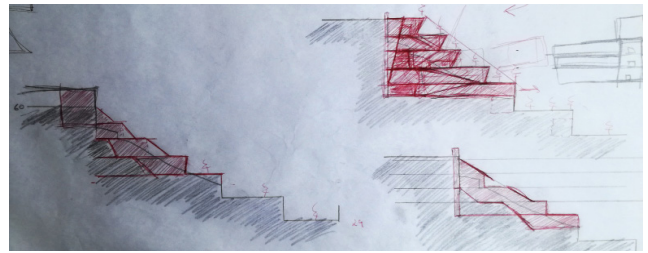
ANEXO III | PROCESSO DE TRABALHO

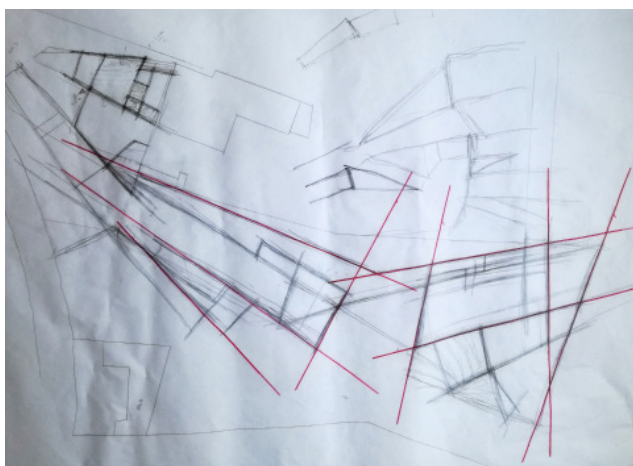
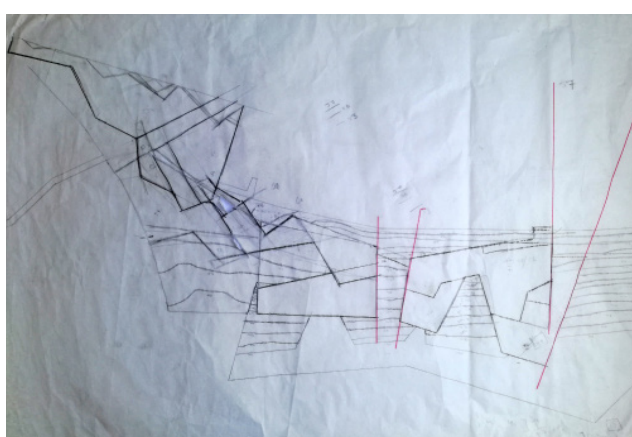
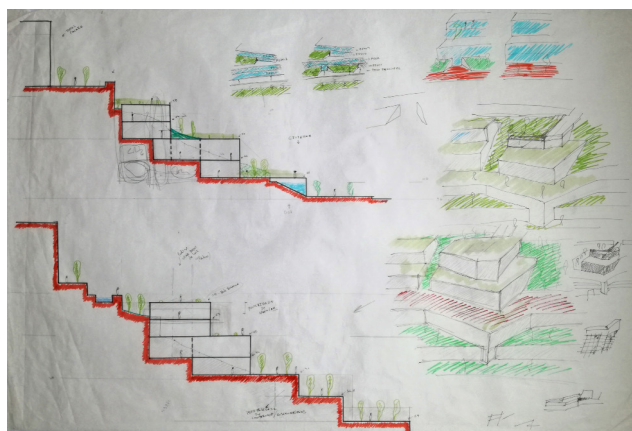
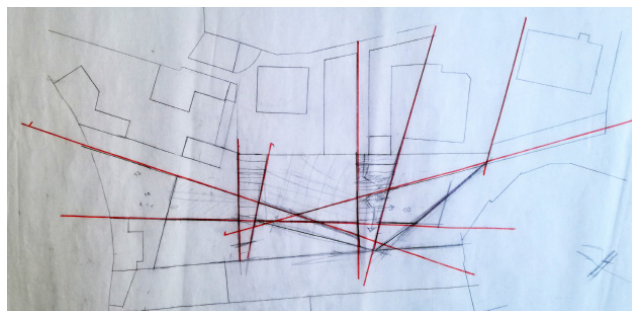
Esboços e desenhos

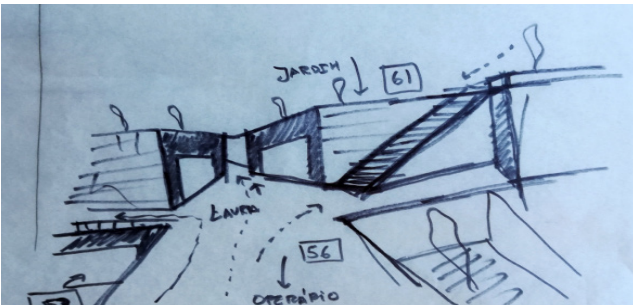
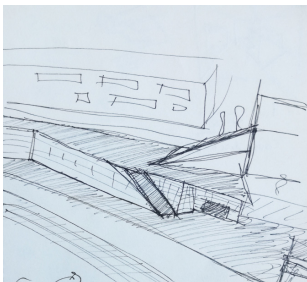
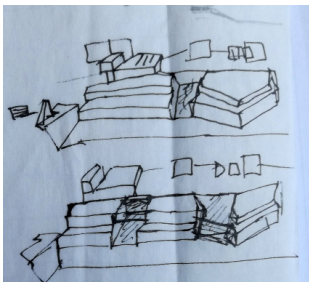
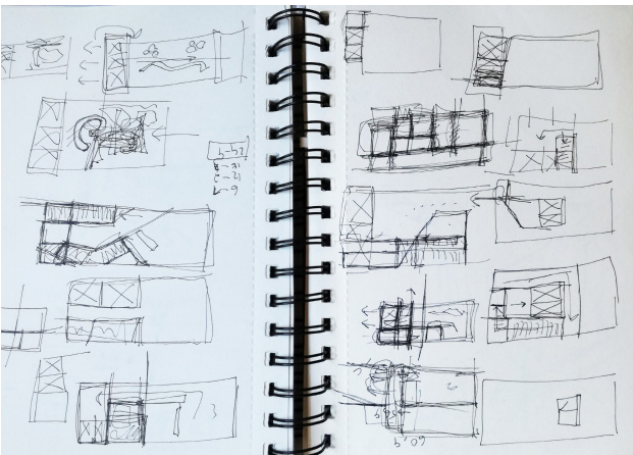
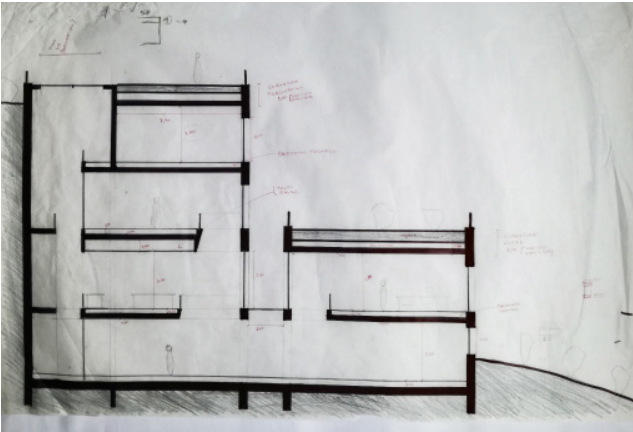
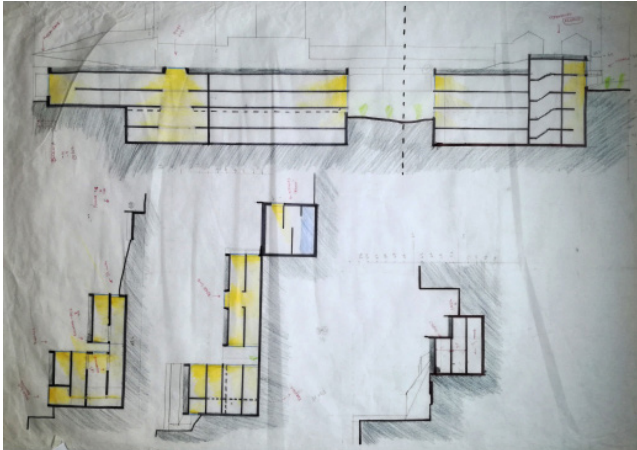
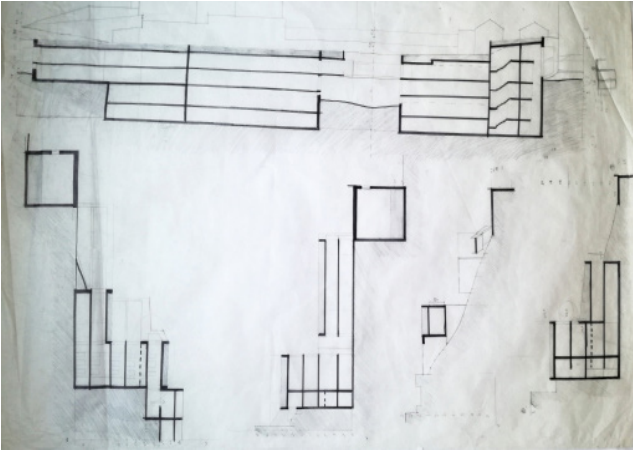
Maquetes de estudo

Maquete final da proposta

ESBOÇOS E DESENHOS

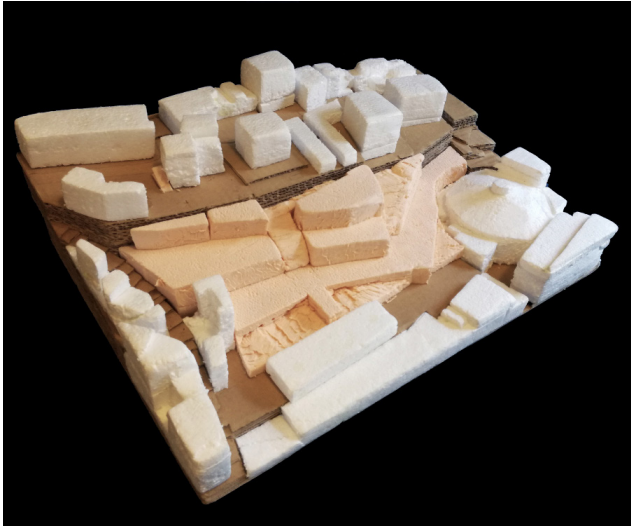
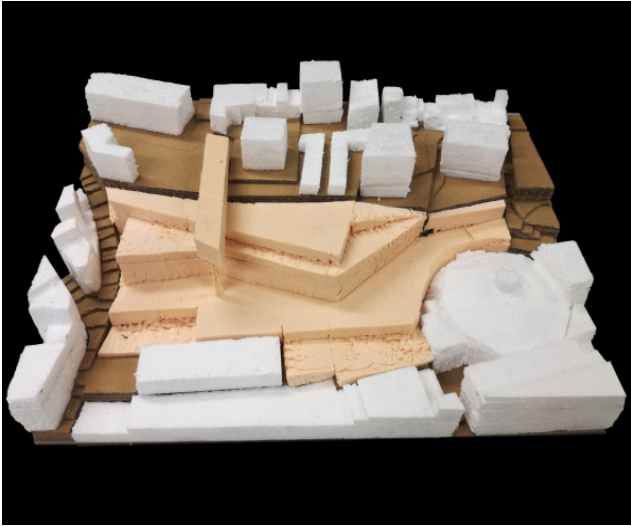


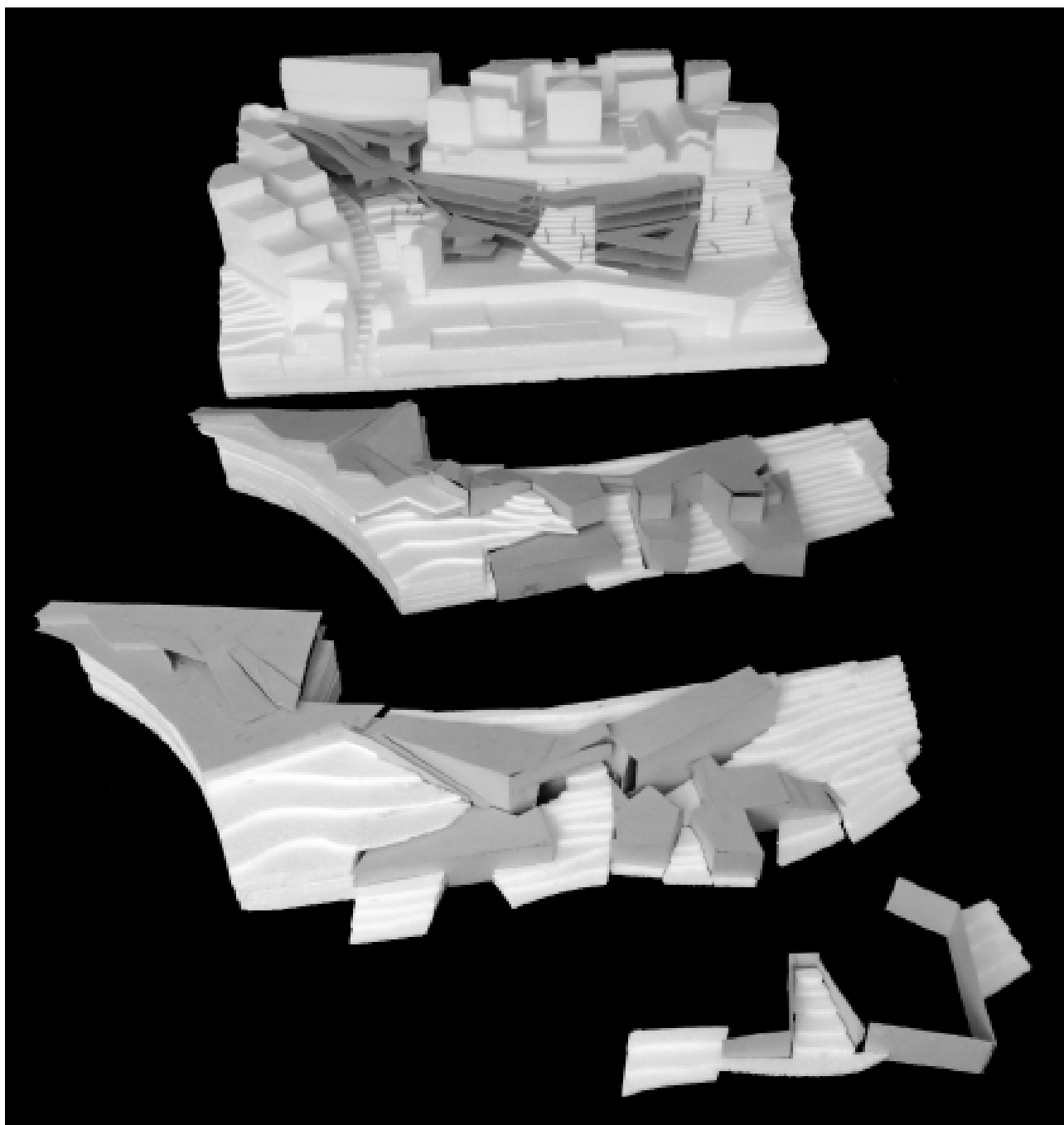


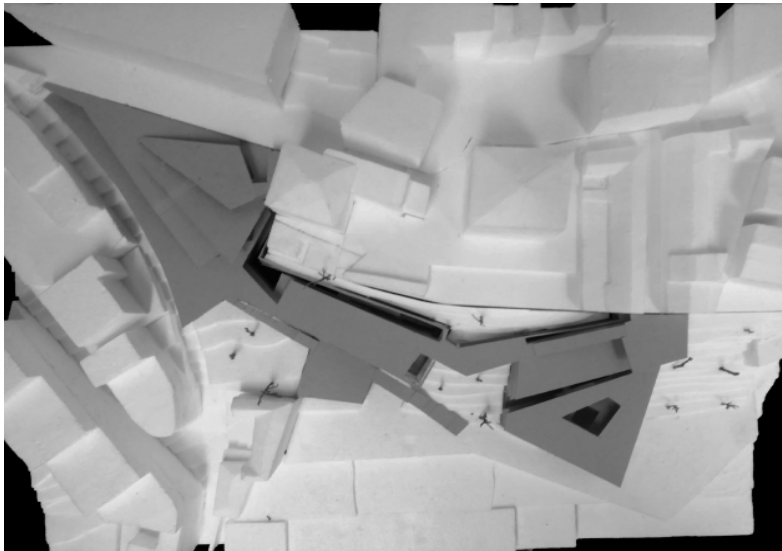
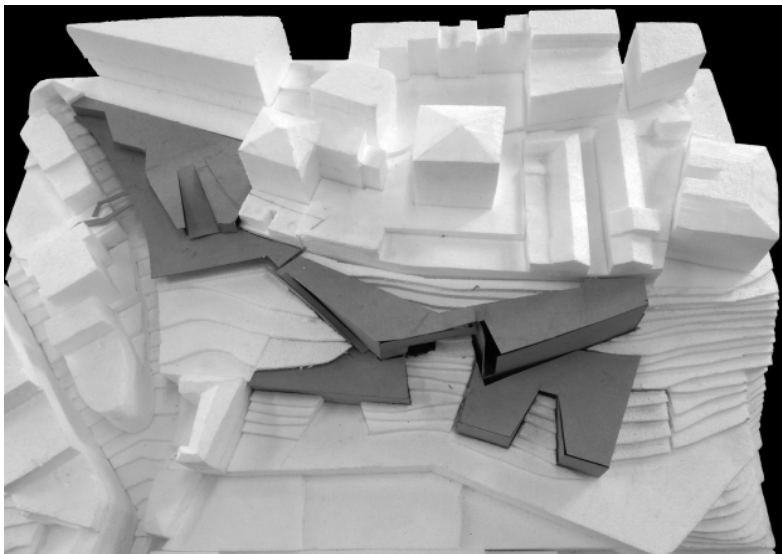
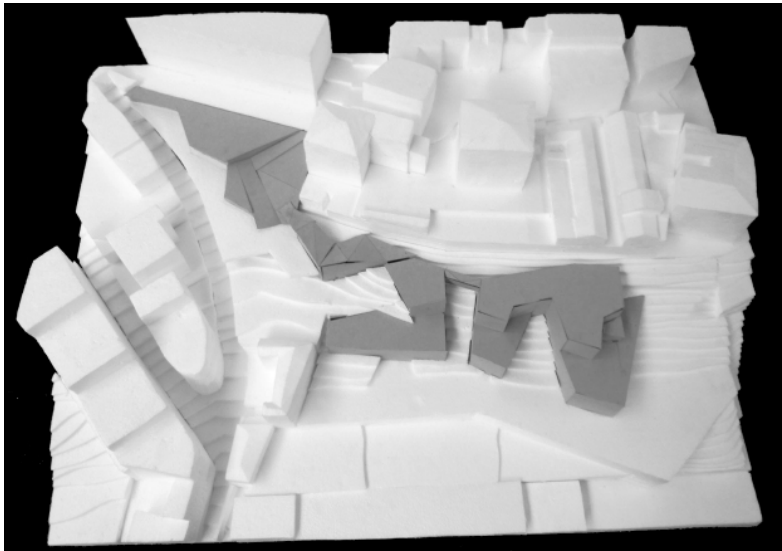


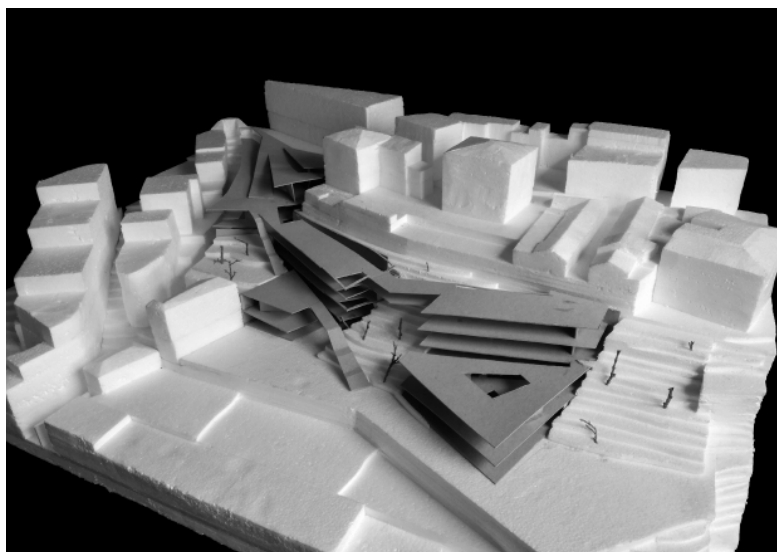
MAQUETES DE ESTUDO





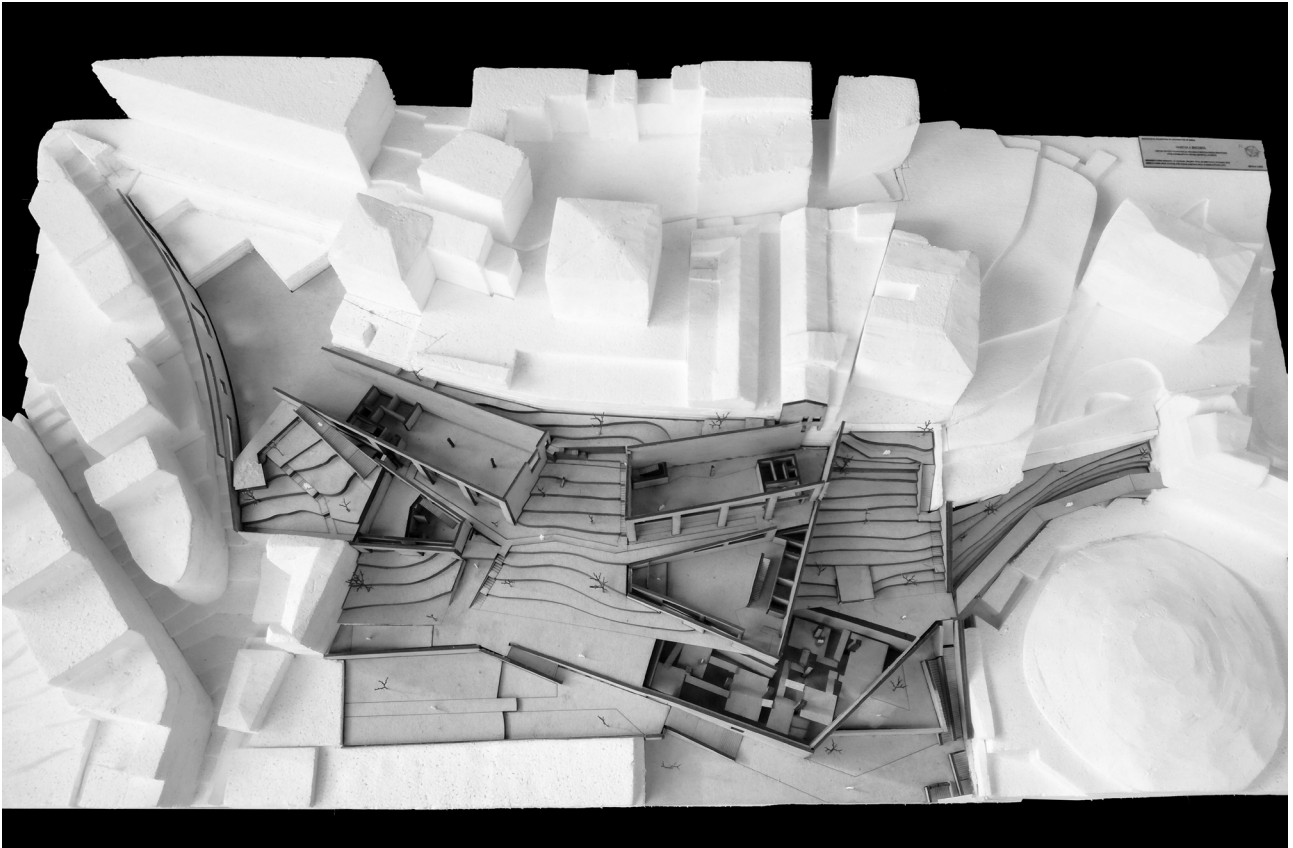


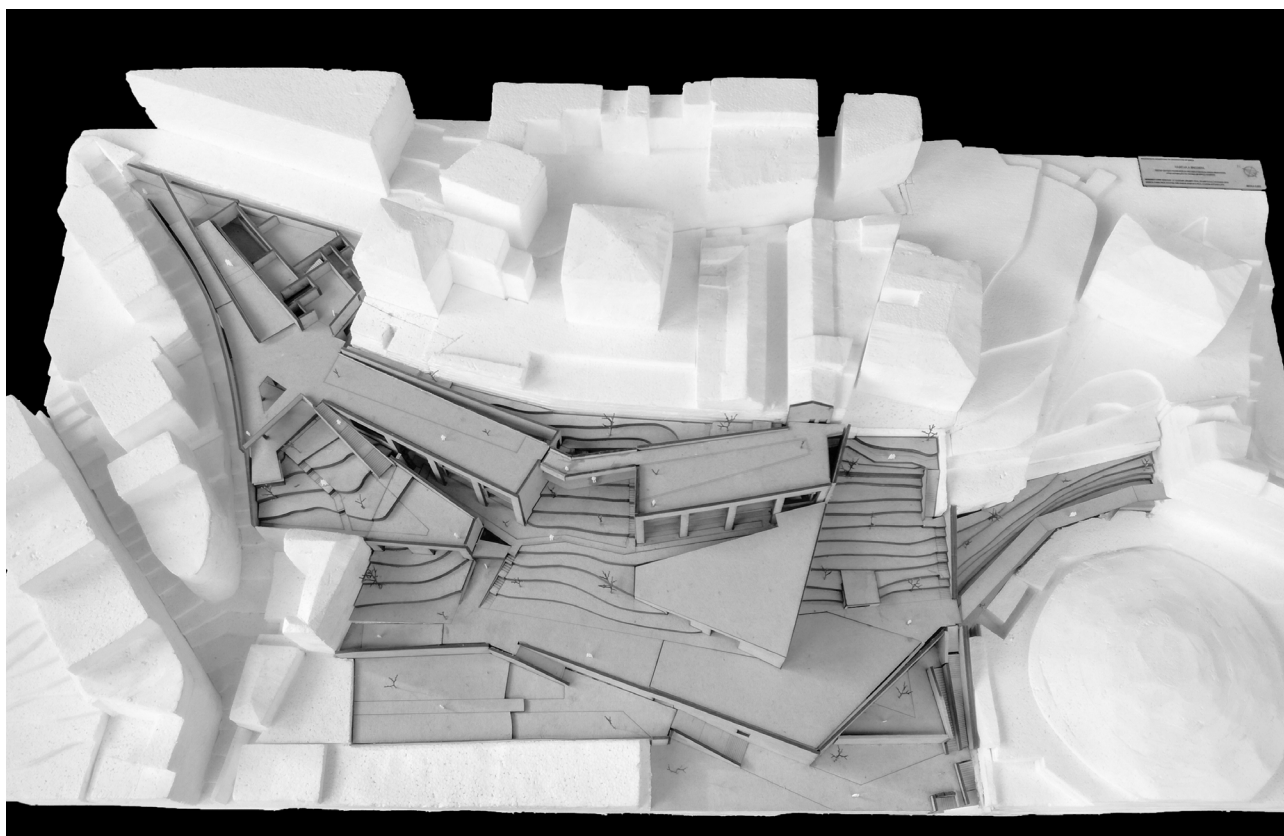
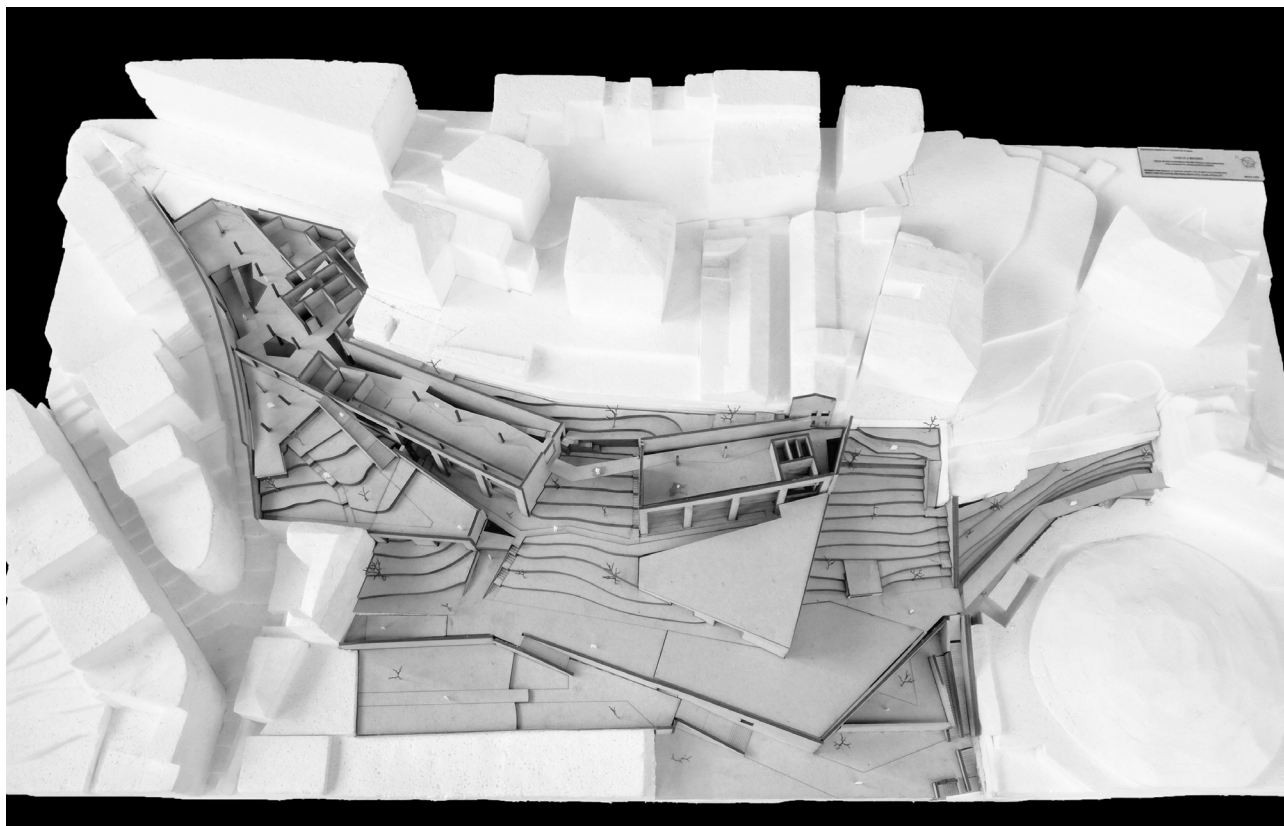


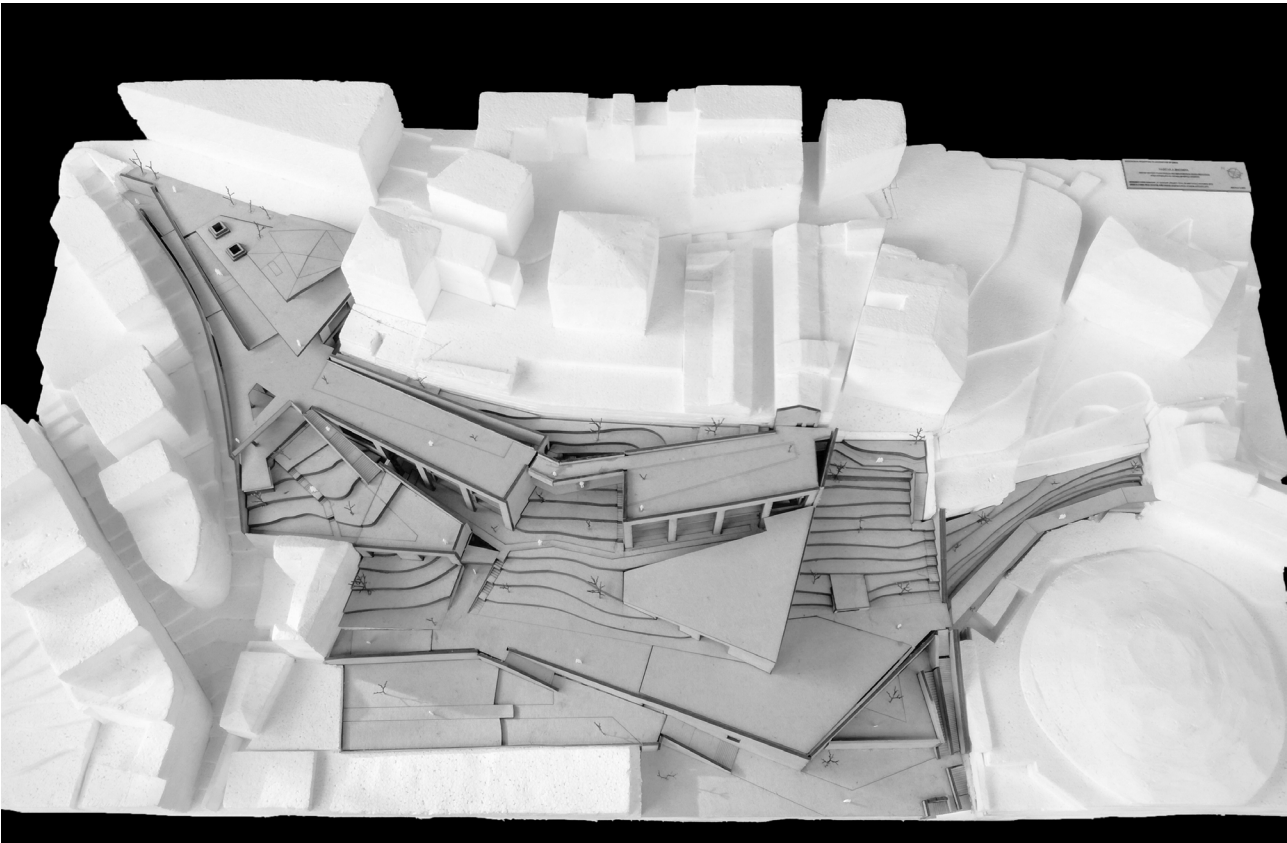
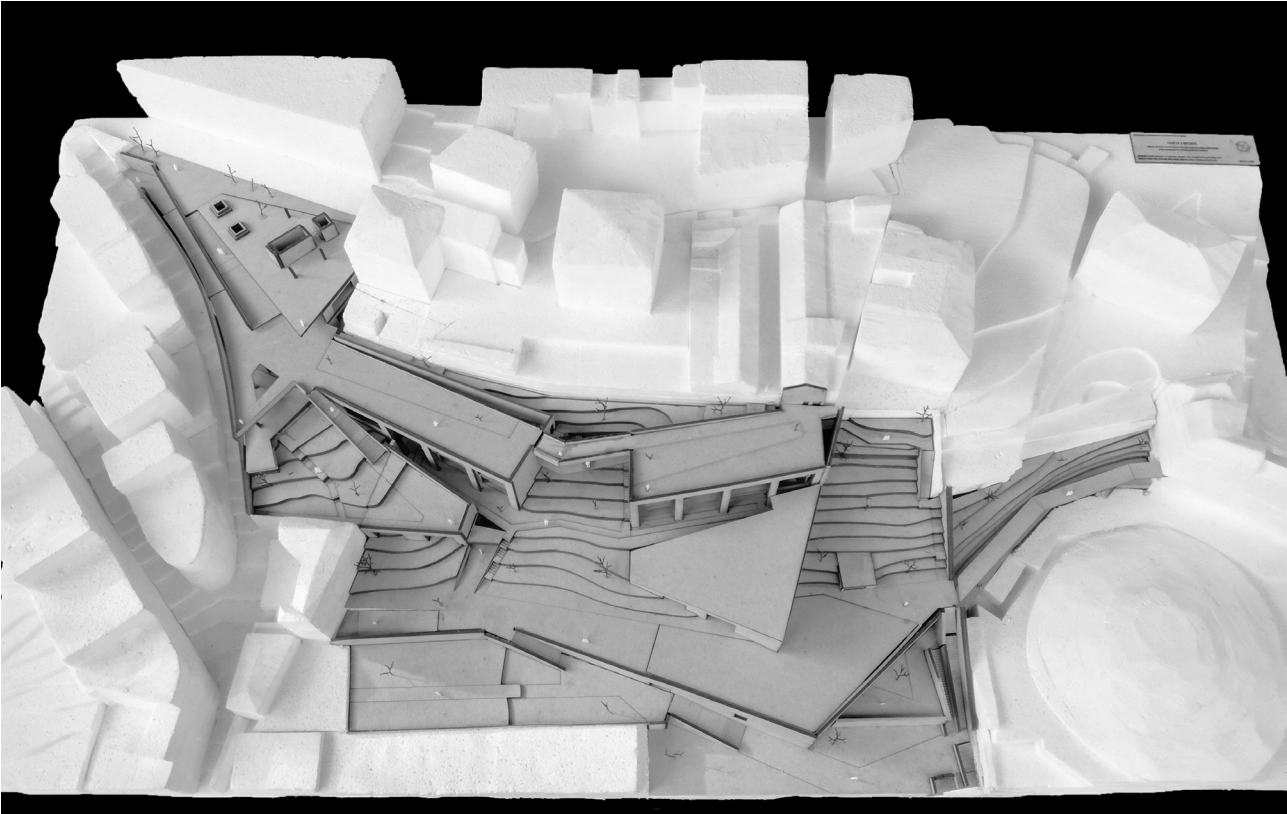


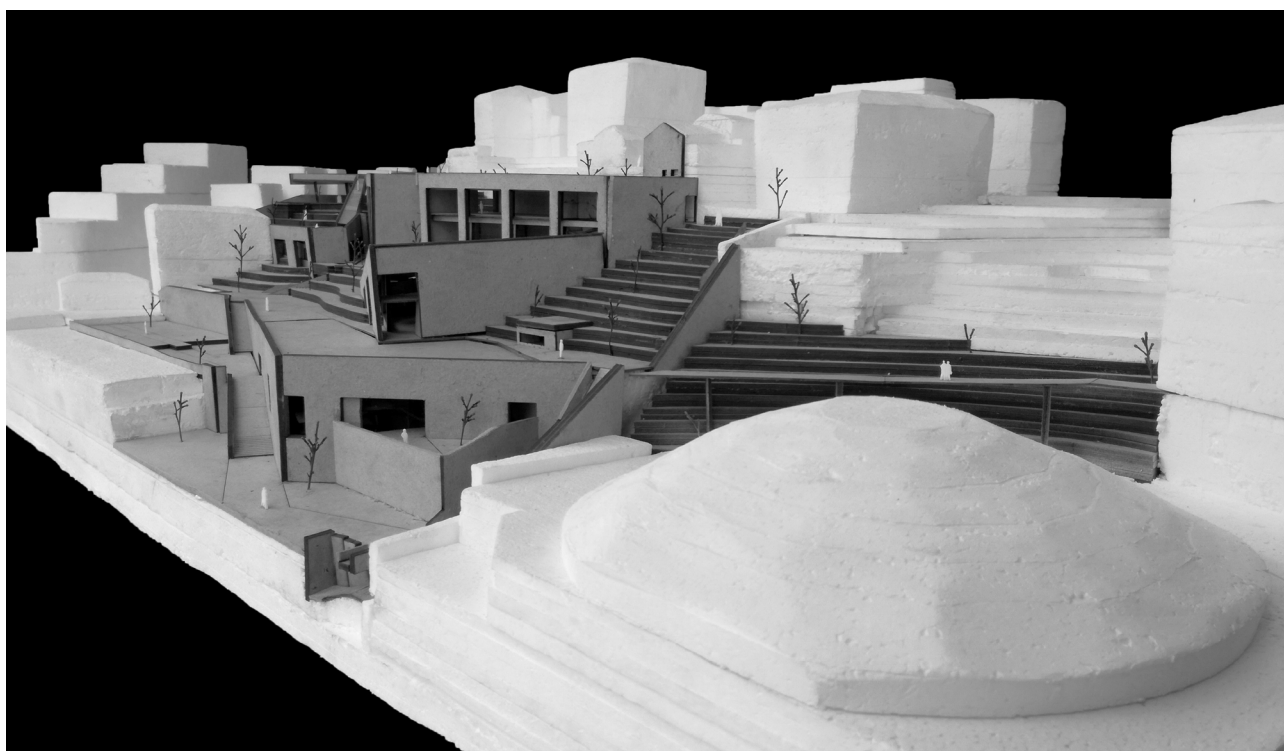
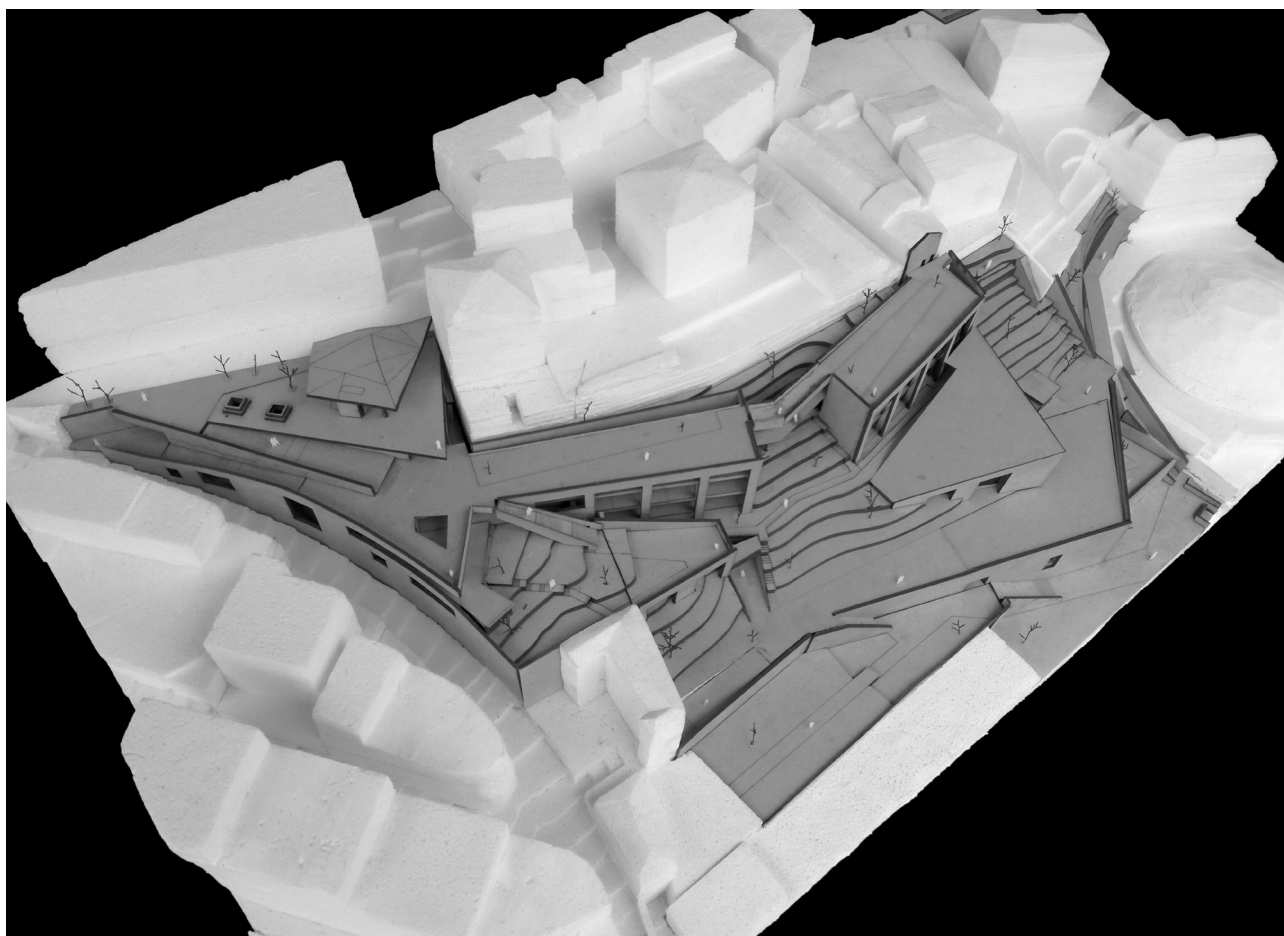
MAQUETE FINAL DA PROPOSTA

Escala: 1/200

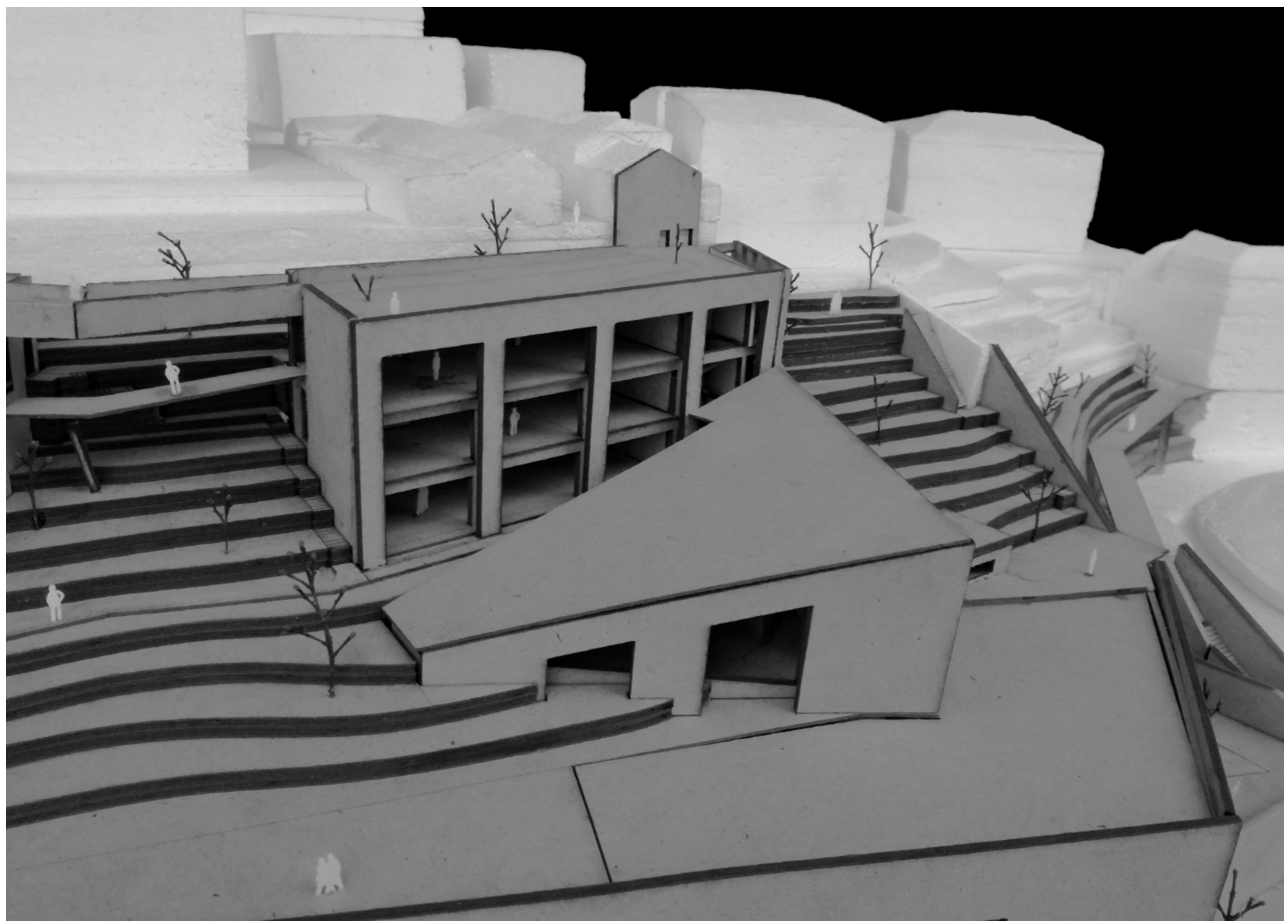




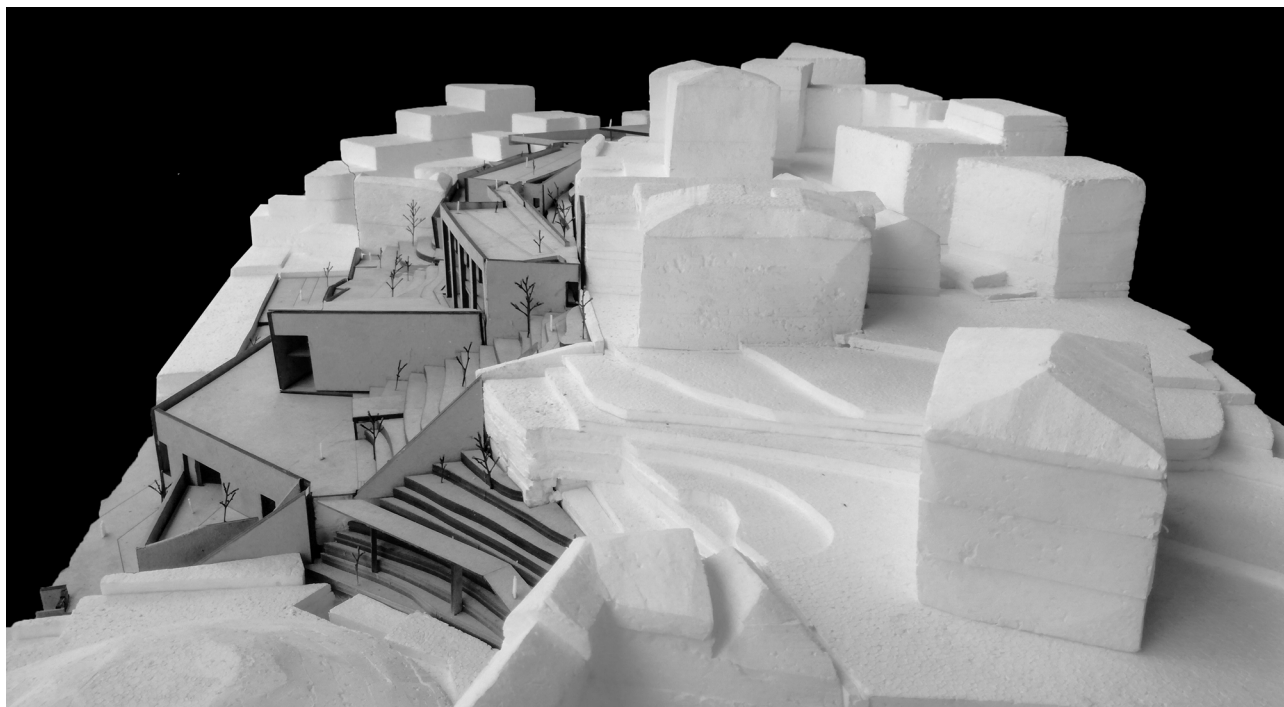












ANEXO IV | PROPOSTA FINAL